



## COMÉRCIO CLANDESTINO

# Vândalos depredam patrimônio público para venda de materiais

Prefeitura da capital, em parceria com o Governo do Estado, instalará 500 câmeras de segurança. **Página 5**

Foto: Evandro Pereira



Além das pichações na Praça Aristides Lobo, vândalos roubaram a mala da escultura do poeta Caixa D'água e danificaram a sua base



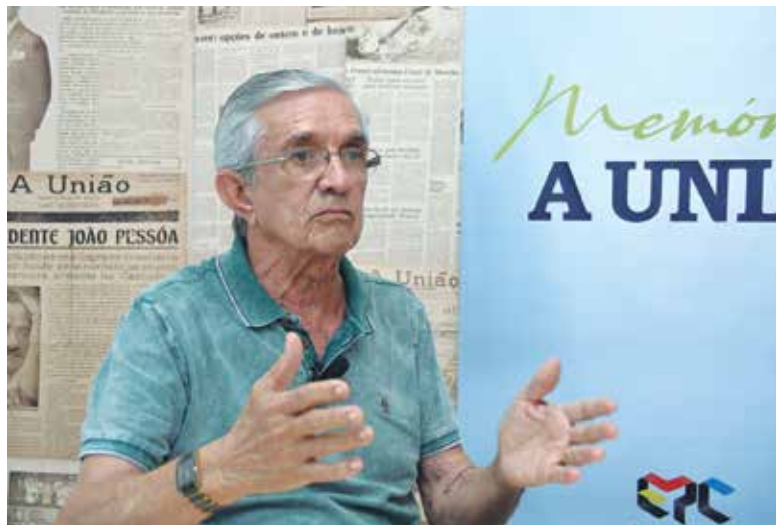
Foto: Divulgação

**Pollyanna Dutra**  
vai reforçar o  
combate à fome  
na Paraíba

Secretária do Desenvolvimento Humano diz que vai fortalecer o programa "Tá na Mesa".

**Página 4**

Foto: Edson Matos



## Memórias

**Zélio Marques cobrou edital até do governador "para dar exemplo"**

O sociólogo presidiu **A União** de 1997 a 2001. E recebeu a missão do então governador José Maranhão de fazer a empresa dar lucro. Cópia do cheque do governador para o edital era mostrado a quem pedia "fiado".

**Páginas 14 e 15**

## Campinense e Treze duelam, hoje, no Estádio Amigão

A partida, marcada para as 19h, é válida pela 7ª rodada do Campeonato Paraibano. Mais um "clássico dos maiores".

**Página 21**



Ilustração: Tônio

**Mudança de nome da capital**  
não entusiasma  
os políticos

**A União** ouviu alguns parlamentares, que acham que há outras questões mais sérias a debater.

**Página 13**

**A União estreia**  
editoria com  
curiosidades  
e diversão

Mix-Curiosidades é a página dedicada a notícias singulares, cartuns e jogo dos nove erros. Divirta-se.

**Página 28**

### Rotina organizada otimiza modelos novos de trabalho

Controle maior sobre os afazeres evita efeitos colaterais da falta de organização, como ansiedade e procrastinação.

**Página 18**

### Governo quer recuperar 202 nascentes de rios

Programa Nascente Viva recupera áreas degradadas com plantio de mudas nativas do Viveiro Florestal.

**Página 20**

■ "Mais de 90% dos turistas pretendem voltar, não apenas no Carnaval, mas muitos voltarão para sentir João Pessoa no seu dia a dia e, quem sabe, ficar aqui".

João Bosco Ferraz de Oliveira

**Página 17**

■ "A análise do uso das expressões morais fundamenta que é necessário explicar o significado moral tanto de 'bom' quanto de 'correto'".

Kleber Maux Dias

**Página 10**



NO BRASIL

# Pobreza afeta 32 milhões de crianças e adolescentes

*CEDCA-PB vai divulgar cartilhas com estratégias para garantir direitos básicos*

Nalim Tavares  
*Especial para A União*

Na primeira infância, o desenvolvimento e aprendizagem da criança são fortemente influenciados pelo meio em que ela vive. O ambiente, as relações e as condições a que uma criança é submetida ao longo do seu crescimento influenciam na formação das características físicas, cognitivas e socioemocionais e, por isso, tal fase da vida é conhecida como uma “janela de oportunidades”, quando aptidões, habilidades e competências são adquiridas com mais facilidade. Por isso, este ano, o Conselho Estadual de Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes da Paraíba (CEDCA-PB) estará divulgando duas cartilhas inéditas no estado, com estratégias voltadas para garantir os direitos básicos da criança e do adolescente.

Os documentos foram pensados como uma forma de combater as múltiplas dimensões da pobreza na infância e juventude, aliados a uma série de outros programas sociais que já são desempenhados pelo Governo Estadual. Um estudo divulgado pela Unicef na última semana, com dados coletados ao longo de 2019, revelou que, no Brasil, 32 milhões crianças e adolescentes são afetados por alguma dimensão da pobreza – como baixa renda, dificuldade de acesso à educação, trabalho infantil, moradia precária, falta de água e saneamento. O número é equivalente a cerca de 63% da população com até 17 anos de idade.

Assim, os documentos surgem para ajudar a combater as desigualdades na Paraíba. Ao todo, serão seis cartilhas – duas

■  
Ao todo, serão seis cartilhas - duas lançadas pela primeira vez e quatro reformuladas

lançadas pela primeira vez e quatro reformuladas – com estratégias decenais voltadas para a primeira infância, direitos da criança e do adolescente, convivência familiar e comunitária, combate e erradicação do trabalho infantil, combate a exploração e violência sexual contra crianças e adolescentes e a ampliação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase). Os planos serão publicados e disponibilizados no formato de e-book para toda a população paraibana, em momento próximo, mas ainda sem data definida.

Enquanto conselho, o CEDCA não é um órgão executor, e sim deliberativo, formulador e fiscalizador de políticas, com ações direcionadas a crianças e adolescentes, nas áreas de Assistência Social, Saúde, Educação, Cultura, Esporte, Lazer, Segu-

rança e Justiça. De acordo com o presidente do CEDCA-PB, Jamil Richene, “durante o ano de 2022, enquanto Conselho Estadual, nós tivemos discussões para a elaboração desses planos operativos, com metas que devem ser realizadas para diminuição ou erradicação dos números da desigualdade social e múltiplas formas de pobreza na Paraíba.”

Jamil explica que, com exceção dos novos planos voltados para a primeira infância e para os direitos das crianças e adolescentes, o estado já tinha diversos documentos voltados para o bem-estar desses grupos, que foram revisados para a formulação das cartilhas. “Alguns planos foram revisitados, tendo em vista que, com o passar dos anos, algumas metas, algumas ações, precisam ser revistas.”

Ainda, em 2022, dentro das ações do CEDCA, R\$1,1 milhão

foi destinado ao fortalecimento de 16 projetos de Organizações Não-Governamentais (ONGs), voltados para a saúde, alimentação e educação de crianças e adolescentes. “Através desse apoio, esperamos fortalecer e ampliar o atendimento realizado por essas organizações. Todos os projetos contemplados são desenvolvidos no contraturno das escolas, com a participação efetiva dos jovens, a fim de mantê-los ocupados com atividades que contribuam para seu desenvolvimento saudável, longe de violações e do trabalho infantil”, diz o presidente do conselho. “A maioria desses projetos também traz a questão da segurança alimentar, tendo em vista que, infelizmente, muitas vezes os pais enviam as crianças para as escolas para que elas possam se alimentar, uma vez que não há o que comer em casa.”

## Estado lançou programas com vários serviços

Nos últimos três anos, o Governo do Estado desenvolveu uma série de serviços voltados para a alimentação, acolhimento e garantia dos direitos dos cidadãos. A Secretaria do Estado de Desenvolvimento Humano (SEDH), possui diversos programas voltados especificamente para o bem-estar das crianças e adolescentes.

Entre eles, está o programa “Paraíba Primeira Infância”, criado em 2021 para assegurar os direitos das crianças de zero a seis anos de idade, de forma integral e integrada. O programa envolve o cuida-

do materno-infantil, o cuidado com a convivência familiar e comunitária, o cuidado com a diversão e com o desenvolvimento. Segundo a SEDH, “as ações e estratégias são assumidas por meio das políticas de assistência social, saúde, educação, meio ambiente, infraestrutura, juventude, esporte e lazer e outras.”

Há, também, o “Paraíba que Acolhe”, um programa de auxílio financeiro mensal para os jovens que ficaram órfãos durante a pandemia. Além do auxílio de R\$ 500, “as crianças e adolescentes têm acompanhamento do

rendimento escolar, e são inseridas nas redes socioassistencial e de saúde”, esclarece a SEDH. O investimento anual no programa é de R\$ 4,4 milhões. Outro programa, o “Família Acolhedora”, é um serviço de acolhimento provisório organizado de acordo com os princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para jovens de zero a 18 anos que foram afastadas da família por medida provisória.

Já o projeto “Meu Primeiro Esporte: meu direito garantido”, foi criado para incentivar crianças de oito a 13 anos de

idade a praticarem esportes. “O foco do projeto é proporcionar interação e socialização entre os participantes, estimulando o trabalho em grupo e fortalecendo vínculos comunitários”, diz a SEDH. Por ano, são ofertadas 240 vagas.

Além destes, a Paraíba conta com um leque de outros programas, voltados para toda a população, a fim de reduzir as diferenças socioeconômicas e garantir os direitos básicos dos cidadãos. É possível conferir-los através da Revista Humaníssima, disponível na página da SEDH, no site do Governo do Estado.



O Estado tem programas voltados para toda a população, a fim de reduzir as diferenças socioeconômicas e garantir os direitos básicos

## UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

### DOCUMENTÁRIO ‘O JOGO DO PODER’ CONTA A TRAJETÓRIA DE IBSEN PINHEIRO, CASSADO INJUSTAMENTE EM 1993

Presidente da Câmara dos Deputados em um dos períodos mais turbulentos da história política do Brasil, quando ocorreu a cassação do então presidente Fernando Collor de Mello (PTB), que renunciou em 1992, o ex-deputado Ibsen Pinheiro (MDB), morto em 2020, foi um dos políticos mais injustiçados pela cobertura da mídia ao ser acusado de receber, ilícitamente, dinheiro do exterior. À época – o ano era 1993 –, a revista Veja, erroneamente, publicou uma matéria sobre a acusação com a seguinte manchete de capa: ‘Até tu, Ibsen? Um baluarte do Congresso naufraga em dólares suspeitos’. A publicação foi determinante para que ele tivesse, injustamente, o mandato cassado – foi inocentado, posteriormente, pelo STF. O fato peculiar desse caso é que o repórter que escreveu a matéria, Luís Costa Pinto, anos depois, quando da morte do parlamentar gaúcho, declarou que ele era inocente. “Ele foi vítima de um processo político sobre o qual perdeu o controle em 1993 e terminou injustamente cassado por seus pares na Câmara dos Deputados”, publicou o jornalista nas redes sociais. Esse fato e outros da trajetória política de Ibsen Pinheiro está no documentário ‘O Jogo do Poder’ (2015), que tem sido reprisado na TV Câmara – e também pode ser localizado no YouTube.



Foto: Estádio Conteúdo

### NÃO GUARDOU RESSENTIMENTO

Após ser inocentado das acusações de corrupção, Ibsen Pinheiro retornou à Câmara dos Deputados. Em discurso no Plenário disse que não guardaria mágoas daqueles que lhe acusaram e dos parlamentares que decidiram por sua cassação. “Guardei no freezer o ressentimento”. Em outro trecho do documentário, ele diz uma frase emblemática: “A pior coisa [do mundo] é ter visibilidade sem ter poder”.

### CULPA À POLÍTICA ARMAMENTISTA

A chacina de sete pessoas no Mato Grosso foi mencionada pelo vereador de João Pessoa, Marmuthe Cavalcanti (Republicanos), para quem esse crime é reflexo da política armamentista da gestão de Bolsonaro (PL). O caso citado diz respeito ao assassinato de um grupo de pessoas, em Sinop, por dois supostos apoiadores do ex-presidente, por causa de um jogo de sinuca que eles haviam perdido.

### “MUITA GENTE CONTAMINADA”

“O armamentismo desenfreado ainda está no nosso país. Nós expurgamos um mal, mas ele ainda continua no nosso país”, avaliou Marmuthe Cavalcanti. E acresceu: “Temos ainda muita gente contaminada por aquele indivíduo que, durante quatro anos, tão mal fez ao nosso país. Quando acontece esse tipo de chacina, sabemos que tem o dedo de quem governou pregando o ódio, a desarmonia e a violência. O reflexo está aí”.

### “É UM DEBATE EXTEMPORÂNEO”

A deputada Cida Ramos (PT), que tem se colocado como pré-candidata a prefeita de João Pessoa, opina que o debate sobre a realização de um plebiscito para alterar o nome da capital paraibana “é extemporâneo”. Para ela, há pautas mais prioritárias para serem abordadas na cidade, entre as quais a revitalização do Centro Histórico, a aprovação de um plano diretor e as políticas públicas para melhorar a qualidade de vida das comunidades carentes.

### “UM DEBATE PRECIPITADO”

“Ninguém quer escutar sobre política antecipada. Falta ainda um ano e quatro meses para as eleições. É um debate muito precipitado, precisamos é trabalhar pela cidade”. Do presidente da Câmara Municipal de João Pessoa, Dinho Dowsley (Avante), criticando políticos que têm se lançado como pré-candidatos a prefeito da capital e estimulado a antecipação do debate sobre o pleito municipal de 2024.

### PLANO DIRETOR DE JP: COMISSÃO TEM 90 DIAS PARA AVALIAR PROPOSTAS

Após a entrega, pela prefeitura, da proposta do Plano Diretor de João Pessoa, a Câmara Municipal criou comissão para avaliar o que foi apresentado – o colegiado é presidido por Damásio Franca (PP). “Estipulei prazo de 90 dias para que a comissão avalie a proposta”, afirmou o presidente do Legislativo, Dinho Dowsley. “Vamos ouvir arquitetos, urbanistas, representantes de universidades. O que for bom [na proposta original] será mantido”, disse. Dia 7 de março será realizada audiência pública para debater o tema.

Foto: Divulgação



# Pollyanna Dutra

Secretária de Desenvolvimento Humano da Paraíba

## “Vamos focar no protagonismo e quebra do ciclo da pobreza”

*Secretária aposta em ampliação das políticas sociais de forma integrada do Estado com municípios e Governo Federal*

Mayra Santos  
Mayraalvessantos@hotmail.com

A Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano da Paraíba (SEDH-PB) está sob novo comando desde o começo de fevereiro deste ano. A convite do governador João Azevêdo, a ex-deputada estadual Pollyanna Dutra assumiu a pasta. Além de deputada, já foi prefeita por duas vezes do município de Pombal, com reconhecimento pela Organização das Nações Unidas (ONU) e, na última eleição, foi candidata ao Senado, quando obteve uma votação expressiva, com 457 mil votos. Pollyanna Dutra é formada em Medicina Veterinária pela UFPB e em Gestão Pública pela UEPB. Enquanto deputada, foi a terceira parlamentar que mais apresentou projetos durante o mandato, sempre voltados ao combate às desigualdades sociais. Portanto, garantiu que o foco em relação a essas pautas continua, só que agora vai contemplar muito mais pessoas, por ter condições de interferir diretamente na formulação da política pública. De acordo com Pollyanna Dutra, o principal objetivo de sua gestão na SEDH é conseguir tirar o maior número de paraibanos do estado de vulnerabilidade social e garantir a inserção delas na rede de proteção social.

Em entrevista ao Jornal **A União**, Pollyanna Dutra apontou que vai propor força-tarefa com municípios, discutir e aprimorar programas de qualificação profissional e ter uma atenção especial nas políticas sociais às mulheres e comentou sobre os rumores de que seria candidata à prefeita de João Pessoa

## Entrevista

■ Como foi receber o convite para assumir a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano? E o que a motivou a aceitar a proposta?

Fiquei extremamente lisonjeada por entender que governar não é um privilégio, mas uma grande responsabilidade. O que me motivou foi o chamamento de mães, crianças, dos paraibanos que vivem uma vida simples, para que a gente possa dar vozes a essas pessoas. Vou dedicar toda minha energia ao nosso povo e sei da responsabilidade de entender que vários paraibanos ainda passam fome e é por eles que vou lutar. Enquanto tiver um paraibano faminto, vamos lutar muito com esse governo para que possamos dar as respostas à população. Então, chamo todas as forças democráticas para estarem conosco nesse momento, para que a gente entenda que o desenvolvimento precisa da participação de todas as pessoas.

■ Quais as diferenças e semelhanças com relação à preocupação com as pessoas entre a Pollyanna deputada e a secretária de Desenvolvimento Humano? Vai ser possível contribuir mais enquanto secretária?

Claro que sim. A Pollyanna deputada era aquela mulher sertaneja que veio para cá trazendo pautas do Sertão. Eram pautas sempre relativas às desigualdades sociais, fazendo com que as vozes dos paraibanos mais simples pudessem ser ouvidas. Fui a terceira deputada que mais apresentou matérias na casa. O Poder Legislativo, embora seja de igual tamanho, é um poder que está restrito às quatro linhas da Constituição. Já a Pollyanna secretária tem o poder de executar a política pública, de ver sonhos acontecerem. Vou contribuir muito mais por entender que a pauta social pode ser executada através de políticas públicas implementadas exatamente na vida real onde as pessoas estão.

■ A senhora já foi prefeita, secretária de Articulação, deputada e agora assume a Secretaria de Desenvolvimento Humano da Paraíba. Quais as expectativas que a população pode ter em relação a sua gestão?

A maior expectativa que não é só da nossa gestão, mas do Governo da Paraíba, é conseguir tirar o maior número de pessoas do estado de vulnerabilidade social para que essas pessoas possam ser inseridas no desenvolvimento econômico social da Paraíba. Enquanto tiver um faminto no estado, a gente não vai parar. A gente vai tentar fazer com que esses cidadãos sejam inseridos na rede de proteção social e também que ele consiga se emancipar. Vamos focar na qualidade de vida da população, mas também com muita ênfase no empreendedorismo, na segurança alimentar, na igualdade de gênero. Assim, a gente poderá construir visões de futuros plurais a curto, médio e longo prazo, mas, acima de tudo, a gente precisa tomar algumas decisões, construindo um futuro melhor e mais sustentável.

■ Quais as primeiras medidas que serão tomadas?

É combate à fome, à pobreza, à exclusão social. Nós precisamos fazer uma parceria com os municípios e promover uma busca ativa para entender quantos pobres existem em cada cidade, o que está determinando a intensidade da pobreza da população do estado. Essa será nossa primeira medida a ser tomada. A partir daí, faremos a combinação de algumas estratégias, sempre em parceria com os municípios. Uma delas, é fortalecer a transferência de renda, através do Bolsa Família, que vai ser ampliada, do Governo Federal, além dos programas estaduais já existentes e inseri-las na rede de proteção so-

cial, dando acesso aos direitos. As pessoas precisam de níveis de proteção social diferentes. A gente vai dar água a quem tem sede, mas a gente vai dar acesso à documentação civil para quem não tem sequer o registro civil, alimento para quem tem fome, luz elétrica para quem não tem luz em casa, moradia para quem não tem casa, esse é o nosso papel: chegar junto ao cidadão.

■ Quais os principais desafios à frente da SEDH? E como pretende lidar com eles?

Nesses últimos quatro anos, a Paraíba perdeu muitas oportunidades, porque o Governo Federal tirou todos os recursos de proteção social, de todos os estados do Brasil, o que foi muito ruim, porque os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) foram desfinanciados. A partir daí, os municípios não conseguiram chegar junto às pessoas mais carentes, principalmente no momento de pandemia. O poder público chegou com recurso de forma imediata, mas também precisava garantir o acesso aos direitos que foram negados no governo Bolsonaro. Os órgãos censitários, como o IBGE, foram muito prejudicados, por isso sentimos dificuldade em fazer um mapeamento e um diagnóstico da situação social do estado, em virtude da perda de informações do Governo Federal, que não permitiu que o IBGE lançasse mão do censo para que a gente pudesse entender ‘bolsões’ de pobreza através desses diagnósticos. Vamos ter que reconstruir numa força-tarefa entre municípios, estado e União. O maior desafio é entender esses indicadores, agora, em tempo real.

■ Com relação ao Governo Federal, qual a previsão de diálogo?

A Paraíba passa pelo melhor momento político da sua história. O governador João Azevêdo assume a presidência de um consórcio de uma região importantíssima que é o Nordeste do Brasil. E assume um grande protagonismo de diálogo com os representantes dos estados do Nordeste junto ao Governo Federal. Com isso, todo seu secretariado e corpo técnico passam também a compor câmaras técnicas no Nordeste para discutir o desenvolvimento do estado e da região. O diálogo será constante na nossa secretaria e esse alinhamento de foco no combate à fome, à pobreza e à exclusão social não é meta só do governo do Estado, mas meta nacional. Vamos fazer esse alinhamento transferindo compromissos e responsabilidades de forma tripartite: União, Estado e municípios.

■ No seu discurso de posse, a senhora citou Celso Furtado ao dizer que “só haverá verdadeiro desenvolvimento ali onde existir um projeto social subjacente”. Há novos projetos sociais em vista? Quais?

Estamos construindo com a participação de atores da Secretaria de Desenvolvimento Humano, mas também com a participação do corpo técnico das universidades como

a UFPB, UFCG, UEPB. Estamos fazendo essa discussão com esse corpo científico para que a ciência e a evidência e a escuta dos movimentos sociais, que têm a vivência do dia a dia, possam alinhar nossa tomada de decisão.

■ A inclusão social é uma das bandeiras para o desenvolvimento humano. Na Paraíba, existe previsão de ampliação de ações para este público?

Sim. Existe um olhar especial para os quilombolas, população cigana e os assentados da reforma agrária. Em todas as políticas vamos priorizar essas minorias, assim como a população LGBTQIAPN+, que está inserida em todos os processos de inclusão social no estado.

■ Como a SEDH, sob o seu comando, enxergará as necessidades da mulher na Paraíba e como deve viabilizar ações para esse público?

A mulher é o ponto principal para o desenvolvimento de qualquer política pública hoje da Paraíba e do Brasil. Nós somos a maioria da população, e essa maioria não pode ser minoria na tomada de decisão, na ocupação de espaços de poder. Nós, mulheres, é quem temos mais vivência no serviço público. É a gente que acessa mais o serviço público de saúde, educação. Precisamos, sim, ocupar esses espaços para que a tomada de decisão possa ter esses elementos intrínsecos que afetam o dia a dia das mulheres. Vamos viabilizar ações específicas para mulheres vítimas de violência doméstica, sexual e para quem precisa ter acesso à rede de proteção social. A mulher vai ter um espaço especial e estratégico em todas as ações de desenvolvimento humano.

■ A fome é um dos problemas que tem afligido a população, principalmente, após a pandemia. Com o programa Tá na Mesa, do Governo do Estado, tem sido possível amenizar tal problemática? Como o programa tem atendido à população de todo estado?

O programa “Tá na Mesa” foi criado durante a pandemia para dar resposta à população que estava faminta e que havia perdido emprego. O programa atende diretamente com refeição a um baixo custo, mas também ativando a economia local, quando lança um edital para que pessoas da própria cidade possam concorrer e ofertar essas refeições diariamente. É um programa valioso no tocante à rede alimentar e nutricional. O governo vai montar uma estratégia para que alcance os 223 municípios. Vamos provocar os prefeitos e os Centros de Referência de Assistência Social (Cras) para que possam monitorar esse programa, ver se os vulneráveis estão tendo acesso, como também acompanhar o desenvolvimento nutricional das crianças, que têm pais com baixa renda.

■ Depois da fome, um dos principais gargalos é a falta de oportunidades. A falta de capacitação profissional contri-

bui para o desemprego. Quais os planos da SEDH para a diminuir os impactos desse problema?

Vamos lançar mão de um Sine preparado e qualificado que faça a articulação devida com o comércio, a indústria, o serviço lá na ponta para as pessoas que mais precisam dessa oportunidade e, às vezes, não sabem como acessar o mercado de trabalho. Vamos focar no protagonismo que as pessoas podem exercer na quebra do ciclo de pobreza e investir muito nessa qualificação por meio de parceria com o sistema S para que juntos levemos essa formação profissional naquilo que o mercado está necessitando.

■ Com relação aos povos migrantes, como pretende agir no que diz respeito à inclusão social desse público no mercado de trabalho?

A Paraíba já conta com uma população de venezuelanos significativa como também, agora, com a etnia de indígenas que são da Venezuela. Eles estão acolhidos, amparados e alimentados e, a partir de agora, em 2023, vai começar o ano com qualificação para que a gente possa inserir esses migrantes venezuelanos no mercado de trabalho. Sempre respeitando a cultura do seu país, considerando as vocações dos venezuelanos. Ele precisam ser qualificados não para o mercado de trabalho, mas para que possam se desenvolver aqui no estado, respeitando a natureza e contribuindo para o desenvolvimento econômico, de acordo com sua cultura, com sua relação com sua natureza. Essa é a nossa maior missão: respeitar sua cultura, memória e aproveitar o que ele sabe para contribuir no desenvolvimento do nosso estado.

■ Como a SEDH pretende trabalhar em favor das crianças na Paraíba que vivem em vulnerabilidade socioeconômica? Existe algum projeto específico?

A Secretaria de Desenvolvimento Humano lançou, no ano passado, o maior programa para infância. Em parceria com as secretarias de Educação e Saúde, o programa liberou 200 creches, em parceria também com as prefeituras, para que ampliassem o acesso à educação infantil, de zero a seis anos. O estado da Paraíba não executa a política, mas propõe e fomenta iniciativas. No ano passado, foi feito um plano para a infância da Paraíba e, este ano, vamos chamar os atores institucionais e a sociedade civil para monitorar e também lançar estratégias para que as nossas crianças possam estar protegidas e ter acesso aos seus direitos constitucionais como saúde, educação, moradia, família, ressaltando a importância dessa integração da família com a sociedade e o poder público.

■ A senhora pretende ser candidata à prefeitura de João Pessoa em 2024?

Não pretendo. No momento, o nosso foco é no trabalho ao lado do governador João Azevêdo, à frente da SEDH.

PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS

# Depredações causam prejuízos aos cofres públicos

*Para evitar atos de vandalismo e mais gastos, forças de segurança estão instalando câmeras de monitoramento*

Mayra Santos  
mayraalvessantos@hotmail.com

Estátuas e prédios históricos depedrados já parecem fazer parte do cotidiano da população dos centros urbanos. Apesar de normalizado, os recorrentes furtos, pichações e danos aos bens públicos representam bem mais do que a poluição visual nos espaços, sendo, também, causador de prejuízos aos cofres públicos.

Em João Pessoa, R\$ 95 mil foram gastos apenas para a reestauração de duas estátuas depredadas (Jackson do Pandeiro e Livardo Alves), valor que poderia ser revertido para melhorias de serviços básicos para a população.

Visando combater a crescente escalada da prática, mais de 500 câmeras de monitoramento estão sendo instaladas pela cidade de João Pessoa, para um maior monitoramento e punição aos vândalos. A instalação é realizada em parceria entre o Governo do Estado, através do Centro Integrado de Comando e Controle (CICC) e da Prefeitura de João Pessoa, com a Guarda Civil Municipal.

A informação foi confirmada pelo comandante da Guarda, Vitor Almeida, que também declarou que uma reforma vem sendo realizada na base da guarda, a fim de re-

■ Mais de 500 câmeras de segurança estão sendo instaladas em diferentes pontos da capital

forçar a segurança não só nos pontos onde há as estátuas de cobre, mas em toda a cidade. Além disso, o efetivo da força municipal terá aumento no armamento dos guardas, saindo de 8% para 50%.

As ações irão ajudar a coibir os atos de vandalismo e contribuir para a redução de gastos. Embora a Prefeitura de João Pessoa não tenha um valor total do prejuízo anual, a média divulgada, com as restaurações das estátuas de Jackson do Pandeiro e a de Livardo Alves, revelam os altos valores.

De acordo com a Coordenadoria do Patrimônio Cultural de João Pessoa (Copac-JP), a estátua de Livardo Alves, no Ponto de Cem Réis, foi recolhida porque vinha sendo alvo de vandalismo. A escultura teve parte do banco serrado, os óculos furtados e danos a outros elementos da obra.

A Copac explicou, em

nota, que com o aumento significativo das ligas metálicas, as estátuas têm sido alvos constantes de vandalismo. Assim, as estátuas depedradas e furtadas são derretidas para que o material seja comercializado clandestinamente.

Além de ser um atentado à memória da cidade, a depredação do patrimônio público está servindo para prática de outros crimes e tem trazido consequências para a população, que acaba ficando sem alguns serviços.

Na primeira quinzena de fevereiro, a Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa) consertou uma adutora danificada por ação de vândalos, prejudicando o abastecimento de água em quatro cidades do Sertão paraibano: Santa Luzia, São Mamede, Várzea e São José do Sabugi.

Outro órgão público que também foi alvo recentemente de atos de vandalismo foi a Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa) que teve linhas telefônicas interrompidas devido à ação de furto de cabos por vândalos.

Em João Pessoa, o comandante da Guarda Municipal informou que os atos de vandalismo ocorrem, com maior frequência nos Parques Parahyba, no bairro do Bessa.

## Vandalismo também atinge bairros

O Centro Histórico de João Pessoa, no Ponto de Cem Réis, é repleto de esculturas que homenageiam figuras que marcaram a história da cidade e da Paraíba. É o caso da escultura em homenagem a Livardo Alves, jornalista e compositor paraibano, localizada na Praça Vidal de Negreiros, que foi retirada do local para ser recuperada, ficando apenas sua base. Outro monumento que foi alvo desses ataques foi a estátua de Caixa D'Água, como é conhecido o poeta Manoel José de Lima, localizada na Praça Aristides Lobo, com a mala furtada e a base danificada. Caixa D'Água ficou famoso por ser o poeta das madrugadas que circulava de terno branco nas ruas e nos botecos do Centro.

O monumento em homenagem a Livardo Alves está em fase de finalização para entrega, segundo a Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope). A estátua passará por construção, fundição e restauração do banco, chapéu e sapato, em serviço no valor de R\$ 35 mil. Já a escultura de Caixa D'Água será reformada ainda este ano, mas não há previsão de data.

Além dessas, a estátua de Jackson do Pandeiro também sofreu ataques de vandalismo, tendo sido reformada e reinstalada no Centro da cidade, em

abril do ano passado, e foi recolocada na esquina da Rua Visconde de Pelotas que dá acesso à Praça Rio Branco.

Dez dias após a reinstalação, a escultura foi alvo de novos ataques, com reparo que custou R\$ 60 mil aos cofres públicos, sendo 49 mil na primeira reforma e mais R\$ 11 mil na segunda restauração. A obra ainda será devolvida ao local.

De acordo com diretor executivo da Funjope Marcus Alves, “essa restauração que nós estamos fazendo faz parte de uma ação maior que a Funjope e a Prefeitura de João Pessoa

**Crime**

**Depredação do bem público é crime previsto no Código Penal e pode ser denunciado por meio do contato 3214-3206, da Copac-JP, ou telefones de forças policiais, como a Polícia Militar, no número 190**

realizam no sentido de restaurar um conjunto de obras públicas, sobretudo, aquelas que estão localizadas no Centro Histórico”, explicou.

Além disso, o diretor da Funjope acrescentou que recebeu solicitação para restaurar os painéis de Chico Ferreira, que ficam na altura do viaduto, no Centro.

Outros monumentos históricos no Centro da capital que também precisam de reparos, como o monumento que homenageia Vidal de Negreiros, na praça de mesmo nome. Com sinais de desgaste e ações humanas. Além dessa, também merecem atenção a escultura de Duque de Caxias; a estátua de Pedro Américo e do Poeta Augusto dos Anjos, na Praça Pedro Américo.

Para além do Centro, a depredação é constatada também nos espaços de bairros, como a Praça da Paz, no Bancários, alvo de ataques de vandalismo. Lixeiras quebradas, equipamentos de ginástica deteriorados e pichações são notados.

A Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur) informou que, por mês, realiza uma média de 20 manutenções ou substituições de equipamentos em razão de depredação ou furto em toda João Pessoa.



Fotos: Evandro Pereira

O painel em homenagem a Lúcio Lins, na Praça da Paz, e a estátua do poeta Caixa D'Água, no Centro, estão entre as obras vandalizadas



Através da Funjope, a Prefeitura de João Pessoa informou que realizará ações de restauração em diversos monumentos da cidade



Além do vandalismo causado pelos humanos, alguns monumentos também apresentam danos causados pelo tempo e exposição ao sol, sem que manutenções periódicas sejam feitas



Estruturas na Praça da Paz, como o anfiteatro Lúcio Lins, estão vandalizadas. A Associação de Moradores, através do presidente Américo Cabral, diz que a situação entristece toda a população

## PRESERVAÇÃO DA LÍNGUA

# Revisor é peça de destaque para boa qualidade do texto

*Profissional garante a correção gramatical e o aprimoramento das matérias*

Ítalo Arruda  
*Especial para A União*

Considerado o leitor primário, o revisor de texto é um dos mais importantes profissionais da redação de um jornal. Mais do que corrigir erros e quaisquer tipos de desvios nas estruturas da gramática e da ortografia, o seu trabalho é diretamente responsável pelo aprimoramento do texto que lhe passa pelas mãos e, principalmente, pelos olhos. No Jornal **A União**, a equipe de revisores de texto desempenha, diariamente, um papel imprescindível não só para manter a identidade e a credibilidade do impresso que há 130 anos circula na Paraíba, mas também para garantir aos leitores que todos os dias recebam informação com qualidade.

Além de demonstrar domínio do uso e da aplicabilidade da norma-padrão da língua portuguesa e, particularmente, do Manual de Redação do Jornal **A União** – que determina o emprego das regras gerais para a produção do texto jornalístico que será veiculado em suas páginas –, é necessário que o revisor também possua conhecimentos gerais, interesse pela leitura de assuntos diversos e, sobretudo, um bom reflexo. É o que afirma Antônio Moraes da Silva, que trabalha no setor de revisão há 44 anos.

“É preciso ter muita atenção, já que ao revisor é atribuída a ta-

**Fotos:** Marcos Russo

*A equipe de revisores de A União desempenha um papel imprescindível para valorização da notícia*

refa de ver aquilo que os outros não veem, como erros de ortografia e de concordância, bem como erros nos títulos e subtítulos das matérias, entre outros possíveis desvios”, ressalta o revisor, que divide o trabalho com as colegas Jaqueline Targino e Gisele Pinho Chaves. Os três são responsáveis por revisar todo o conteúdo escrito para a edição diária de **A União**, desde a capa até a última página (com exceção da seção destinada às publicidades).

Para Jaqueline, que passou a integrar a equipe pouco antes do início da pandemia de Covid-19, em março de 2020, o maior desa-

ção é “deixar tudo certinho”. Graduada em Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a jovem revela que, antes de ingressar na Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), nunca tinha exercido tal função, mas depois que conheceu o trabalho, ficou “apaixonada pela profissão”.

“Quando surgiu a oportunidade de trabalhar aqui, sabia que seria uma responsabilidade muito grande, porque não tinha trabalhado como revisora em lugar nenhum antes, mas os colegas foram me auxiliando e hoje me encontrei. Eu gosto muito de revisar. Alguns dias

são mais puxados do que outros, mas quando a gente ama o que faz, faz bem feito", destaca Jaqueline.

A mesma percepção tem Gisele Chaves que, assim como Moraes, há algumas décadas tem se dedicado à revisão de texto do único impresso diário em circulação na Paraíba. Segundo ela, essa atividade é como uma escola. Ao longo dos quase 40 anos de trabalho em **A União**, a função de revisora lhe proporcionou “muitas emoções e muitos conhecimentos” que – assim como a história contada nas páginas do jornal – “ficarão para sempre”.

## Revisão de matérias passa por várias etapas

Assim como as demais fases de produção de um jornal – como a apuração, redação, edição, diagramação, entre outras – a revisão de texto passa por várias etapas até chegar à “aprovação” final, da qual seguirá para a formatação do arquivo digital que, posteriormente, vai para impressão e, enfim, é transformado em um jornal físico. A primeira delas, de acordo com o relato de Antônio Moraes, é o recebimento do conteúdo que vem diretamente das mãos do “editor de página”.

Ao receber a página com as devidas matérias, títulos e demais elementos do texto jornalístico, a primeira coisa que um revisor deve fazer, explica Moraes, é olhar a data. “É aquele pequeno detalhe que pode passar despercebido. Além disso, tem que olhar o título, subtítulo e também a legenda (das fotos e demais imagens que estejam na página), para verificar se as informações contidas ali estão corretas”.

Segundo a jornalista Gisa Veiga, editora-geral de A

**União**, “muitas vezes, alguns pequenos erros ‘cegam’ os editores e é exatamente aí que entra a grande responsabilidade dos revisores: não deixar passar esses erros. É um trabalho minucioso e muito importante”.

Para evitar esse tipo de problema, portanto, o mais adequado, conforme recomenda Moraes, é soletrar cada vocábulo. “Às vezes, o cérebro pode nos trair e, se não fizer a leitura de letra por letra, pode acabar passando alguma palavra es-

crita de forma errada, com letra sobrando ou faltando", alerta.

Depois que a primeira revisão é feita, se tudo estiver correto, a página é encaminhada para a editora-adjunta que faz a conferência, dá o aval e a encaminha para a editora-geral. Chegando às mãos da editora-geral, ela também faz uma última vistória e, na sequência, envia a página para a rede, de onde seguirá para a impressão final junto com as demais páginas que compõem o jornal.

# Depoimentos



*Antônio Moraes*

O interesse pela revisão surgiu junto com o sonho de trabalhar em um jornal. Sempre se considerou “curioso” e, além do prazer pela leitura, sempre nutriu interesse em estar bem informado. “Minha maior satisfação é chegar no dia seguinte e ver que tudo deu certo, sem erros na edição”.



*Jaqueline Targino*

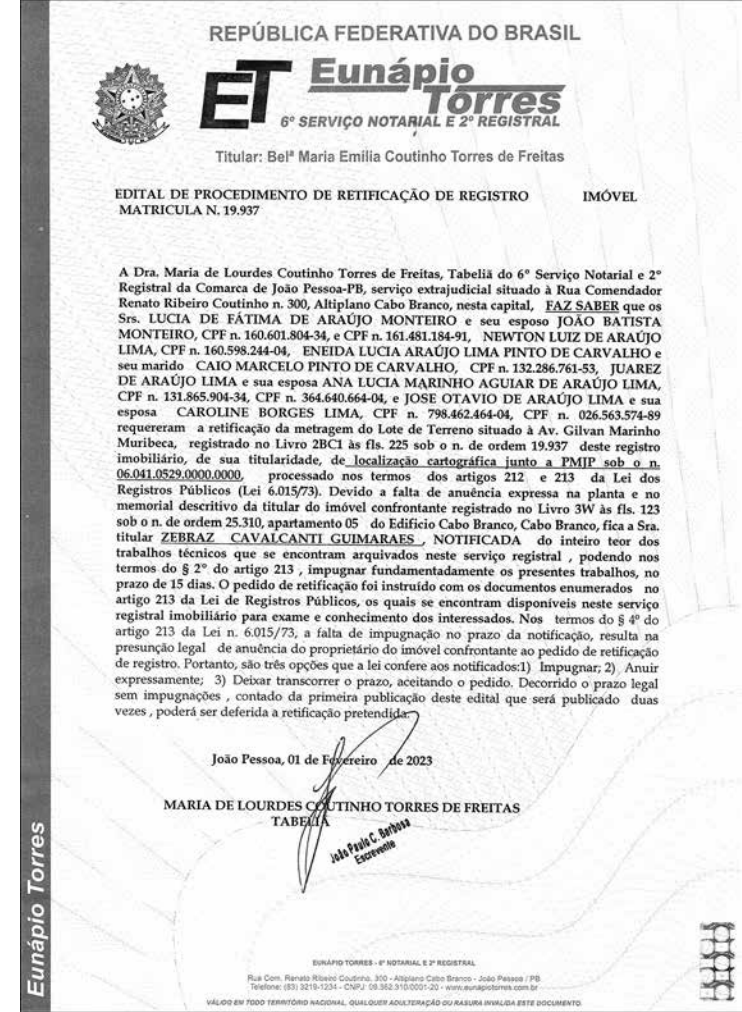
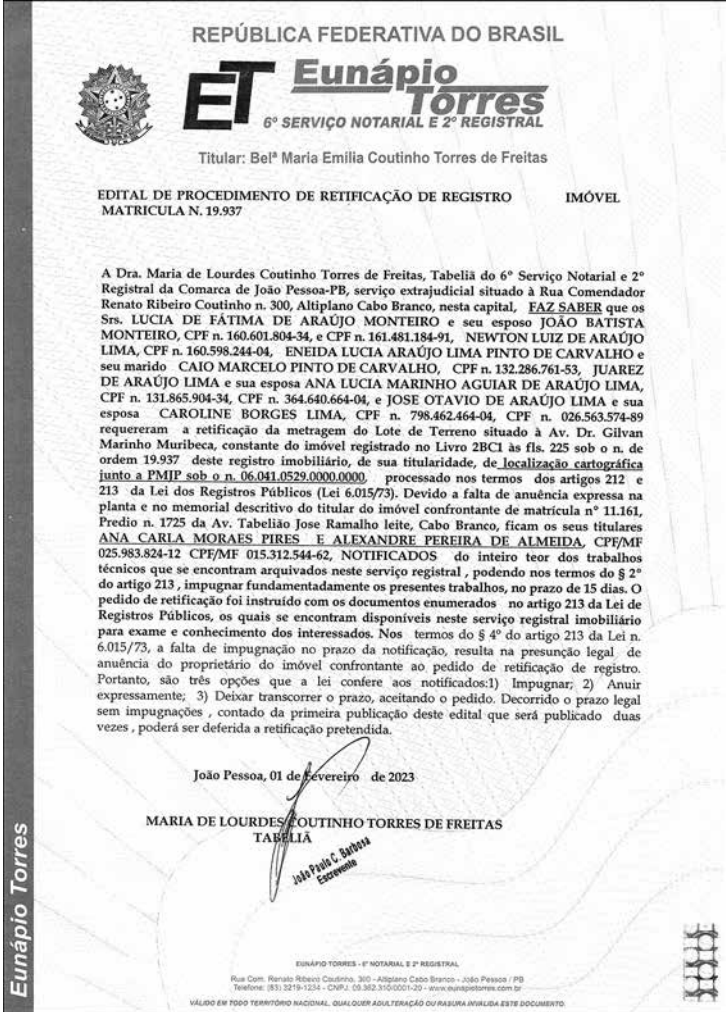
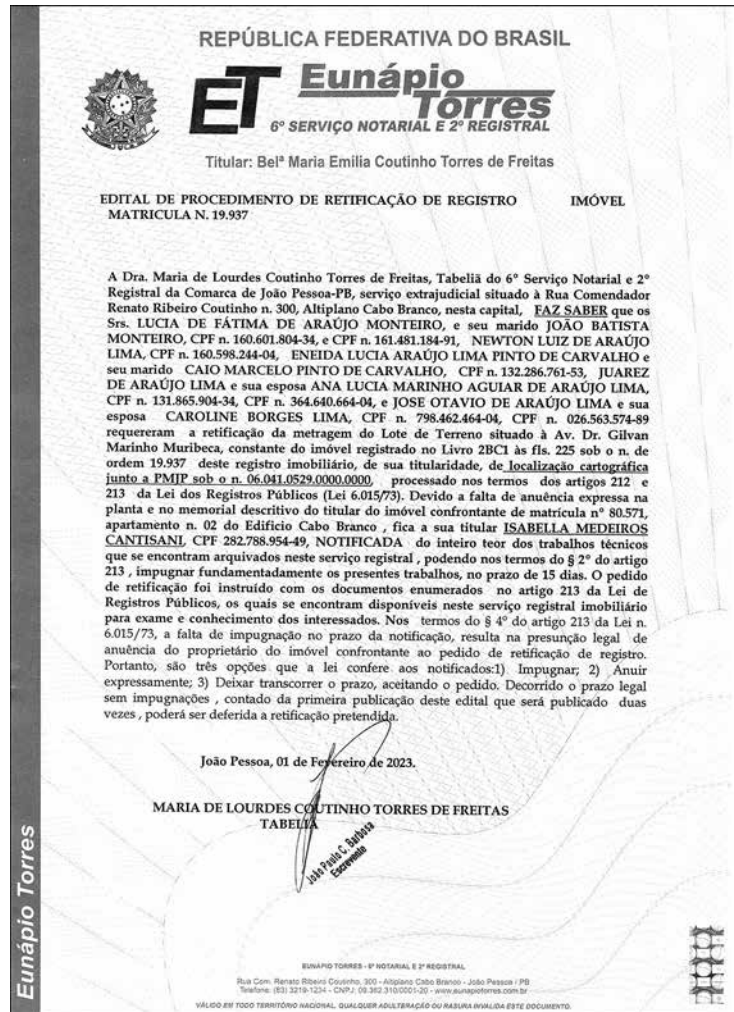
Apasionada pelas letras e pela leitura. Desenvolve seu trabalho com muita dedicação e muito afinho. “À gente acaba desenvolvendo uma autocobrança para que tudo saia corretamente e quando sai algo errado, acaba batendo um descontentamento”.



*Gisele Chaves*

Com quase 35 anos de profissão, está sempre aprendendo a cada nova revisão.

“É uma coisa que eu sempre quis e gosto de fazer. Eu amo revisar, eu amo ler. E a gente aprende muito. É uma escola, um aprendizado constante”.



HUMANIZAÇÃO

# Lei Antimanicomial promove inclusão

*Política pública criada na década de 1990 desautoriza o encarceramento no tratamento de doenças mentais*

Nalim Tavares  
*Especial para A União*

Entre as lições que a pandemia deixou, está a certeza de que o isolamento social, apesar de fundamental para o período, não faz bem para a saúde mental da maioria dos indivíduos. Após longos períodos de solidão, as pessoas se tornam mais propensas ao desenvolvimento de doenças, à insônia, e à tristeza. Pouco a pouco, o bem-estar é afetado. E, por isso, o contato, o afeto e a socialização são tão importantes no decorrer do tratamento de pacientes psiquiátricos — a manutenção dos relacionamentos familiares e as trocas interpessoais são essenciais para a qualidade de vida do ser humano, e se revelam extremamente benéficas para a terapia.

Conhecido como tratamento humanizado — palavra que, nos dicionários, significa tornar-se benéfico e agradável; fazer com que seja tolerável, suportável — essa forma de atendimento só foi possível após um longo processo de luta social que uniu profissionais de saúde mental, pacientes e seus familiares, e teve como resultado a Lei da Reforma Psiquiátrica — aprovada em 2001 e também conhecida como Lei Antimanicomial — que ajudou a substituir o isolamento dos hospitais manicomiais, opressivos e exclusivos, pelo atendimento em convívio comunitário, que se baseia no

“**Através do tratamento humanizado se torna possível compreender o paciente como um todo e promover melhor intervenção**

Camilla de Almeida

fortalecimento de vínculos e na formação de laços.

“Através do tratamento humanizado, se torna possível compreender o paciente como um todo e, assim, promover a melhor intervenção, de acordo com sua necessidade”, explica a diretora técnica do Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, Camilla de Almeida Franca Falcão. “Levando-se em conta esta abordagem, transforma-se o paciente em protagonista do seu tratamento e lhe dá possibilidade de melhor adesão às terapias extra-hospitalares.”

Antes da Lei da Reforma, as pessoas que eram internadas em manicômios sofriam uma série de maus-tratos e, muitas



Foto: Freepik

*Manutenção de pacientes internos em hospitais psiquiátricos deixou de ser compulsória, exceto em urgências psiquiátricas ou por decisão judicial*



Foto: Marcus Antonius

vezes, sequer possuíam doenças psiquiátricas. A psicóloga social Silvana Santana conta que “qualquer um com pensamentos divergentes ou à frente do seu tempo estava sujeito à internação. Mulheres cujos maridos consideravam desobedientes, matriarcas de quem a família não queriam cuidar, todas essas podiam ser deixadas pela família nos manicômios, onde ficariam trancadas.” Ela acrescenta, ainda, que pessoas em situação de rua e pessoas com Síndrome de Down, autismo ou com algum transtorno de aprendizado ou distúrbio de fala também eram deixadas nesses ambientes. Havia, inclusive, quem creditasse as doenças psiquiátricas ao mis-

ticismo, a algo sem explicação.”

Mesmo com o passar dos anos e a evolução da compreensão sobre as doenças psiquiátricas, Camilla Franca diz que “ainda é frequente que o senso comum trate como algo desconhecido, ocasionando rotulações indevidas aos pacientes que necessitem de cuidados em saúde mental.” Com essa questão sendo cada vez mais posta em pauta, ela acredita que, em uma certa medida, os estigmas estão diminuindo, mas “ainda há muito o que se desconstruir. As causas para o adoecimento psiquiátrico são diversas, porém, a compreensão acerca da saúde mental deve ser única. É uma condição patológi-

ca como qualquer outra. Com isso, dizemos que todo rótulo que seja imposto à pessoa por uma condição, sobretudo, de saúde, deve ser combatido.”

Tornar o atendimento cada vez mais acessível também é fundamental para o bem-estar das pessoas com doenças mentais. Silvana diz que, “é uma vitória enorme, para nós da saúde, pacientes e familiares, que espaços como manicômios tenham sido fechados. Mas ainda é preciso lutar para garantir, cada vez mais, o acesso ao cuidado mental para quem precisa do atendimento psiquiátrico.”

A psicóloga explica que a demanda por atendimento é muito alta na área da saú-

de mental. De acordo com a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), ao longo do período pandêmico, os psiquiatras associados relataram um aumento de até 25% no número de consultas realizadas. “Hoje, a fila de espera ainda é muito longa no Brasil. É difícil fazer agendamentos para datas próximas, e esses pacientes, comumente, não podem esperar. Eles precisavam do tratamento, e precisavam que o acompanhamento seja regular, contínuo. Essa é uma luta que ainda estamos travando, agilizar o acesso a um atendimento que pode proporcionar tantas coisas positivas para o paciente, sua família e para a sociedade.”

## Tratamento psiquiátrico inclui inserção familiar e social

Antes de ser aprovada em 2001, a Lei Antimanicomial passou 12 anos tramitando no Congresso Nacional. De autoria do então deputado federal Paulo Delgado, de Minas Gerais, a Lei 10.216 foi sancionada pelo presidente da época, Fernando Henrique Cardoso, depois de muito debate.

Desde o momento de sua sanção, a lei se tornou um importante instrumento para garantir os direitos dos pacientes psiquiátricos, além de proteção contra qualquer forma de abuso e explora-

ção. Segundo a norma, toda pessoa com transtorno mental deve ser tratada com humanidade e respeito, no interesse exclusivo de beneficiar sua saúde, visando alcançar sua recuperação pela inserção na família, no trabalho e na comunidade.

Entretanto, a falta de conhecimento e a série de estigmas que marcam essas pessoas dificultam, ainda o cumprimento de uma das principais orientações da lei: a reinserção social como qualidade permanente do

tratamento, via assistência integral por meio de uma equipe de profissionais multidisciplinar.

“A família e o ambiente em que se encontra inserido o paciente são de grande importância e desempenham papel decisivo no sucesso do tratamento ou sua continuidade”, conta Camilla Franca. “Não se fala em tratamento em saúde mental sem considerar a necessidade de inserção familiar, social, ocupacional, dentre outras. A própria construção da saúde pública,

organizada em redes, se dá para que o paciente, não apenas de saúde mental, seja tratado prioritariamente no seu território de origem, próximo à família e comunidade, dentro do contexto em que esteja normalmente inserido.”

Nesse sentido, a norma também ajudou a fortalecer a Rede de Saúde Mental (RAPs) e, sobretudo, os serviços extra-hospitalares. Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPs), instituições brasileiras voltadas, justamente, para a substituição dos hospi-

tais psiquiátricos, não oferece somente atendimento ambulatorial, mas conta, também, com diversos tipos de atividades terapêuticas, como o atendimento em grupo, familiar e individual, oficinas, atividades artísticas e comunitárias, atendimento domiciliar e acompanhamento do uso de medicação, quando necessário.

A diretora técnica do Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira explica que casos de internação só são necessários quando se trata de

urgência psiquiátrica, “em casos de surto psicótico ou quando o paciente oferece risco de vida ou integridade física, a si ou a terceiros”, e apenas se os recursos extra-hospitalares se mostram insuficientes. “Mas, em relação à ressocialização, no sentido de reconstrução de laços sociais e familiares, podemos afirmar que todo e qualquer paciente tem plenas condições para tal, inclusive, devendo ser o fundamento principal do tratamento em saúde mental.”

## Hospitais de custódia atendem os que cometem delitos

Para Silvana Santana, quando se fala dos estigmas associados a pacientes psiquiátricos, é importante falar também sobre os hospitais de custódia. “Um estigma que a sociedade impõe para essas pessoas é que elas são perigosas, o que elas não tendem a ser, especialmente, quando recebem o acompanhamento profissional adequado”, diz a psicóloga. “Cada caso é um caso. E sim, existem pacientes psiquiátricos que podem representar risco, mas eles não devem ser definidos por isso, e é preciso lembrar que o quadro é patológico. Ainda, entre esses pacientes, nem todos se tornam pacientes judiciários, e isso precisa ser destacado.”

Em decorrência desse estigma de perigo, foram criados os manicômios judiciais.

“Com um outro nome e outra proposta, esses hospitais funcionam exclusivamente para manter sob custódia pacientes psiquiátricos que cometeram algum delito, oferecendo ao paciente o atendimento necessário. Entretanto, antes dessa mudança, esses pacientes viviam enclausurados sob péssimas condições de vida, que em nada auxiliavam no seu bem-estar mental”, diz.

A psicóloga social explica que casos jurídicos envolvendo pacientes psiquiátricos são uma temática que deve ser tratada com cuidado. De acordo com o Código Penal, pessoas que apresentam transtorno mental, em certas circunstâncias, não entram na regra geral dos processos penais, por serem consideradas inimputáveis ou

semi-inimputáveis, caso não compreendam o ato ilícito praticado.

Em 1921, no Rio de Janeiro, foi inaugurado o primeiro Manicômio Judiciário do Brasil e da América Latina, chamado Manicômio Judiciário Heitor Pereira Carilho, para onde eram encaminhados cidadãos infratores com doença mental. A partir da reforma do Código Penal em 1984, a nomenclatura foi alterada para Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, mas, apesar da mudança no nome, foi só a partir da Lei da Reforma Psiquiátrica que as inúmeras irregularidades praticadas nesses hospitais passaram a ser banidas e substituídas por núcleos de saúde mental, com terapia, ações de trabalho, e a atua-

ção de diversos profissionais de educação, assistência social, psicologia e psiquiatria.

No caso de indivíduos inimputáveis ou semi-inimputáveis, o Artigo 96 do Código Penal Brasileiro prevê a “internação em hospital de custódia e tratamento psiquiátrico ou, à falta, em outro estabelecimento adequado”, como alas de tratamento psiquiátrico dentro das penitenciárias, segundo Silvana.

### Luta antimanicomial

Apesar de todos os avanços, Silvana Santana alerta que ainda há um longo caminho a percorrer. “Ao longo dos anos, temos visto um maior engajamento social à luta antimanicomial, que segue acontecendo, mesmo após o fim dos manicômios,

a fim de garantir avanços, e não retrocessos. No governo passado, sentimos que esse sistema de acolhimento e substituição dos manicômios estava sob ameaça, com cortes de verba e instigação a infrações à Lei 10. 216.”

Em 18 de maio, o Dia Nacional da Luta Antimanicomial é celebrado em todo o Brasil. Atividades são organizadas por movimentos sociais, coletivos e entidades que atuam contra os manicômios e suas práticas opressivas. “Não podemos permitir que nenhuma dessas condutas retornem. O atendimento e tratamento humanizado é sempre a melhor alternativa, e tem mostrado resultados muito mais agradáveis ao bem-estar e à ressocialização”, afirmou.

“**O atendimento e o tratamento humanizado têm mostrado resultados agradáveis à ressocialização**

Silvana Santana

NOVA PALMEIRA

Cidade é referência na educação

Município conquistou a segunda melhor avaliação das redes municipais da PB no ranking do Ideb 2022

Lucilene Meireles  
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O município paraibano de Nova Palmeira, situado na região do Agreste e Curimataú Ocidental, possui uma série de atrativos, mas um destaque importante está no campo da educação. O desempenho dos alunos colocou a cidade no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de outubro de 2022, como a segunda com melhor avaliação das redes municipais da Paraíba para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Com 6,7 de média, ficou atrás apenas de Princesa Isabel, que somou 6,8.

A cidade tem, ainda, uma das melhores escolas com destaque no Ideb, e a Rede Estadual de Ensino recebeu média 4,9. É a Escola Estadual Cidadã Integral Antônio Coelho Dantas, que faz parte da 4ª Gerência Regional de Ensino da Paraíba. A gestora escolar Sandra Medeiros ressaltou as ações desenvolvidas na escola e comemorou o resultado. Ela conta que, desde que entrou, em 2013, uma das metas da gestão é o melhoramento da parte de interpretação e escrita, focando também nas potencialidades no campo da matemática.

Sandra Medeiros lembra que foram anos de muitos desafios e barreiras enfrentadas, na missão de alinhar a escola com projetos que envolvessem todas as disciplinas e as competências do Ideb, buscando maneiras de desenvolver um bom senso crítico dos alunos.

“Com o passar dos anos vi os resultados e que todo investimento valeu a pena. Sempre fico surpresa com

os resultados dessas avaliações, com aquela sensação de dever cumprido, de que a educação sempre foi e será o caminho. Continuamos na luta para os resultados continuarem sendo alcançados, na expectativa de que cresçam cada vez mais”, acrescentou.

Para chegar a resultados tão positivos, ela conta que a gestão e os alunos são ousados e que a missão sempre foi de dar autonomia ao estudante, fazendo com que ele seja modificador de sua realidade, tanto no ensino integral como no ensino médio regular noturno.

“Eu, particularmente, tenho esse pensamento de que, quando se investe na autonomia do aluno, não tem erros, seja no âmbito cultural, artístico e social. Investindo nessa autonomia, a gente percebe uma resposta direta em toda uma grade curricular na luta para que eles se tornem cidadãos ativos, críticos para enfrentar o dia a dia da vida, para que assim eles possam conquistar seu espaço”, ressalta.

A gestora afirma que o trabalho visa capacitar os alunos, moldando a realidade de muitos, para que a escola seja um meio promissor, que promova e que lute pela igualdade social. “E também por acreditar que a educação sempre será o caminho para solucionar essas lacunas. A gente tenta ser esperança, ser acolhimento. É a mistura de uma equipe comprometida, de uma gestão deliberativa e de alunos autônomos, solidários e competentes”, pontua.

Índices positivos

Nova Palmeira é a segunda cidade, na Paraíba, com a melhor média de avaliação das redes municipais,



Moradores, em sua maioria de fé católica, frequentam a Igreja de Nossa Senhora da Guia, no Centro

alcançando 6,7. Com esse resultado, o município só fica atrás de Princesa Isabel, que tem média 6,8. A secretária de Educação da cidade, Priscila Dantas, explica que, para alcançar esse índice, a Rede Municipal de Ensino trabalha com metodologias ativas, criando ambientes mais saudáveis, positivos e produtivos.

“Também fazemos uso de avalia-

ções internas dos alunos com o objetivo de monitorar e diagnosticar o nível de aprendizagem e desenvolvimentos deles. Inicialmente, o processo começa em forma de diagnóstico e, posteriormente, com a realização de simulados preparatórios para as avaliações externas”.

Somado a isso, a Secretaria de Educação se preocupa em eleger pro-

fessores com perfis alinhados a cada ciclo e estilo de turma. Além do fato de realizar reuniões constantes de equipe técnica para avaliar, planejar e monitorar as condições do ensino-aprendizagem dos alunos com foco em melhorar ou mudar as estratégias utilizadas, como também promover formações constantes dos profissionais.

Belezas naturais são atrativos turísticos

Nova Palmeira tem se destacado no turismo com belas paisagens. A Princesinha do Seridó abriga a Serra das Porteiras, a Serra do Abreu e o Poço Preto, que são as mais conhecidas, mas há outros recantos como a Pedra do Fundão, Serra Aguda, Serra da Canoa, Pedra do Navio e o Cânion das Gargantas.

A Serra das Porteiras é uma formação rochosa que se destaca pela beleza natural e pela vista panorâmica que oferece aos visitantes. É um lugar ideal para a prática de trilhas, rapel e outras atividades de aventura. Fica a menos de 5 km da cidade, e as trilhas têm se tornado frequentes no local. Além da geologia privilegiada, existem sítios arqueológico e espeleológico em seu topo, catalogados.

Lá podem ser vistas as imponentes águias chilenas, conhecidas como gavião azul. São aves de rapina que ocupam penhascos altos e dominam um vasto território em seu entorno, fato que chama atenção dos biólogos, ornitólogos e fotógrafos.

A Serra do Abreu, localizada entre Nova Palmeira e Picuí, é uma das comunidades remanescentes de quilombos. É conhecida por manter viva a cultura afro-brasileira e ainda pela produção da culinária típica, como os deliciosos doces produzidos por um grupo de mulheres da comunidade.

O Poço Preto, a 5 km da cidade, é um riacho que fica próximo a uma barragem com vazão intensa e, por isso, apresenta um fluxo permanente de água que corre por alguns qui-

lômetros mesmo na seca. Local muito requisitado para banho, possui beleza cênica que impressiona.

A Serra Aguda fica a 1 km da cidade. A formação geológica possui altitude de 685 metros acima do nível do mar, sendo utilizada para trilhas. Do alto, é possível admirar o pôr do sol. De acordo com informações da Prefeitura de Nova Palmeira, havia, no topo, um antigo cruzeiro religioso que foi destruído por vândalos, mas já substituído para manter a tradição.

Outro local que vale a pena conhecer é a Serra da Canoa que, por sua imponência, pode ser vista de qualquer lugar da cidade e da região Seridó oriental. Fica a 8 km do Centro e possui 735 metros de altitude. O local é usado para trilhas. A Pedra do Fundão é uma formação rochosa localizada a 20 km e possui 35 metros de altura e é usada por praticantes de rapel. Com cavernas e um sítio arqueológico, o lugar permite observar a diversidade de fauna e flora da Caatinga.

A Pedra do Navio fica a 15 km da cidade e, dependendo do ângulo de observação, a arrumação das pedras lembra a silhueta de um navio atracado. Fica próxima de um riacho. Os moradores acreditam que esta pode ser a explicação para o nome da comunidade, Riacho do Navio. A Pedra do Navio possui pinturas e gravuras rupestres catalogadas junto ao Iphan pela equipe do arqueólogo Juvandi de Souza, do Labap da UEPB.

O Cânion das Gargantas, a 18 km da cidade, é um dos acidentes geográficos mais impressionantes do Seridó. Seus paredões podem passar de 100 m e há gigantescas pedras amontoadas. O local preserva a fauna e flora da Caatinga e tem potencial para se tornar uma Unidade de Conservação aberta ao público, conforme Raony Borges, do grupo Rastros e Pegadas.

Economia, fé e história traçam perfil da cidade

■

No início da década de 1910, a cidade registrou a passagem do cangaceiro Antônio Silvino

em ascensão, devido às belezas naturais. Aliada ao turismo, o artesanato desponta como competitivo. A cidade é conhecida como terra dos artesãos, devido a produção de peças em madeira e pedra. A religiosidade é predominantemente católica e a principal igreja é a de Nossa Senhora da Guia, em homenagem à padroeira, que é festejada em agosto.

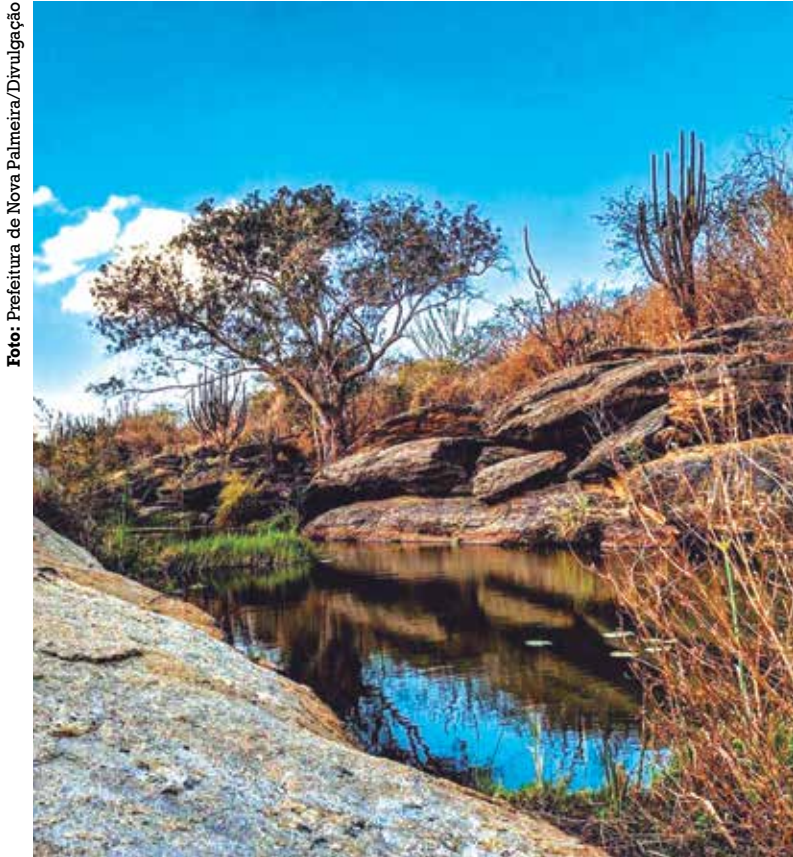
Melhorias

Nova Palmeira tem recebido diversas melhorias e a transparência é uma das marcas da administração, conforme a secretária de Administração Ilza Mendonça atestou. A gestão divulga as melhorias e conquistas em um programa de rádio via *streaming* na rede social *Facebook*. Melhorias que os moradores sentem na vida prática: pavimentação asfáltica de ruas, cobertura da praça da alimentação, aquisição de frota de veículos para as áreas da saúde e educação, reforma de escolas, unidades de saúde, praça de eventos e as recreativas.

Curiosidades

A cidade também tem histórias curiosas. Uma delas é a passagem do cangaceiro Antônio Silvino pela região, no início da década de 1910, o que assustou a pequena população existente na época.

Outra história interessante é a da criação, pelo popular Antônio Bezerra de Medeiros, de um campo de aviação que chegou a receber, num avião de pequeno porte, o então governador da Paraíba Argemiro de Figueiredo.



Poço Preto é um riacho muito procurado pelos moradores para banhos

Foto: Prefeitura de Nova Palmeira/Divulgação

Foto: Prefeitura de Nova Palmeira/Divulgação



# Entre versos e ensaios

No próximo mês, o escritor e crítico literário paraibano Hildeberto Barbosa Filho apresentará uma antologia inédita de poesias e um livro com textos sobre José Lins do Rego

Em ‘Zé Lins: engenho e arte’, autor fez uma seleção que publicou, ao longo do tempo, nos jornais ‘A União’, ‘O Norte’ e ‘Contraponto’, além de uma longa entrevista sobre o escritor, publicada no ‘Correio das Artes’

Guilherme Cabral  
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

No próximo mês, o escritor e crítico literário paraibano Hildeberto Barbosa Filho lançará, simultaneamente, dois livros, ambos publicados pela Editora Ideia, de João Pessoa. Um é intitulado *Cemitério Vivo* (88 páginas, R\$ 30), antologia inédita contendo um poema longo e mais 21 poesias autônomas; o outro é de ensaios, *Zé Lins: engenho e arte* (160 páginas, R\$ 30), que reúne, em 19 textos publicados ao longo dos anos, sobre o escritor paraibano José Lins do Rego (1901-1957).

O autor escreveu a obra de poesia ao longo dos últimos dois anos, durante a pandemia da Covid-19, mas disse que a obra não aborda, necessariamente, esse tema. “O título é algo muito importante, já é o primeiro sinal, o significado, a referência temática, a primeira pista para o conteúdo do próprio livro. *Cemitério Vivo* é dividido em duas partes. A primeira parte dá título ao livro e é

um poema só, longo, que ocupa a metade do livro. A segunda parte reúne poemas esparsos, mas correlacionados com o *Cemitério Vivo*, cujo título é uma metáfora de caráter ambíguo, paradoxal, na medida em que a poesia ensina que a vida e a morte são faces da mesma moeda. Cassiano Ricardo já dizia que, desde o instante em que se nasce, já se começa a morrer”, comentou Hildeberto Barbosa, citando o fragmento de *O Relógio*, do autor paulista.

Hildeberto definiu o poema longo como uma autobiografia intelectual, estética e linguística. “Eu faço referência as minhas experiências com poetas, leituras, e termino fechando com uma autobiografia parcial, mas ressaltando meu relacionamento com a poesia. A poesia é um tema visceral para mim. O grande tema da minha poesia é a própria poesia. É possível definir a poesia com meus livros *Cemitério Vivo*, *A Geometria da Paixão* – que é meu primeiro livro de poemas, de 1986 –, *Ofertório dos Bens Naturais* e *O Sólene Sabor das Coisas Inúteis*. Sem cabotinismo, é perfeitamente pos-

sível falar sobre a poesia a partir dos títulos dos meus livros”, disse o escritor.

Com *Cemitério Vivo*, ele soma já 23 livros de poemas. Um volume “que fala sobre poesia, a perplexidade da vida, fascinação dos objetos da vida cotidiana e o erotismo, como o amor e o sexo”, afirmou Hildeberto Barbosa.

Quanto ao livro *Zé Lins: engenho e arte*, Hildeberto Barbosa Filho observou tratar-se de uma obra mais organizada do que escrita. “Fiz uma seleção de textos que publiquei, ao longo do tempo, nos jornais *O Norte*, *Contraponto* e *A União*, além de uma entrevista longa, sobre um só tema, ou seja, José Lins do Rego, publicada no *Correio das Artes*, na época em que o casal Cláudio e Yô Limeira editava o suplemento. Também reescrevi algumas coisas”.

*Zé Lins: engenho e arte* aborda vários aspectos de José Lins do Rego, como o romancista, cronista, o memorialista, além do autor no cinema, baseado no filme *O Engenho de Zé Lins* (2007), do cineasta paraibano Vladimir Carvalho. “Zé Lins inicia como crítico

literário e só escreveria o primeiro romance no começo dos anos 1930. Deu trabalho fazer a seleção para esse livro, mas a obra mantém certa unidade”, disse Hildeberto Barbosa.

“José Lins do Rego é um dos autores da minha admiração particular. Sou apaixonado por sua obra e repudio os clichês de que ele foi um simples contador de histórias, que era um simples memorialista e de que tinha um estilo relaxado. Ele é um grande romancista e um dos maiores escritores de nossa literatura. Um escritor de estilo próprio e singular, detentor de uma visão de mundo somente sua, de um universo geográfico e simbólico somente seu. Como um Thomaz Hardy, um Proust, um Faulkner”, ressaltou o crítico literário.

Na orelha do livro, Hildeberto Barbosa registra que *Zé Lins: engenho e arte* é uma obra que “vai na mesma direção, no escopo de ampliar e elastecer esse *corpus* literário no âmbito da análise, da interpretação e do julgamento enquanto instâncias fundamentais da atividade crítica”.

Hildeberto Barbosa, que nasceu na cidade de Aroeiras e ocupa a cadeira número seis da Academia Paraibana de Letras (APL), informou que possui outros projetos, como o de produzir uma obra de referência sobre a literatura da Paraíba. “Escrever não é um *hobby*, mas é a melhor forma de viver e querer dialogar e compartilhar o gosto da literatura com as pessoas. Minha vida é isso”.

## Lançamento conjunto

Ainda não está decidido o local e data de lançamento, mas Hildeberto Barbosa confirmou que fará um lançamento das obras juntas, em João Pessoa. “Como são dois livros de gêneros diferentes, farei o lançamento simultâneo e então o leitor vai escolher se leva um ou os dois livros. Na ocasião, o editor da Ideia, Magno Nicolau, estará cuidando da comercialização e somente depois é que os livros irão para as livrarias”, explicou ele.

O autor disse que, na ocasião, cada livro vai custar R\$ 30, mas se o leitor desejar adquirir os dois pagará o total de R\$ 50.



Imagem: Ideia/Divulgação

‘Cemitério Vivo’ é uma antologia inédita contendo um poema longo que dá o nome ao livro e mais 21 poesias autônomas



Imagem: Ideia/Divulgação

‘Zé Lins: engenho e arte’ reúne 19 textos sobre o escritor paraibano, autor do clássico ‘Menino de Engenho’, publicados ao longo dos anos

Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | colaborador

Lula e o Banco Central

O presidente Lula assumiu, até o momento, uma postura mais à esquerda do que a adotada por seus ministros. Ele sabe que suas promessas de campanha de geração de emprego, combate à fome e à pobreza só serão possíveis com uma política econômica que não trate os interesses rentistas como prioritários. A luta de classes no Brasil tem no orçamento público, na política fiscal e monetária um de seus palcos principais.

A PEC do teto de gastos e a autonomia do Banco Central foram criadas para atender os interesses do capital financeiro. Os defensores da autonomia do BC argumentam que ela é necessária para garantir que as decisões técnicas prevaleçam, livres das intervenções do governo. Em outras palavras, o Banco Central deve ser capaz de definir sua própria política monetária, sem intervenção do governo. Embora a autonomia seja vista como uma forma de evitar a influência política, ela produz efeitos negativos na economia uma vez que o BC não está imune à influência do capital financeiro.

Em 2021, circulou na internet um vídeo no qual o banqueiro André Esteves conta que o presidente do Banco Central, Roberto de Oliveira

Campos Neto, pediu a sua opinião sobre qual taxa de juros deveria ser aplicada no país. Roberto também fez campanha para Jair Bolsonaro e tem laços estreitos com pessoas do antigo governo.

Em países soberanos, com moedas fiduciárias, o Banco Central é uma instituição de extrema importância. Ele é decisivo quando um governo opta por priorizar a estabilidade da inflação em detrimento do emprego e do crescimento econômico, ou quando busca gerar novos empregos e crescimento econômico.

Atualmente, o Brasil tem a maior taxa de juros do mundo, sem que exista justificativa plausível. Uma taxa de juros tão elevada é impedimento para o crescimento econômico e a geração de empregos. O dinheiro no capitalismo é uma mercadoria que fica mais cara com a elevação dos juros. Via de regra, nesse tipo de cenário, acaba sendo mais vantajoso o investimento no setor financeiro do que no sistema produtivo. O que leva à baixa atividade econômica.

Lula tem total consciência que o sucesso de seu governo passa pela mudança da política monetária e fiscal. No entanto, a institucionalidade que foi criada após o golpe de

2016 limita o poder do presidente da República. O mandato de Roberto de Oliveira Campos Neto se encerra em 2024. Até lá a política econômica do governo Lula pode ter naufragado. A projeção de crescimento para 2023 hoje é menor do que a do ano passado.

O governo precisa criar estratégias para superar esse entrave. É importante a participação da sociedade civil nesse debate e a criação de mecanismos de pressão para impor uma guinada na política monetária.

Relevância

BC é decisivo quando um governo opta por priorizar a estabilidade da inflação em detrimento do emprego e do crescimento econômico

Estética e Existência

Klebber Maux Dias  
klebmaux@gmail.com | colaborador

Ética do respeito universal

A análise do uso das expressões morais, estudadas pelo filósofo alemão nascido na República Tcheca, Ernst Tugendhat (1930), fundamenta que é necessário explicar o significado moral tanto de “bom” quanto de “correto”; também apresenta um esclarecimento sobre a natureza dos juízos morais. Essa forma de ver a linguagem moral introduz uma maneira de superar a separação entre os modelos das causas finais e a ciência do dever e da obrigação da ética e possui, consequentemente, necessárias implicações para os diálogos contemporâneos. Por causa disso, suas contribuições apresentam “uma moral” a partir de um “sistema normativo livre”, porque os membros de uma comunidade moral podem escolher um sistema de normas sabendo que os outros também o farão, por isso, a aceitação de uma concepção moral é uma decisão pessoal e autônoma, isto é, tem-se a escolha para cumprir ou não uma estabelecida moralidade. Entender isso é essencial para compreender que justificar um conceito de moral significa dar razões para moderar a própria liberdade pessoal, e submeter-se a um sistema normativo. Essas teses e outras de Ernst Tugendhat são apresentadas pelo professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina, Darlei Dall’Agnol, no seu livro *Verdade e respeito* (2007).

A ética de Tugendhat fundamenta-se no “conceito de respeito”, que evidencia o reconhecimento de que qualquer pessoa é constituída de direitos. Por causa disso, deve-se respeitar qualquer indivíduo por legitimá-lo no seu pertencimento de direitos e de suas obrigações e, simultaneamente, aceitar como deveres para com ele o que são seus direitos. Essa moralidade também está construída nos direitos humanos. Considerando esses princípios, observa-se que a tese que gravita a moralidade de Tugendhat é: “Não instrumentalizes nenhum ser humano”. A partir desse imperativo, entende-se que as ações devem agirem com a finalidade de preservarem o outro como um sujeito de direitos.

Ernst Tugendhat apresenta no seu livro *Lições de ética* (2003) que é possível elaborar uma moral que não esteja comprometida com suposições tradicionalistas e nem conduza ao re-



Filósofo alemão Ernst Tugendhat (1930)

lativismo da interpretação contratualista, apesar de defender uma teoria ética contratualista numa situação específica – que não será apresentada neste texto. Suas análises não fundamentam a moralidade na razão, e nem considera o princípio da moralidade kantiana tenha validade sintética a priori, isto é, que seja independentemente das experiências morais concretas. A partir dessa crítica contra o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), uma das suas teses é o “princípio supremo da moralidade”, que são sempre condicionais. Tugendhat (2003, p. 83) afirma que: “Age diante de todos de tal modo como tu irias querer que os outros agissem na perspectiva de qualquer pessoa”. Esse imperativo faz lembra a citação de Jesus Cristo na Bíblia em Lucas 6:31: “Faça aos outros aquilo que você gostaria que lhe fizessem”. Diante disso, percebe-se que o entendimento é de evitar o sadomasoquismo, que é a relação construída na busca pelo prazer através do sofrimento físico e/ou psicológico em que uma pessoa tem o objetivo de causar a dor, e a outra pessoa de sofrer. A fim de afastar-se dessa perversidade, isto é, fazer uma maldade, o princípio da moralidade também conduz a ação humana a este imperativo: “Não instrumen-

talizes, em tuas ações, nenhum ser humano”. Em consideração a isso, conclui-se que é possível criar novas regras morais que se referem a todos e que sejam igualitárias, e os cidadãos possam aceitá-las. E possuem validade aquelas normas que, no entendimento de qualquer integrante de uma comunidade moral, podem ser vivenciadas pelos diferentes que são capazes de cooperação moral e de respeitar o outro.

Um dos aspectos mais importantes da “ética do respeito universal” de Ernst Tugendhat é sua defesa dos direitos humanos e da justiça. Em seu ensaio *Liberalism, Liberty and the Issue of Economic Human Rights* (1992), defende os chamados “direitos sociais e econômicos” – entre esses tem-se o acesso ao trabalho, e ao padrão mínimo de bem-estar social – como condição para uma existência digna a todos os cidadãos, a fim de preservar as necessidades vitais para sobrevivência. E a realização dos direitos sociais é condição para uma liberdade plena. Bem como os direitos humanos são o resultado de um longo desenvolvimento histórico, e não existe nenhum impedimento, seja teórico, seja prático, para pensarmos em diferentes gerações de direitos. Ele considera que, geralmente, julga-se moralmente de forma absoluta e egoísta, e com a dificuldade que se tem de comprovar a validade das próprias opiniões. Dessa forma, esse é o desafio a que se propõe fundamentar suas *Lições de ética*. Ele separa suas colocações morais no que ele distingue entre o nível dos conteúdos e o da forma. Aos conteúdos a fundamentação é a dos motivos. O da forma, o entendimento será uma expressão do que significa pertencer a uma moral. Isso dá acesso a um conceito formal de moral e, permitirá esclarecer, um discernimento moral e uma obrigação moral, a partir da ética do respeito universal.

Sinta-se convidado à audição do 348º Domingo Sinfônico, deste dia 26, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as contribuições para construção da paz universal do violonista, professor e regente israelita-americano Itzhak Perlman (1945).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Um pedido de desculpa

Falava ao telefone com uma pessoa que me pedia desculpas várias vezes, que pela voz, parecia andar nos 30. Pergunto-lhe: O que fazer para recuperar o erro, se um erro não conserta o outro? Utilizo o verbo. Seria uma desculpa esfarrapada? Não peças desculpas demais, que o bicho pega.

A desculpa caducou ou expirou, é o que não ouço, a esse conjunto imenso de pessoas que sabem o que não sei. No entanto, expirar deveria usar-se em relação ao relapso, mas pedir desculpas toda hora é simplesmente um engodo.

Vejamos – uma pessoa pede desculpa, depois perdão, em nome de todos os santos. Eu prefiro a tal *password*, mas não sou das cavernas. A antena de coisas outras me chegam e são filtradas. Peça desculpa, mas não peça demais.

Este receio miudinho e acabrunhante da desculpa, lembra-me de uma amiga de meu pai chamada Naninha, que nunca pedia desculpa e, com razão.

Naninha era uma escultura, um pedaço de bom caminho, que morava na cidade alta, e descia pelas calçadas como uma deusa. Ela sim, verdadeiro símbolo do erotismo sertanejo. Mas não pedia desculpas, porque não era Geni. Jamais.

A propósito do olhar que revela tudo e outras claridades a sair das pálpebras, pelo que a gente sabe mais, a que propósito mais uma desculpa, não resolve nada.

Depois de ter explicado (mal) o que tenha acontecido, o interlocutor, prontifica-se substituir a desculpa pela “deixa pra lá”. Ao pedir mil desculpas, logo vem a misericórdia. Posso ditar? Faz favor. Eu, o lápis, o caderno, atenção redobrada, quase por fora a ter deixado muitas vezes pra lá, quando a coisa já estava fora de controle. Cabe desculpas? Experimentamos o silêncio. É cruel. Amuada, a criatura pede desculpas e despreza a si mesma e não reage. Conseguiu? Pense mais vezes.

Não deveremos responder nada sobre amuos, não se mostre nervoso, nem indeciso. Se não ata, não desata. Insistentemente chegam pedidos de desculpa pelo zap e pedem só para repetir e pedir de novo. Repito, tal desculpa é mal resolvida.

Então, tente novamente. Não, não tente, se falhou, mas não peça desculpa o dia todo, que enche o saco de pancadas e vira uma cábula, um tormento.

O tente novamente não é novo, nesses percalços e arroios.

Enfim, pedir desculpa tocando nas pessoas é ridículo, se ajoelhando, tipo de gente mais encontrada no GH. Ele e ela sempre têm uma perguntinha: “Tá tudo bem com a gente, né”. “Você precisa ser mais tolerante”. “Você precisa de um terapeuta”. “Quando vocês vão ter outro filho?” “Você precisa me dar mais atenção”. Precisa parar de fumar, precisa fazer academia, que agonia. Vamos zerar esse papo? Afinal, você perguntou alguma coisa? Então, desculpa.

Devo um pedido de desculpas aos meus leitores pela pouca frequência das desculpas. Data vênia.

Kapetadas

1 - Eu vejo umas coisas aqui e entendo porque Deus mandou a gente descer, já que Ele não desce.

2 - Desculpa, mas se estupidez adiantasse, seríamos um povo adiantado.

4 - Som na caixa: “Mas eu que vacilei desculpa aí essa errata”, Jorge Mautner.



Como pedir desculpas pode te ajudar a economizar dinheiro

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## Cinema pirotécnico é um imperativo de mercado

Sempre soube que cinema é, antes de tudo, diversão. Disso, não tenho a menor dúvida. Mesmo porque vivi de salas de exibição de filmes com o meu saudoso pai por mais de trinta anos, desde que eu tinha sete anos de idade.

Também, novidade alguma não é que a indústria do cinema, sobretudo a hollywoodiana, sempre buscou muito mais “faturamento” que qualquer outra coisa. Lógico, isso em razão dos temas que abordou – espaciais ou não –, trazendo o apocalipse e seus super-heróis ao delírio da massa *habituée* dos nossos cinemas. Quando não, protagonizando-se através de seus “monstros sagrados”, tantas vezes laureados com o famigerado Oscar de Melhor Ator e Melhor Atriz, então estereotipados na história da Sétima Arte.

Quicá, pergunte o leitor, qual o sentido dessa história toda? Responderia sem hesitar: o Oscar mais uma vez (agora em março) tem sido, quer se queira ou não, o termômetro para se medir tudo que ainda se faz em cinema, não só nos Estados Unidos, mas no mundo todo. Notadamente, nos dias de hoje, em se tratando do que chamo de “pirotecnia visual exacerbada”, como finalidade da linguagem narrativa, esquecendo o puramente lúdico e real.

Com o avanço da tecnologia eletrônico-visual/sonora, como recurso de edição e de finalização dos fil-



Foto: Paramount/Divulgação

‘Top Gun: Maverick’, da Paramount Pictures, com Tom Cruise, no Oscar 2023

mes, pelo que vimos notando, tem-se distorcido os fatos, avançando para o plano “virtual” (aquilo que poderia ser); não ao que é real. Inclusive no existencial das pessoas e dos eventos. São recursos eletrônicos cogen-tes e imperativos, mas só à “aventura sideral” de mercado.

Sei também que – e usando de uma metáfora – o enigma do cinema está no sortilégio de seu ecrã. Como tenho ainda a certeza de que o mistério do cinema está nele mesmo; na magia de seu ecrã fulgente, que nos transporta, nos devaneia, nos enfeitiça... Daí a sua existência até os dias atuais; mesmo sob moderna roupagem. Mas, para tudo, deve haver um limite...

E para quem existenciou o cinema desde logo cedo, até de forma estoica,

este é um aforismo que trago sempre comigo, a partir de minha adolescência. Mais ainda, quando busco hoje comparar a realidade de um cinema primitivo às atuais convenções formais da tão alardeada “virtualidade estética”. E isso me dá a confirmação de que, só pela sua forma de representação das “coisas” – pessoas e fatos –, podemos conferir esse mister ao bom cinema; por quanto ser a performance adequada do fato, o revisor de uma realidade existente nas formas de imagens e sons projetados numa tela. O que tornaria o cinema a verdadeira, inequívoca, arte do entretenimento; e não só isso, mas um meio à reflexão do mundo real, das coisas e das pessoas. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o blog: [www.alexantos.copm.br](http://www.alexantos.copm.br).



## APC reúne diretoria na próxima quarta (1º)

De acordo com seu calendário de reuniões, previamente aprovado para 2023, a Academia Paraibana de Cinema (APC) promoverá um encontro de diretores e associados na próxima quarta-feira, dia 1º de março.

O vice-presidente da APC, professor João de Lima, confirmou as reuniões quinzenais, sempre pela manhã, quando serão discutidas pautas e ações a serem desenvolvidas este ano. Acordos, neste sentido, estão sendo mantidos entre a direção da Academia e o proprietário do Cine Mirabeau, situado na Av. Fernando Luiz Henrique, no Bessa, nesta capital.

## Em cartaz

### ESTREIAS

**A BALEIA** (The Whale. EUA. Dir: Darren Aronofsky. Drama. 16 anos). Um professor de inglês recluso (Brendan Fraser) que vive com obesidade severa tenta se reconectar com sua distante filha adolescente para uma última chance de redenção. CENTERTPLEX MAG 1 (leg.): 18h; CENTERTPLEX MAG 2 (leg.): 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h30 - 17h15 - 20h.

**CASAMENTO EM FAMÍLIA** (Maybe I Do. EUA. Dir: Michael Jacobs. Drama e Comédia. 12 anos). Michelle (Emma Roberts) e Allen (Luke Bracey) estão juntos há algum tempo e Michelle está começando a querer dar o próximo grande passo e se casar. Mas Allen não tem tanta certeza e entra em pânico. Desesperados, os dois recorrem aos pais. Mas eles têm seus próprios segredos. Quando o casal decide que todos podem se encontrar para jantar, o caos se instala, pois ambos os pais parecem ter uma conexão com o parceiro um do outro. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h45 (dub.) - 10h15 (leg.).

**AS MÚMIAS E O ANEL PERDIDO** (Moomios. Espanha e EUA. Dir: Juan Jesus Garcia Galocha. Animação. Livre). Três múmias egípcias que acidentalmente entram no mundo moderno. CENTERTPLEX MAG 2 (dub.): 15h - 17h; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 14h10 - 16h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h15 - 18h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h30 - 15h45 - 18h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h15 (sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h - 16h50 - 18h40; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h - 16h50 - 18h40.

**13 EXORCISMOS** (13 Exorcisms. Espanha. Dir: Jacobo Martínez. Terror. 16 anos). Baseado em uma história real que aconteceu na cidade de Burgos, em 2014, na qual uma família viveu apavorada ao pensar que sua filha estava possuída pelo demônio e como aquela menina sofreu um pesadelo real de um grupo de pessoas. ela confiava e que deveriam tê-la protegido, mas acabaram se tornando seus maiores inimigos. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 18h45 - 21h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 19h - 21h30.

### CONTINUAÇÃO

**AVATAR - O CAMINHO DA ÁGUA** (Avatar: The Way of Water. EUA. Dir: James Cameron. Ficção Científica. 12 anos). Após 10 anos da primeira batalha de Pandora entre os Na'vi e os humanos, Jake Sully (Sam Worthington) vive pacificamente com sua família e sua

tribo. No entanto, eles devem explorar as regiões de Pandora, indo para o mar e fazendo pactos com outros Na'vi da região, quando uma antiga ameaça ressurgir. CENTERTPLEX MAG 1 (dub.): 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 16h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 20h15; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 19h30.

**GATO DE BOTAS 2: O ÚLTIMO PEDIDO** (Puss in Boots: The Last Wish. EUA. Dir: Tom Wheeler. Animação. Livre). O Gato de Botas descobre que sua paixão pela aventura cobrou seu preço: por conta de seu gosto pelo perigo e pelo desrespeito à segurança pessoal, ele queimou oito de suas nove vidas. Com apenas a restante, ele precisa encontrar a mítica Estrela dos Desejos, capaz de restaurar suas vidas. CENTERTPLEX MAG 1 (dub.): 15h45; CENTERTPLEX MAG 2 (dub.): 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h15; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h - 17h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h - 17h30.

**HOMEM-FORMIGA E A VESPA: QUANTUMANIA** (Ant-Man and The Wasp: Quantumania. EUA. Dir: Peyton Reed. Aventura. Livre). O Homem-Formiga (Paul Rudd) e a Vespa (Evangeline Lilly) lutam contra Kang, o Conquistador (Jonathan Majors), no reino quântico. CENTERTPLEX MAG 3 (3D): 15h30 (dub.) - 18h15 (leg.) - 21h (dub.); CENTERTPLEX MAG 4: 16h40 (dub.) - 19h15 (dub.) - 21h50 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 15h - 17h45 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 14h15 (dub.) - 17h (dub.) - 19h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 13h45 - 16h30 - 19h15 - 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (leg., 3D): 15h30 - 18h15 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg., 3D): 13h30 - 16h15 - 19h - 21h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 13h45 - 16h30 - 19h15 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h30 - 18h15 - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 14h30 - 17h15 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h - 17h30 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h - 18h30 (3D) - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h - 17h30 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 16h - 18h30 (3D) - 21h.

**M3GAN** (EUA. Dir: Gerard Johnstone. Terror. 14 anos). Gemma (Allison Williams) é uma brilhante roboticista de uma empresa de brinquedos que usa inteligência artificial para desenvolver M3gan, uma boneca realista programada para ser a maior companhia de uma criança. Depois de inesperadamente ganhar a custódia de sua sobrinha órfã, ela pede a ajuda a M3gan para cuidar da menina. Porém, por ser um protótipo, ela ainda vem com erros de sistema. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 20h45;

CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h30.

**OFERENDA DO DEMÔNIO** (The Offering. EUA. Dir: Oliver Park. Terror. 14 anos). Uma família lutando contra a perda encontra-se à mercê de um antigo demônio tentando destruí-los por dentro. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h45.

**ROCK DOG** (EUA. Dir: Anthony Bell. Animação. Livre). Quando os jovens artistas de um concurso de música admitem que nunca ouviram falar da banda True Blue, eles são compelidos a se juntar ao show para restaurar o bom nome da lenda do rock. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h (sáb. e dom.).

### CINE BANGÜÊ (JP) - FEVEREIRO

**DESERTO PARTICULAR** (Brasil. Dir: Aly Muritiba. Drama. 14 anos). Policial exemplar parte em busca uma mulher com quem se relaciona virtualmente. CINE BANGÜÊ: 26/2 - 19h.

**EU ESTAVA EM CASA, MAS...** (Ich war zuhause, aber. Alemanha e Sérvia. Dir: Angela Schanelec. Drama. 12 anos). Garoto de desaparece, e, após uma semana, reaparece sem se explicar. Seu comportamento invalida tudo que familiares e autoridades tomavam como certo. CINE BANGÜÊ: 27/2 - 18h30.

**A FELICIDADE DAS PEQUENAS COISAS** (Lunarna: A Yak in the Classroom. China. Dir: Pawo Choyning Dorji. Drama. 10 anos). Professor quer ser cantor famoso, mas é obrigado a lecionar numa região isolada do mundo. CINE BANGÜÊ: 26/2 - 17h; 28/2 - 18h30.

**A MORTE HABITA À NOITE** (Brasil. Dir: Eduardo Morotó. Drama. 16 anos). Aos 50 anos de idade, alcoólatra e desempregado, um homem cruza com uma jovem cheia de vida que vai despertar nele um lado antes desconhecido. CINE BANGÜÊ: 27/2 - 20h30.

**PEQUENOS GUERREIROS** (Brasil. Dir: Bárbara Cariry. Infantil. Livre). Três crianças fazem uma viagem do litoral até a cidade de Barbalha, no Sertão, onde vão pagar promessa na Festa do Pau da Bandeira. CINE BANGÜÊ: 26/2 - 15h.

**NOSSA SENHORA DO NILO** (Notre-Dame du Nil. Bélgica, França e Ruanda. Dir: Atiq Rahimi. Drama. 16 anos). Na conflituosa Ruanda de 1973, um grupo de meninas, umas de elite e outras não privilegiadas, estuda num colégio interno comandado por belgas católicos. CINE BANGÜÊ: 28/2 - 20h30.

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Certos livros, como lê-los?

Se for livro de poemas, sim, porque não existe livro de poesias. A poesia é uma experiência dos sentidos. Ainda não é linguagem, não é forma, não é representação. Só quando se converte, através da materialidade dos versos, em expressão verbal ou icônica, transmuta-se naquilo que entendemos como poema. Há, assim, sensações poéticas, vivências poéticas, inquietações poéticas que, por sua vez, se formalizam no poema, por meio das operações inventivas no corpo da linguagem.

Sim, se for de poemas, é preciso ler os livros dos clássicos, antigos e modernos. Ler uma vez, duas, três, enfim, sempre ler e reler, quer no plano geral da tessitura dos versos, quer na dimensão pontual deste ou daquele momento singular da dicção lírica.

Dos antigos, penso em Dante, na *Divina comédia*, sobretudo pelo andamento melódico de seus tercetos rigorosos. Poucos poetas exploram as camadas acústicas dos vocábulos como Dante; poucos possuem, na elaboração das imagens, o sentido musical das palavras e dos versos, assim como a cadência geométrica do ritmo.

Dos modernos, não devo esquecer um Baudelaire, um Pessoa, um Borges, um Jorge de Lima, principalmente o último Jorge, do *Livro de sonetos* e de *Invenção de Orfeu*. Aquele Jorge que, segundo Mário de Andrade, tinha o poder de fazer com que as imagens dançassem.

Digo que a experiência dessa poesia encamada na argila das palavras não pode nem deve ser fugaz, aleatória ou rarefeita. A grande poesia verbal exige uma convivência mais íntima com a partitura dos poemas, em seus sinais imagéticos, ideativos e sonoros. Creio ainda que esta convivência, para além do prazer que nos mobiliza a sensibilidade, traz, consigo, as diretrizes de uma sutil pedagogia, isto é, a pedagogia do poético, com tudo aquilo que ela implica de beleza e sabedoria.

Dos clássicos também podemos passar para os contemporâneos, não que um contemporâneo não possa ser clássico. É preciso, na esfera dinâmica das leituras, não olvidar aqueles poetas que estão chegando, não importa se epigônicos, originais ou diluidores. Tanto os contumazes quanto os bissextos carecem, de nosso olhar de leitor sedento de novas linguagens. Não raro, os de agora nos ajudam a mensurar melhor a densidade dos grandes mestres.

Contudo, devemos ter cuidado. O cuidado de não engolirmos gato por lebre, pois, nessa Faixa de Gaza em que se transformou a experiência poética da atualidade, tudo é possível na esteira irresponsável do mais frouxo relativismo.

Se o leitor for um crítico, crítico literário, terá de assumir, devido aos percalços do próprio ofício, o risco de ser apedrejado pelos irrequietos guerreiros do Parnaso, pois a sua voz não pode calar diante dos falsos moedeiros das palavras. Se for um leitor comum, aquele leitor que lê simplesmente por prazer e fruição, pode se dar o luxo de não ir além do primeiro verso, fechar o livro de poemas e voltar ao convívio dos poetas que ama. Afinal, os bons poemas se renovam a cada leitura.

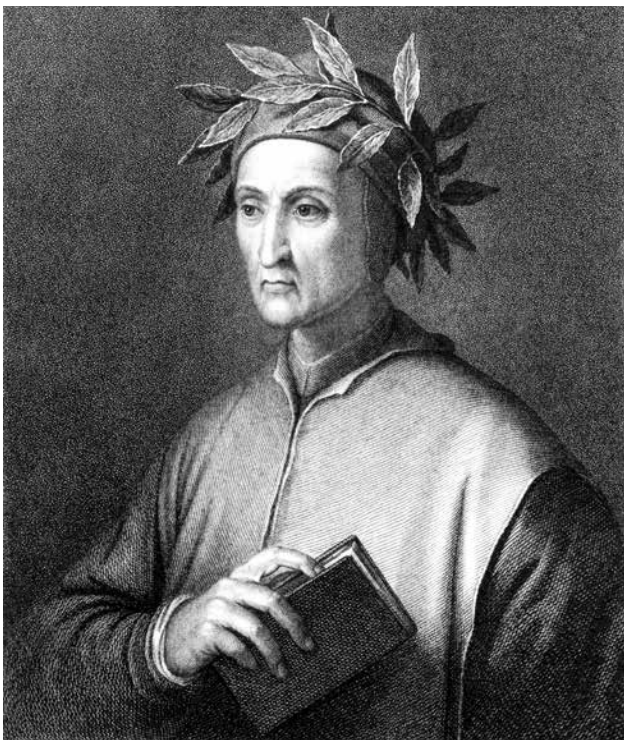


Imagem: Reprodução

Poucos exploram camadas acústicas dos vocábulos como Dante

Colunista colaborador

LITERATURA

# Estação lança obra de Kenzaburo Oe

*Chega ao Brasil o romance ‘Adeus, meu livro!’, segundo volume de uma trilogia do aclamado escritor japonês*

Eduardo Augusto  
*Especial para A União*

Abrindo os trabalhos para o ano de 2023, a Editora Estação Liberdade traz para o leitor brasileiro mais um título do aclamado escritor japonês Kenzaburo Oe. *Adeus, meu livro!* (448 páginas, R\$ 84), segundo volume da trilogia, cujo primeiro livro é *A substituição ou As regras do Tagame*.

Neste novo romance, retornamos ao encontro de Kogito Choko, personagem principal da narrativa anterior e *alter ego* do autor. Mais velho e hospitalizado, Kogito recebe a visita do amigo de infância Shigeru Tsubaki, com quem vai morar depois de receber alta.

É a partir desse reencontro e dos diálogos estabelecidos entre as personagens que o autor apresenta os temas caros à sua literatura. Música, cinema, arquitetura, também suicídio, guerras, políticas, famílias e a sociedade japonesa, estão nessas conversas, que não se limitam a Kogito e Shigeru. Esses diálogos e espelhamentos ramificam-se por outros personagens vivos ou mortos, do Oriente e Ocidente, exterior e interior.

O protagonista, um pacifista militante, precisa decidir se participa ou não de um ato de violência. A decisão deve ser tomada pela sua parte exterior, visível e como todos o reconhecem, ou pela parte interior, contida e que guarda segredos profundos. Assim, interior e exterior são duplos fundamentais na obra do autor.

Sobre o autor

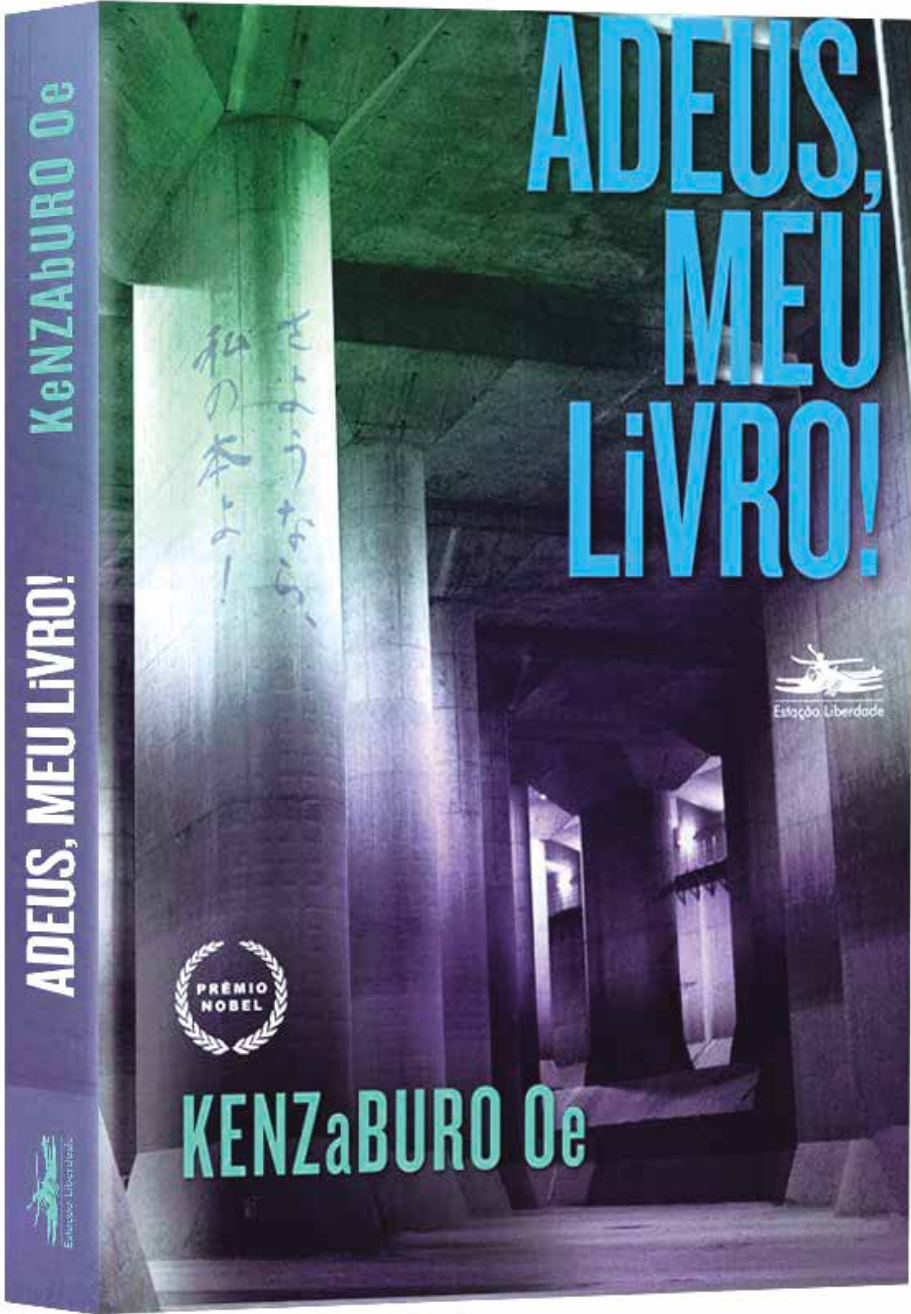
Kenzaburo Oe é um influente escritor japonês, considerado um dos mais importantes do país. Nascido em 1935, em uma pequena vila na ilha de Shikoku, ele é conhecido por suas obras que exploram temas como a identidade japonesa, o trauma da Segunda Guerra Mundial e a busca por um sentido de vida em um mundo cada vez mais complexo.

Oe começou a escrever ainda na juventude e, rapi-



Foto: Estação Liberdade/Divulgação

*Nobel de Literatura, Oe tem uma escrita poética, filosófica e profundamente emocional, convidando a refletir sobre os temas mais profundos da existência humana*



Na nova obra, o protagonista, que é o alter ego do autor, está mais velho e hospitalizado, recebendo a visita de um amigo de infância, com quem vai morar depois de receber alta

Imagem: Estação Liberdade/Divulgação

damente, chamou a atenção do público e da crítica. Em 1958, aos 23 anos, publicou seu primeiro romance, *Uma Paisagem com Porco*, que recebeu diversos prêmios e foi um grande sucesso de vendas. Desde então, Oe escreveu mais de 20 romances, além de ensaios, contos e peças de teatro.

Entre suas obras mais conhecidas estão *Uma Questão Pessoal*, que conta a história de um escritor que se vê diante de um dilema moral ao descobrir que seu filho nasceu com uma deficiência cerebral; e *A Presa*, que retrata a luta de um grupo de estudantes contra a autoridade opressiva do sistema educacional japonês. O escritor também é conhecido por sua militância política e por seu engajamento em causas sociais. Em 1964, ele participou ativamente de um movimento estudantil que lutava contra a presença militar americana no Japão.

Em 1994, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura por sua contribuição para “a narrativa do mundo”. A obra de Kenzaburo Oe é marcada pela complexidade e profundidade de seus personagens,

que refletem a riqueza da cultura japonesa e a complexidade da vida moderna. Sua escrita é poética, filosófica e profundamente emocional, convidando os leitores a refletirem sobre os temas mais profundos da existência humana.

Apesar de suas obras muitas vezes abordarem temas difíceis e controversos, Oe é amplamente admirado por sua coragem e honestidade ao lidar com essas questões. Sua escrita é um testemunho poderoso da capacidade que a literatura tem de nos fazer compreender e confrontar as complexidades dos diversos contextos sociais.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da editora Estação Liberdade

MÚSICA

# Álbum celebra Gil e conta com a participação do baiano

Da Redação

*Andar com Gil*, álbum que reúne Delia Fischer e Ricardo Bacelar em torno da obra do músico e compositor baiano Gilberto Gil, já está nas plataformas de *streaming*, pelo selo Jasmin Music.

Produzido a quatro mãos e gravado em Dolby Atmos no Jasmim Studio, em Fortaleza, o álbum acústico destaca o piano e as vozes de Delia e Ricardo, em um repertório que privilegia canções de Gil que falam de espiritualidade. O projeto conta com a participação especialíssima de Gilberto Gil, o grande homenageado, na gravação da música

‘Prece’ e no videoclipe que registra os bastidores da gravação com Gil.

Fischer e Bacelar já haviam feito colaborações pontuais, mas só agora lançam um disco concebido pelos dois: “Ficamos muito tempo pensando como seria o nosso primeiro trabalho. Veio a ideia de fazer uma releitura e o Gil foi a primeira pessoa que pensamos. A escolha pelo recorte da espiritualidade foi muito feliz, porque privilegia o lado sensível e poético do compositor. É um disco sutil, no qual nós tocamos piano, teclado, instrumentos de percussão exóticos, tudo de forma minimalista”, pontua Bacelar.

“O álbum é fruto do convívio muito intenso que tivemos em estúdio. Gravamos vozes e piano ao vivo, juntos, em faixas como ‘A Paz’, ‘Oriente’ e ‘Aqui e Agora’, para capturar a emoção e o clima intimista das canções. A versão de ‘Palco’ também aconteceu com muita naturalidade”, conta Delia Fischer.

No repertório, além das canções já citadas, incluindo ‘Prece’ – com Gilberto Gil terçando vozes com Delia e Ricardo, e Jaques Morelenbaum no violoncelo –, estão clássicos como ‘Se eu quiser falar com Deus’, ‘Andar com fé’, ‘Cada tempo em seu lugar’ e ‘São João Xangô Menino’.

“O Gil é essa soma complexa e rica de significados musicais, poéticos e espirituais. Gravar com ele foi muito emocionante: nós três estávamos no mesmo clima de introspecção”, relembra Bacelar.



Através do QR Code acima, assista ao clipe de ‘Prece’



Foto: Nando Chagas/Divulgação

Ricardo Bacelar (E) e Delia Fischer (C) com Gil (D) cantando ‘Prece’

NOME DA CAPITAL

# Advogado pede ao TRE que consulte população

*Raoni Vita identifica pendência na Constituição e sugere realização de plebiscito*

Juliana Teixeira  
seliganopoliticaporelas@gmail.com

Fevereiro de 2023, mais de 90 anos se passaram, após a mudança de nome envolvendo a capital paraibana, que passou de Paraíba do Norte para João Pessoa, uma homenagem ao então Presidente do Estado, assassinado no Recife, em plena campanha política. Na última semana um novo fato trouxe à tona novamente a discussão.

Desta vez, o levante vem de um advogado que diz não ter motivações políticas para discutir o tema novamente. Acontece que ao estudar o tema ‘Democracia Participativa’, Raoni Vita constatou que há uma espécie de pendência na escuta da população sobre o tema. Está no artigo 82 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Estadual, de 1989.

“Art. 82. O Tribunal Regional Eleitoral realizará consulta plebiscitária, a fim de saber do povo de João Pessoa qual o nome de sua

preferência para esta cidade”

De posse deste embasamento, o advogado Raoni Vita ingressou com mandado de injunção junto ao Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE). Este é um re-

médio constitucional, ferramenta para fazer valer os direitos assegurados pela Constituição e que precisam de uma lei ou norma específica para serem implementados ou exercidos.

O pedido ainda não foi julgado pelo pleno do Tribunal, mas já desperta uma discussão quente nas ruas da capital, e porque não dizer de toda a Paraíba, já que se trata da capital do estado.



Foto: Marcos Russo

Mais de 90 anos depois, o nome da capital paraibana pode voltar a ser discutido pela população

## Políticos divididos entre a história e o povo

No meio político, a possibilidade já está repercutindo. A União reuniu algumas opiniões. Fernando Milanez (PV), vereador de João Pessoa e sobrinho-neto de João Pessoa, político que deu o nome à capital paraibana, lamentou a solicitação de plebiscito para mudança do nome da cidade, tratando como estupidez e pretensão política na tentativa.

“Não é a primeira vez que aproveitadores buscam os holofotes da mídia para tentar mudar o nome da cidade de João Pessoa. Todas as tentativas anteriores fracassaram. Só a estupidez de quem não conhece a história do Brasil pode motivar iniciativas como esta”, afirmou.

Milanez Neto fez questão de apontar para história ao des-

taçar a importância histórica do político João Pessoa. “É importante dizer que morte de João Pessoa, com todo contexto político, econômico e social que existia na época, foi um dos motivos da Revolução de 1930 e consequentemente do fim do período que chamamos de República Velha. À medida em que o corpo de João Pessoa peregrinava entre as principais capitais do Brasil para receber homenagens por conta do crime político, seu nome ia batizando ruas, avenidas e praças pelo país.”, disse Milanez.

Outros vereadores de João Pessoa também se posicionaram sobre o tema. Para Marcílio HBE (Patriota) é preciso, sim, respeitar opinião dos cidadãos, no entanto, o parlamentar

“  
Não é primeira vez que aproveitadores buscam os holofotes para tentar mudar o nome de João Pessoa

Fernando Milanez Neto

coloca que esta é uma temática necessária. “O nome João Pessoa já é conhecido internacionalmente”, defendeu.

Tarcísio Jardim (PP) colocou: “Nosso estado e nosso município têm problemas mais sérios para ocupar o Judiciário para serem tratadas”.

Já Thiago Lucena (PRTB) defendeu que a população seja escutada, mas não acredita que seja necessária essa mudança.

O líder da oposição, o deputado estadual Walber Virgulino (PL), a temática poderá ter consequências, tendo em vista as necessidades atuais.

“Já tivemos pandemia, eleição, atos antidemocráticos, crise dos Yanomamis, Braiscom-pany, são muitos problemas para cuidar,” disse.

## Entre os moradores, tema divide opiniões

“Não concordo com a mudança do nome da capital da Paraíba! Apesar de muitos historiadores e artistas não concordarem com a homenagem ao ex-governador da Paraíba. Os habitantes da capital já têm o nome de sua cidade gravada e aceita por todos em seu coração. Eu tenho orgulho de ter nascido aqui e de ser chamado de ‘pessoense’”, opinou o morador João Menezes, do bairro do Altiplano.

Meu voto é não pela mudança do nome da cidade! A funcionária pública Valéria Nunes disse que não quer mudança. “Por mim o nome da capital continua João Pessoa. Por força do hábito mesmo”, disse.

Para o engenheiro Renato Lins, a mudança do nome teria significado simbólico e históri-

co, mas é necessário considerar as prioridades e demandas mais urgentes de João Pessoa.

“A cidade pode enfrentar desafios como a falta de infraestrutura adequada, problemas de segurança, acesso limitado à saúde e educação de qualidade, desigualdades sociais e econômicas, e impactos ambientais. É importante que as autoridades e representantes da cidade priorizem e concentrem seus esforços em solucionar essas demandas”, comentou o engenheiro.

Já o empresário Gabriel Rocha diz ser favorável à mudança. “O plebiscito é legal. O nome da cidade diz muito sobre ela, por isso, os moradores devem ser ouvidos. Na minha opinião, se chamaria Paraíba”, disse.

Há quem defenda que a mu-

dança do nome poderia trazer prejuízos para o setor do Turismo, uma vez que o nome João Pessoa já vem sendo difundido na promoção da capital como destino turístico.

O presidente da PBTur Ferdinando Lucena disse não ver sentido no plebiscito para tentar mudar o nome de João Pessoa.

“Sou a favor que o nome permaneça, pois no momento em que você tira o nome, a gente perde uma história de mais de 437 anos ao longo de todo o processo. O que a gente vai contar a quem nos visita?”, disse Ferdinando.

O ex-vereador de João Pessoa de 2012 a 2016, também estudou o tema e até escreveu um livro, intitulado ‘Parahyba 1930: A Verdade Omitida’. Com bases no que estudou, Fuba defendeu

que a população deve ser consultada sobre a mudança de nome da capital paraibana, como prevê a lei estadual.

“Não acho que haverá mudança porque as pessoas não conhecem a história da Paraíba”.

Cabe ao TRE fazer com que o processo seja remetido à Advocacia Geral da União (AGU), em seguida, a matéria deve ser remetida à Procuradoria Regional Eleitoral para o parecer e depois a escolha de um relator para julgamento no plenário do TRE. Caso aprovado, o plebiscito para decidir sobre a mudança do nome da capital paraibana, ocorrerá no dia 6 de outubro de 2024, mesmo dia das eleições municipais. Até um novo desfecho, o assunto ainda deverá render muitas discussões.

## Opinião

Maria das Neves Franca  
Mestre em Filosofia/ Colaboração

## A Causa Secreta

Levada a efeito através de um ambicioso projeto genealógico, Nietzsche elabora, com a sua filosofia, uma crítica radical à moral, precisamente à moral judaico-cristã. Investigando a origem e o valor dos valores, em cujo cerne se enraíza a questão da verdade, o pensador alemão levanta a tese da existência de dois tipos de moral: a sadia, regida pelos instintos da vida, própria dos indivíduos fortes, criadores e, por conseguinte capazes de determinar os seus próprios valores, e a moral dos fracos, característica dos impotentes e expressiva do ódio destes contra aquilo que é positivo, capaz de ação, afirmativo da vida. Uma moral, portanto, ativa, própria dos que agem, dos que ousam, dos que criam, e uma moral reativa, própria dos que somente reagem, ambas correspondendo, assim, a distintos modos de vida, diferentes modos de existir. Deve-se à moral judaico-cristã, segundo Nietzsche, o triunfo das forças reativas sobre as ativas, triunfo que configura o nihilismo moderno, definido a partir de três figuras principais: o ressentimento, a má-consciência e o ideal ascético. O ressentimento caracteriza o indivíduo que se consome na inveja, no ódio, na sede de vingança do outro que concebe como culpado pelo que ele não é e não pode, e pelo seu sofrimento por este não ser e não poder. Concebe o forte como o mau a fim de se considerar, em sua fraqueza, como o bom. A má consciência é o ressentimento voltado contra si mesmo. É o sentimento de culpa, provocado pela repressão social aos seus instintos mais potentes, é a ferocidade recalçada, coibida, interiorizada. O sofrimento do ressentido, que busca um culpado que o justifique, é, na má consciência, aliviado pela introdução de si mesmo como culpado. Com isso é feita a descompressão do ressentimento acumulado, e o que poderia ser um explosivo transforma-se na ânsia de perdão pela consciência culpada. O ideal ascético contribui para o alívio geral; afinal, acreditando ser feliz numa outra vida, mais além, para a qual esta é somente uma ponte, os ressentidos aceitam o sofrimento como purificação e seguem, passivos, em direção ao pressuposto final libertador.

Trago Nietzsche no esforço de compreender a insistência que se tem dado, de uma forma até um tanto exagerada, considerando problemas mais sérios e mais graves que afetam a cidade, para instauração de um plebiscito com o fim de decidir o nome da capital paraibana. Penso que à família Pessoa cabe, nesta hora, o exercício da tolerância e da compreensão humana. É possível também encontrar causas secretas nos subterrâneos do inconsciente e, aí, o que emerge nesse esforço pode muito bem ser clarificado por intermédio de incursões mais profundas nesse terreno.

João Pessoa, na verdade, não pertence à família nem ao Estado, pertence à História, pertence ao tempo. No tempo e com o tempo, tudo tem sua ascensão e seu declínio, contudo só declina os que alguma vez ascenderam. A constituição de um plebiscito e a mudança ou não do nome da cidade não deve mover a família em torno da questão. Cada tempo tem as suas decisões. Não tenho certeza, mas talvez o primeiro plebiscito da História tenha sido aquele em que escolhido Barrabás, Cristo é levado à cruz.

# Memórias

## A União

Zélio Marques

# A ordem era cobrar por qualquer serviço, inclusive para o governador

Sociólogo conta como sua ida para A União foi precedida de uma conversa com o governador José Maranhão, que determinou a transformação do jornal, da gráfica e de todos os serviços em atividades lucrativas dentro dos padrões modernos da administração de uma empresa

Luiz Carlos Sousa  
lucjap@gmail.com

O sociólogo Zélio Marques presidente de A União de 1997 a 2001. Ele recebeu como missão do governador José Maranhão administrar a partir de critérios econômicos, ou seja, fazer a empresa dar lucro. Zélio seguiu a recomendação à risca e cobrou do próprio Maranhão a publicação de um edital no Diário Oficial. Essa cobrança passou a servir de exemplo para qualquer pessoa que solicitasse gratuitamente um dos serviços prestados pela organização. Zélio exibia o cheque de José Maranhão, que guardava em seu birô de trabalho e dizia que até o governador pagara para publicar um edital. Ele conta histórias de como desenvolveu um bom relacionamento com os jornalistas, como equilibrou as finanças e revela que apesar de todos os avanços tecnológicos ainda prefere o livro de papel e diz que o grande legado desse patrimônio é a construção da História da Paraíba.

## Entrevista

■ Sua história com A União começou de que forma? Você não é jornalista?

É verdade que eu não sou jornalista, mas também é verdade, que eu tenho muita admiração pelo segmento social do jornalista. Acho que A União é um mito, mito bom, né? Tem uma imagem muito forte de uma mensagem que atravessa 130 anos. Eu vim para cá porque o governador José Maranhão me chamou e disse: “Vá para A União”.

■ Deu uma missão?

Exatamente. Eu raciocinei e disse ao governador: A União é lugar de jornalista. Eu não sou jornalista, eu sou professor. “Exatamente porque você não é a jornalista que eu estou lhe mandando. Porque eu quero um administrador. Vá para lá e faça de A União uma empresa que ela não está atendendo aos seus objetivos como empresa”, recomendou.

■ Carta branca?

Ele me deu todo apoio.

■ Ajudou?

Nada. O governador José Maranhão, a vida toda, foi muito seguro financeiramente. Eu vim e aqui passei três anos e três dias, coincidentemente, de 1997 até o começo de 2001 e me dei muito bem com os jornalistas. Gosto de todos eles e tive-mos o entendimento de que o superintendente não é jornalista, mas é administrador. Consegui cumprir a missão que aceitara e consegui com um pouco de habilidade, de jogo de cintura, para fazer com que eles entendessem.

■ Você trabalhava onde antes?

Eu era professor universitário e sobrava um tempinho, porque eu era só T-20 na universidade, 20 horas. Então eu aproveitei o restante e vim para o estado. Fiz concurso, passei e entrei como técnico de planejamento, na área teórica e cultural, sou professor de sociologia, então eu fazia essa harmonia entre o técnico de planejamento e o professor de Sociologia.

■ Foi assim que você conheceu José Maranhão?

Não, conheci no próprio Estado, através do nosso querido e saudoso Antônio Marques da Silva Mariz, porque eu fui criado em Sousa e presenciei o que é um administrador sério, competente, rigorosamente honesto. Com ele eu aprendi muita coisa boa.

um relatório de minha empresa no Diário Oficial. Ele me cobrou R\$ 200 e eu paguei.

■ Dado exemplo?

Eu estava com esse cheque, não mandei para o banco. Liguei para ele e pedi que passe em espécie e botei em cima do meu birô mostrando a quem chegava para pedir algum serviço gratuitamente.

■ E como era a conversa com quem solicitava o serviço e não queria pagar?

O governador paga. Se você quiser alguma coisa aqui, tem que pagar. Muitos disseram: “Não, eu vou conversar com Maranhão”. Pode ir, não tem problema. É sério.

■ Era uma situação quase que comum A União prestar serviço, especialmente ao Estado, e não receber?

Aí foi uma segunda etapa, conversei com o governador, se ele queria o jornal uma empresa com o próprio Estado não pagando, sendo o maior devedor. Todas as publicações de todas as secretarias para o Diário Oficial são gratuitas.

■ Qual foi a reação?

“O que é que você quer?”, ele me perguntou. Eu quero cobrar do secretário? “Zélio, você não pode”, ele disse. Governador, é ou não é uma empresa? Eu vou cobrar. O senhor deixa? “Eu permito”, respondeu. Numa reunião com os secretários mostrei para eles que eu compro papel a preço de dólar, eu compro tinta, eu pago o operário, eu pago a energia, eu tenho água, eu tenho o funcionário até gratuitamente? Ninguém trabalha para mim gratuitamente. Como é que vocês querem publicar as coisas do Diário Oficial e não me pagar?

■ Foi o principal embate político e necessário para equilibrar financeiramente?

Antes, eu tinha conversado com dois ou três secretários para quando eu falasse eles apoiassem. Consegui o apoio dos secretários. E aí A União passou a ser uma empresa já com certa autonomia financeira, por-que todo mundo pagava tudo, não tinha nada gratuito.

■ Você levou quanto tempo para conseguir esse equilíbrio que você, digamos assim, estabeleceu como meta?

Aproximadamente o ano e meio, porque havia muita resistência, porque a mentalidade era que A União fazia tudo de graça: livro, Diário Oficial, Diário da Justiça, tudo era gratuito. Só que para A União nada era gratuito. Jornal é caro, você sabe disso. Tinta é cara, manutenção.

■ Como você disse, papel em dólar?

Quem controla o papel jornal é o dólar. O dólar é que determina o preço do papel. Como é que eu, trabalhando com dólar, posso fazer um jornal gratuito? Não posso não. E aí, comecei a conversar e depois de um ano e meio as coisas foram aceitando as minhas ideias. Deu um pouco de trabalho, mas eu tinha o apoio do governador.

■ A maior resistência que você enfrentou foi política, foi uma resistência isolada.

A Justiça me deu um pouco de



Zélio Marques diz que a internet é um avanço, mas que prefere a leitura “face to face” que o livro proporciona

trabalho, porque tenho o Diário da Justiça, onde eles, nada. Fui lá conversar com desembargador e mostrar para ele, que tinha o maior prazer em imprimir o Diário da Justiça. Agora o senhor há de compreender que há um custo nisso. Vamos chegar a um acordo. “Não, toda a vida foi gratuito”, respondeu o desembargador. Por isso, que toda vida deu prejuízo à A União, porque eu compro papel, eu compro, tinta, eu pago o operário, eu pago energia. Finalmente ele aceitou e passou a pagar também.

■ E a iniciativa privada?

Alguns queriam gratuito. Olha, quando eu cheguei eu tinha 30 livros para serem impressos no prelo cada um teria 500 exemplares, seriam 15.000 livros gratuitos, todos eles de deputado tal, deputado federal e ex-governador. Tudo para imprimir de graça.

■ Houve algum atrito?

Chegou uma parenta do governador que queria cinco mil exemplares. Aí houve um certo atrito, mas educado. Olhem 5.000 exemplares. Eu disse, madame, proposta de cin-



Zélio disse que levou um ano e meio para deixar A União dentro dos padrões da administração

co mil exemplares são para José de Alencar Machado de Assis.

■ Jose Lins do Rego, José Américo...

Esse povo. Eu tenho o maior orgulho que a senhora chegue lá, mas, pelo que eu sei, não chegou ainda ao nível desse povo. Então, eu não posso fazer 5.000 exemplares. Eu só posso fazer 500 exemplares e a dinheiro. Quando eu falei em dinheiro, a mulher reagiu. “Vou dizer a Maranhão que eu sou parenta dele”, afirmou.

■ Ela foi ao governador?

Eu mesmo recomendei: Vá lá e explique para ele, diga para ele tudo o que eu disse para a senhora. Ela foi falar com ele. Resposta dele: “Olha, ele está cobrando até de mim. É melhor você arrumar dinheiro para imprimir. E se ele falou que são 500 faça só 499. Cumpra o que ele recomenda.

■ Não lhe faltou o apoio?

Na verdade a mulher voltou. Eu cobrei R\$ 5 mil, na hora ela passou o cheque e pagou. Quer dizer, as pessoas que queriam de graça podiam pagar. Era o hábito ou o vício.

■ De recorrer A União?

Consequentemente, a remuneração dos jornalistas lá em baixo. “A gente tá ganhando...” alegavam. Me deem um pouco de tempo. Quando eu comecei a conseguir mais recursos, fiz um plano de cargos e salários e elevei o nível salarial do jornalista, corrigindo distorções. Tinha jornalista que ganhava R\$ 600 e outro ganhava R\$ 3.500. Nunca entendi aquilo, nunca entendi.

■ Como foi que você tratou de aplicar esses recursos, que conseguiu trazer para o caixa da empresa?

Eu não comprei máquinas, eu imprimi livros e fiz outras publicações de interesse coletivo. Por exemplo, o Correio das Artes tomou uma outra dinâmica. Quando eu cheguei o Correio das Artes, não circulava há seis meses por falta de recursos. Não era incompetência da superintendência, era que não tinha dinheiro para imprimir o Correio das Artes. Então voltou a circular, e fez impressos bas-



Zélio Marques

As pessoas que queriam os serviços de graça podiam pagar. Era o hábito ou o vício e A União bancava

Zélio Marques

tante interessantes para a Paraíba. Da história, dos vultos históricos da Paraíba. Dom Adauto, Ernani Satyro.

■ Foram as plaquetes?

É isso mesmo que é. Enfim, todas essas figuras culturais, políticas e religiosas tiveram a história contada a partir desse projeto. Nós aprendemos, fizemos a história de, salvo engano, 32 vultos históricos da Paraíba. É uma coleção onde você tem praticamente a história da Paraíba semanalmente, sob a coordenação de Nelson Coelho. A gente mandava isso e eu até imprimia. Então eu fiz questão de não fazer muita construção. Para mim tinha construção demais. O que faltava era esse aspecto cultural, que para mim é a grande riqueza de A União.

■ Produzir Cultura?

A União é uma força cultural da Paraíba, muito grande, que precisa ser respeitada, dinamizada, venerada, porque é um mito, um mito bom, a união. Foi isso que eu aprendi aqui. Outra coisa despertei e manter porque eu queria fazer. Eu fazia questão que a união fosse de fato respeitada.

■ Afinal de contas, praticamente, um quarto da história da Paraíba está nas páginas da União, são 130 anos dos 438? São 130 anos. É uma história.

■ E o Diário Oficial?

O Diário Oficial era um problema para a Justiça, porque nós recebíamos do interior todas as solicitações, requerimentos, projeto dos senhores juizes, sentenças, com atraso. Chegavam 15 dias depois, o prazo vencia. Virou piada. É atrasado que só o Diário Oficial.

■ Já era algo jocoso?

Bom, então como resolver isso? Com a ajuda do governador, evidentemente. Nós compramos uma caminhonete novíssima, contratamos dois motoristas e diariamente esta caminhonete saía de João Pessoa às 22h com o Diário Oficial, o Diário da Justiça e o jornal. E ia jogando tudo isso dentro da Paraíba até Cajazeiras. Chegava a Cajazeiras às 6h. Resultado a Paraíba inteira tinha Diário Oficial, Diário da Justiça e o jornal A União, porque durante a noite A União estava trabalhando. E o meritíssimo juiz deixava na sucursal de Cajazeiras, de Patos, de Campina Grande tudo o que era para ser publicado, e eu já fazia todas aquelas publicações que a Justiça queria que fosse feita. Aí o governador ganhou mais prestígio diante da Justiça, porque o Diário Oficial chegava atual. Teve custo, foi custo mais alto, mas eu já cobrava. Se eu cobrava, eu tinha dinheiro. Tive a obrigação de prestar o serviço. Era a resposta. Aí o povo pagava com gosto e um diálogo, porque tanto tinha o jornal como tinha o diário, a Justiça.

■ Chegou a ter algum problema com a Assembleia, local político por excelência de bastidores, com o Diário do Legislativo?

Eu tinha um deputado que eu considerava meu líder tal. Quando eu tinha que fazer qualquer afoiteza e qualquer avanço que a coisa poderia bater politicamente, chamava meu líder e explicava todas as conveniências para que, se ocorresse alguma crítica, ele pudesse argumentar. Agora, uma vez eu fui convocado e aí eu fui à Assembleia e expliquei todo esse contexto de A União.

■ Dinheiro em caixa, projeto pronto, era só executar?

E eu tive o grande apoio dos jornalistas. Olha, eu tenho que deixar isso muito claro, muito claro, o William Costa e sua equipe, Linaldo, Nonato e sua equipe. Todo esse pessoal me ajudou muito, porque eu procurei me entrosar, até socialmente, comecei a frequentar a área, a imprensa, para poder eu compensar o aspecto técnico que eu não era jornalista. Se eu não era jornalista, tinha que ser pelo menos saber conviver com eles. E essa convivência foi muito benéfica para mim. E eu acho que para A União.

■ Onde você foi buscar essa sensibilidade para tudo?

É questão de método, método, método, paciência, paciência. Ninguém nasce com 10 anos. Não nasce nem com dente, não é? Isso tudo vem dentro de um processo natural de evolução, e de construção. Era isso que estava na minha cabeça. Eu tenho que construir, porque A União é uma construção contínua. São 130 anos que ela cons-

trói a Paraíba. Eu tenho que entrar dentro do processo do método.

■ Você teve consciência histórica do papel da união?

Eu sou fã de A União. Eu sou fã de A União pelo papel que ela tem, que ela tem dentro do Estado. Não é só o papel institucional, protocolar, disciplinar, Diário Oficial, Diário da Justiça, publicar o que o governador está fazendo, o que deixou de fazer. Isso aí é muito burocrático. A União educa. Então, toda a informação, constrói.

■ A gente chega à conclusão de que você também aprendeu com A União.

E muito, e muito. Todo mundo considera uma escola. Eu acho que eu aprendi mais, que eu ensinei. Isso para mim é que é A União, essa construção contínua que vocês fazem, e, às vezes, nem percebem porque é o cotidiano. Parece rotina, mas as casas são feitas de tijolo por tijolo, tijolo por tijolo.

■ O raciocínio lógico, cartesiano?

É tijolo por tijolo e madeira. O que é A União? A união é hoje, amanhã, depois de amanhã vai construir, vai fazendo história. Procura nos 130 anos para ver o papel de A União.

■ Você se entendeu com o Judiciário, tinha seu líder na Assembleia, teve o apoio político incondicional do governador para o projeto de solidificar a empresa e resgatar a sua pujança financeira. E com as prefeituras, que a gente sabe que sempre foram eternos devedores de A União?

Eu tenho simpatia especial pelos prefeitos, porque eu já administrei um município, um município pequeno chamado Congo, que é no Cariri paraibano. Então, apesar disso eu falava para os prefeitos que a minha situação financeira dependia deles. O senhor quer de graça, me prejudica, prejudica a empresa e eu não posso ainda atender. Eu sei que o senhor pode ter problema financeiro. É natural que tenha, o prefeito se envolve com muita coisa, mas o senhor vai ter que considerar que eu tenho que ter recurso financeiro para administrar uma empresa. Isso aqui é uma empresa. É um órgão público empresarial.

■ Agora, Zélio, a gente fala muito de papel, mas há outros insumos todos que são usados na impressão. Fixador, chapão, tudo em dólar.

Se você quer manter A União, tem que começar a pensar nisso. Você não vai pensar, em Real. Tem que pensar de dólar, porque é o princípio econômico, é o dólar que predomina. Então tem que se pensar A União sob o aspecto financeiro. Para poder, ela tem que cumprir a sua missão de informar e construir. Para que ela possa registrar, aliás, fazer também a história da Paraíba. Tem que se pensar no econômico, tem que saber. Aliás, não precisa ser marxista pra você entender que o econômico é o básico. Capitalismo.



Para o sociólogo Zélio Marques, A União é uma construtora de histórias e patrimônio cultural

■ Negociava?

Então aqui tem que ser na base da fé. Evidentemente que eu posso com o senhor fazer uma consideração. O senhor pague de duas vezes, três vezes, mas o senhor vai ter que pagar porque até o governador está pagando.

■ Você é uma pessoa calma, tranquila. A conversa sempre era nesse tom ou alguma vez você deu um murro na mesa e disse: de graça, não posso fazer?

Murro na mesa não dei, ainda que tenha tido vontade.

■ O papel também foi o grande problema?

Papel em jornal sempre foi problema, porque claro que era caro, sempre foi. Cotação em dólar. Segunda coisa, até comprar em Recife sim, mesmo que o papel fosse nacional, a cotação do dólar. Outra coisa, comprou pagou. Quando eu cheguei pensei em fazer reserva daqueles carretéis, as bobinas, para poder trabalhar. Mas não deu. Só podia comprar um ou dois carretéis, três carretéis. Quando chegava o último carretel era uma dor de cabeça, porque eu já tinha saber o preço, fazer cotação. Foi problema. Até que eu melhorei de situação financeira. Aí eu passei a ter dois, três carretéis de reserva, mas isso depois de um ano e meio tal.

■ E o papel era problema porque além do papel para o jornal, tinha o papel para a gráfica, pra editora?

Essa aí a gente resolveu logo porque para imprimir o livro pagava e aí eu sempre tinha na garantia. Agora cinco mil exemplares não fiz para ninguém, não tinha condição

■ Agora, Zélio, a gente fala muito de papel, mas há outros insumos todos que são usados na impressão. Fixador, chapão, tudo em dólar.

Se você quer manter A União, tem que começar a pensar nisso. Você não vai pensar, em Real. Tem que pensar de dólar, porque é o princípio econômico, é o dólar que predomina. Então tem que se pensar A União sob o aspecto financeiro. Para poder, ela tem que cumprir a sua missão de informar e construir. Para que ela possa registrar, aliás, fazer também a história da Paraíba. Tem que se pensar no econômico, tem que saber. Aliás, não precisa ser marxista pra você entender que o econômico é o básico. Capitalismo.

■ Esse é o legado de A União?

Eu que poderia perguntar a vocês o que é que vocês estão fazendo para continuar essa linha de construção, ou se existe outra, pode ser que tem outra linha. Eu não conheço, pode ser. É possível que até outro segmento que os atuais jornalistas estão trabalhando. Se estiver, ótimo, você veja.

■ Você gostaria de acrescentar algo que passou despercebido aqui, que eu não perguntei?

Eu desejo aos atuais jornalistas que trabalham que continuem a construir a história da Paraíba através da União. Eu acho que esse é o papel de vocês e que é uma grande contribuição para no futuro se alguém quiser conhecer melhor as raízes da Paraíba. Parabêniz a A União. E o que é que eu dizer afinal? Só meu sentimento e sabe qual o meu sentimento? Viva a União!

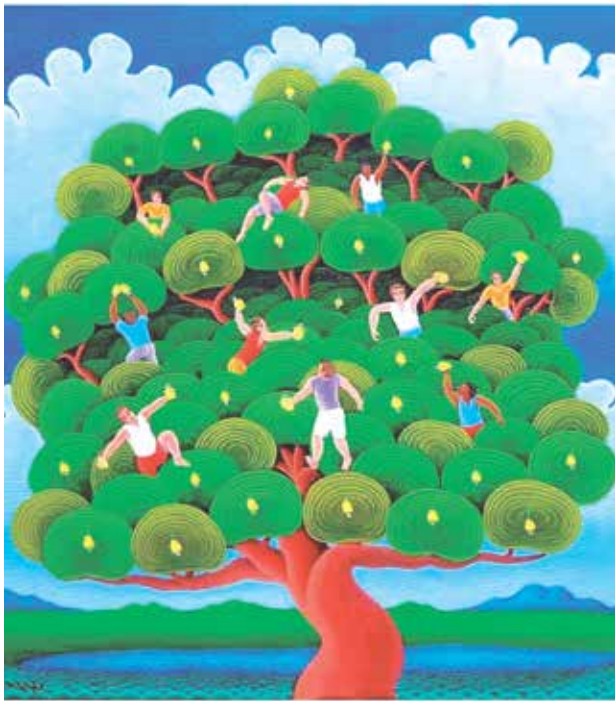


EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa  
EDITORACÃO: Paulo Sérgio



Juliana Rabelo Dias Miranda, Wendell Rodrigues, Leonardo Medeiros, Evaldo Sales Honfi, Fabiano Vidal, Liege Barbalho, André Pinheiro, Biliu de Campina e Jorge Figueiredo são os aniversariantes da semana.

Luiz Tananduba, filho e discípulo do artista naif, Alexandre Filho, um grande e talentoso artista plástico paraibano, teve a sua obra "A Árvore das Nações" selecionada para integrar a Segunda Bienal Virtual Internacional NAIV Bulgária 2023, uma concorrida e importante exposição de artes plásticas que agrega artistas do mundo todo.



O novo presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ferdinando Lucena, foi solenemente empossado no cargo pela secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba, Rosália Lucas, durante solenidade que aconteceu no Sesc Cabo Branco, na última quinta-feira (23). Na ocasião, registrei o novo presidente da entidade, entre o secretário de Turismo de João Pessoa, Daniel Rodrigues; o diretor-superintendente do Sebrae/PB, Luiz Alberto Amorim; o presidente da Câmara Municipal de João Pessoa, vereador Dinho Dowsley; a secretária de Turismo da Paraíba, Rosália Lucas; o presidente da Fecomércio-PB, Marconi Medeiros; o presidente do Convention Bureau de João Pessoa, Marcus Abrantes e o presidente da ABIH-PB, Rodrigo Pinto.



O paradisíaco hotel Canárius de Gaibú, localizado no Litoral Norte pernambucano, foi o local escolhido por Roberta Aquino, na foto entre a nora Raissa Lacerda e a amiga Dapaz Gonçalves, para descansar no Reinado de Momo.



Em pleno sábado de Carnaval, dia 18 último, o Prof. Francelino com a esposa Profa. Magna Celi estiveram recebendo, em seu apt., no Cabo Branco, os filhos Óliver, Omar, Francelino Segundo e Erick France, as noras Lindinalva e Cláudia Rossana, e o neto Rhayam com Nicole, com o objetivo da comemoração natalícia dele.



Thereza Madalena, que representou com fidalguia, a esposa de Dom Pedro II, a imperatriz Teresa Cristina das Duas Sicílias, na Corte Imperial do Bloco do Turista, degustando em seu programa semanal, na TV Master, um saboroso café São Braz.



O casal Jurandir e Michelle Maciel, carnavalescos da melhor qualidade, esteve em Recife e aproveitou a deixa para registrar o momento, ao lado do grande homenageado do carnaval recifense, Geraldo Azevedo. Jurandir Maciel, um grande artista plástico, mantém ateliê/museu no Largo São Pedro e São Paulo, no Centro Histórico de nossa capital.



O saudoso engenheiro Bessanger Abrantes, um grande amigo e colega de profissão do meu marido Walter de Vasconcelos Dias, foi homenageado pelo Baratoná, bloco carnavalesco liderado pelo miramarense Marcos Pinto. No evento, registrei as presenças das irmãs do homenageado, Paula, Margarete, Basa e Maninha Abrantes e de sua filha, Rebeca Abrantes.

Na terra do canguleiro (pessoa que residiria na cidade baixa, na cidade de Natal, e que comia o peixe cangulo), Câmara Cascudo, Terezinha Marcelino, casada com o fiscal de rendas aposentado, Agenor Marcelino, curte recantos encantadores da terra que é governada pela paraibana Fátima Bezerra.



**IMOBILIÁRIA**

**PARAIBA**  
**PROPERTY**

www.paraibaproperty.com.br  
+55 83 99302-7071

**SAO BRAZ**

**ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS.**  
**EXPERIMENTE.**

Abelardo Jurema, jornalista abrajetiano que toma posse, no próximo dia 9 de março, como novo presidente da Abrajat, passou o Reinado de Momo, no Rio de Janeiro, sua terra natal. Na Cidade Maravilhosa, visitou e foi recepcionado, sempre acompanhado da esposa, Maria Lúcia, pelo político paraibano Ney Suassuna.

O Bloco do Turista, agremiação carnavalesca idealizada e fundada por Messina Palmeira e Antonino Pinguim, no ano de 2017, e que tem como objetivos valorizar o turista e agregar foliões paraibanos, se apresentou, com muito sucesso, no dia 18 de fevereiro, em pleno sábado de Zé Pereira. Nessa edição de 2023, o Bloco, sempre acompanhado de sua Corte Imperial, se concentrou no Busto de Tamandaré, em Tambáú e, seguindo de animada orquestra de frevo, fez o trajeto de Momo até a sede da PBTur, da orla da capital paraibana. O Bloco que, desde a sua fundação, forma uma Corte Imperial, que remete à estada de Dom Pedro II, na Paraíba, no ano de 1859, homenageou a Prata da Casa, representada pelas seguintes personalidades: a atriz Zezita Matos, os advogados Everaldo Dantas da Nóbrega e Ezilda Melo, o professor e escritor Francelino Soares, a artista plástica Celene Sitônio, os carnavalescas Sebastião Filho, Raniery Abrantes, Osmar Dantis e Sérgio Nóbrega, Silvinha Xavier, Nik Fernandes, Eliane Holanda e Fabianna Palmeira, os jornalistas, Gil Figueiredo, Hélio Costa, Josemberg Lima, Nena Martins, Romero Rodrigues, Land Seixas, Marcos Werick e Soliandra Alves.

Eduardo Maroja, cantor e compositor e um dos fundadores do Bloco Muriçocas do Miramar, o nosso Mestre Fuba, será homenageado durante o Pôr do Sol Literário, evento promovido pela ação cultural Sol das Letras e que tem a coordenação de Hélder Moura, Juca Pontes e Ana Paula Ramalho. A edição, ainda indefinida, deve acontecer no mês de março.

O Unique Beach, badalado espaço para a realização de importante eventos, em Cabedelo, a nossa cidade portuária, vai promover o Saint Patrick's Day, o famoso evento que comemora o dia de São Patrício, o padroeiro da Irlanda. A festa, que vai acontecer no dia 18 de março, vai reunir boa música, cervejas artesanais e muita animação.

| Selic                             | Sálário mínimo | Dólar \$ Comercial | Euro € Comercial | Libra £ Esterlina |
|-----------------------------------|----------------|--------------------|------------------|-------------------|
| Fixada em 1º de fevereiro de 2023 | R\$ 1.302      | + 1,23%            | + 0,79%          | + 0,67%           |
| 13,75%                            |                | R\$ 5,199          | R\$ 5,485        | R\$ 6,214         |



IMPOSTO DE RENDA

Isentos devem declarar para receber restituição

Nova regra vai beneficiar os contribuintes com renda até R\$ 2.640

Thadeu Rodrigues  
thadeu.rodriguez@gmail.com

O contribuinte do Imposto de Renda que será isento, a partir de maio, com a atualização da tabela do tributo deve apresentar a declaração de ajuste no ano que vem para garantir o ressarcimento dos valores pagos nos primeiros meses de 2023. A estimativa da Receita Federal é de perda de 13,7 milhões de contribuintes, mas o número do envio de declarações, não necessariamente será reduzido, ao menos, em 2024.

O delegado da Receita Federal na Paraíba, Hamilton Sobral, explica que, embora haja o desconto mensal do Imposto de Renda, nos quatro primeiros meses do ano, pode haver o ressarcimento ao contribuinte, após o envio da declaração, ao ser considerado o exercício do ano inteiro. “Se houve retenção na fonte, no ano seguinte, o contribuinte será ressarcido,

ao ser considerado o valor total de obrigatoriedade da declaração, com a atualização da tabela. Portanto, é importante declarar mesmo sem ser obrigado”.

Atualmente, estão obrigados a declarar quem recebeu mais de R\$ 28.559,70 de renda tributável em 2022, como salário, aposentadoria ou aluguéis, entre outras condições.

A faixa de isenção do Imposto de Renda passará de R\$ 1.903,98 mensal – valor utilizado desde 2015 – para R\$ 2.112, o que corresponde a um reajuste de aproximadamente 11%. O que Governo Federal divulgou que a isenção vai beneficiar pessoas com renda de até R\$ 2.640, o que corresponderá a dois salários mínimos a partir de maio.

Hamilton Sobral destaca que o contribuinte não deve confundir base de cálculo para incidência do tributo com rendimento bruto. “O Imposto de Renda incide sobre o resultado da diferença entre o salário do



Receita estima perder 13,7 milhões de contribuintes

trabalhador e o desconto previdenciário, que é obrigatório. Outro tipo de desconto é o de dependente. Então, duas pessoas podem ter o mesmo salário, sendo que uma vai pagar imposto e a outra não, depen-

dendo do que foi deduzido”.

Nas regras atuais, o desconto por dependente é de até R\$ 2.275,08 na declaração de ajuste anual do Imposto de Renda, o que representa R\$ 189,59 mensais.

Mudança permite opção por dedução mensal

A mudança no Imposto de Renda a partir de maio permitirá ao contribuinte a opção pela dedução simplificada mensal, evitando que o valor saia do bolso do contribuinte para ser restituído apenas no ano seguinte. Hamilton Sobral explicita que há dois modelos de declaração anual de ajuste do Imposto de Renda: um simplificado, em que há um desconto de 20% no valor a ser pago pelo contribuinte, que dispensa comprovação de despesas, e um completo, com descontos sobre os gastos com saúde e com instrução, por exemplo, além dos dependentes.

“No momento de preencher a declaração, o programa da Receita Federal mostra ao contribuinte a alternativa em que ele precisará pagar menos imposto ou ser restituído em maior valor. Só que, em vez de descontar mensalmente para ressarcir após o envio da declaração, a Re-

ceita já vai aplicar mensalmente um desconto simplificado”, comenta o delegado. Desta forma, quem tem rendimento de até dois salários mínimos poderá optar pelo desconto automático, que será de R\$ 528.

Para contribuintes com renda acima de R\$ 5.020, será mais vantajoso declarar o IR pelo modelo completo, que permite deduções mais vantajosas, como despesas médicas, previdenciária e por dependentes.

A Receita ainda não divulgou se haverá atualização das faixas de tributação. Mas a faixa de isenção ainda beneficia quem é tributado. Há quatro alíquotas de incidência do Imposto de Renda: 7,5%, 15%, 22,5% e 27,5%. Portanto, quem está na faixa de base de cálculo de R\$ 4 mil, passará a ser tributado em 22% sobre o que passar de R\$ 2.112, em vez dos atuais R\$ 1.903,98.

O delegado da Receita Fede-

ral na Paraíba, Hamilton Sobral, destaca que a mudança na faixa de isenção do tributo, anunciada para maio, não terá nenhuma interferência na declaração de 2023, baseada no ano-calendário de 2022. “O prazo de envio começa em 15 de março e termina em 31 de maio”, enfatiza.

**Falhas podem afetar CPF**

Erros no preenchimento da declaração do IR podem reter o documento em malha fina e comprometer o CPF do contribuinte, alerta o presidente da Federação Nacional das Empresas de Serviços Contábeis (Fenaccon), Daniel Coelho. Para sanar dúvidas dos contribuintes e reforçar a necessidade de orientação profissional, a entidade lança neste ano mais uma edição da campanha Declare Certo.

“O ato de esquecer de declarar algum rendimento, como o recebimento do valor de aluguel

imobiliário, pode contribuir pra retenção da declaração, gerando pendência no CPF. Se o contribuinte não souber preencher a declaração, a recomendação é procurar um especialista na área”, comenta Daniel Coelho.

Ele destaca que a obrigatoriedade do envio da declaração não está restrita apenas às questões de rendimentos. “Entram no rol o patrimônio como carro, casa e terreno. Pode acontecer de uma pessoa receber uma casa de herança e o imóvel valorizar, superando o valor de R\$ 300 mil, surgindo a obrigatoriedade em declarar”.

O presidente da Fenacon adverte sobre punição ao contribuinte em caso de erro na declaração. Segundo ele, o valor mínimo é de R\$ 151, mas pode chegar a 20% sobre o valor do imposto. “Além de arcar com o pagamento do tributo, o contribuinte deverá pagar a multa”.

Quem Deve Declarar Imposto de Renda



- Recebeu mais de R\$ 28.559,70 de renda tributável em 2022 (salário, aposentadoria ou aluguéis);
- Ganhou mais de R\$ 40 mil isentos, não tributáveis ou tributados na fonte no ano (como indenização trabalhista ou rendimento de poupança);
- Obteve ganho com a venda de bens;
- Comprou ou vendeu ações na Bolsa de Valores;
- Recebeu mais de R\$ 142.798,50 em atividade rural ou teve prejuízo rural a ser compensado;
- Proprietário de bens de mais de R\$ 300 mil;
- Vendeu um imóvel e comprou outro em prazo de 180 dias;
- Passou a morar no Brasil em qualquer mês de 2022 e permaneceu até 31 de dezembro.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O Carnaval e o um milhão de habitantes

Fevereiro chega a sua última semana e para muitos, o ano começa agora, já que o Carnaval passou. Eu discordo, pois, até para ser preparado uma festa na dimensão da que foi realizada aqui em nossa capital, por exemplo, ela precisa de planejamento, discussão e empenho, inclusive do poder público com muitos meses de antecedência. É um evento que não acontece muito rapidamente. Requer muita preparação.

E não é só festa, pois quando os gestores públicos aceitam o desafio de realizar um evento da grandeza de um bom Carnaval, leva-se em consideração além do apoio cultural, o retorno dos investimentos desembolsados, os impostos arrecadados e a circulação de dinheiro nos segmentos envolvidos, de olho inclusive nos empregos (temporários ou definitivos) que podem gerar. Tratar as festas com profissionalismo é cuidar do desenvolvimento da cidade ou do estado.

Num dos artigos que escrevi em maio de 2022, eu fiz uma previsão de que João Pessoa chegaria ao habitante de número 1.000.000 em 2028. Mantenho essa previsão, embora os números prévios do IBGE estejam me desmentindo. O Instituto tinha uma estimativa lá no seu portal de que a cidade em 2021 possuiria uma população na ordem dos 826 mil habitantes, mas, os trabalhos realizados em campo estavam apontando agora em dezembro último a marca dos 889,6 mil. Ou seja, entre a estimativa e a prévia, se confirmado esses dados, o IBGE aponta que houve um crescimento de 63 mil entre um levantamento e outro.

Para o IBGE, usando os meus dados estatísticos na matéria que escrevi em maio do ano passado, será em 2027 o “nascimento” do habitante que marcará o “1.000.000” populacional em nossa cidade. Esse nascimento ocorrerá não necessariamente através de um parto, mas também das pessoas que escolherão a nossa cidade para morar.

Bom, mas a sensação que eu tive nesses dias de fevereiro é que já chegamos a essa marca, pois nossa cidade estava plenamente ocupada por turistas, inclusive estrangeiros, ocupando os quatro cantos em praticamente todos os bairros. Bares e restaurantes sempre lotados. Hotéis e pousadas com lotação acima dos 95% e praças de alimentação onde as pessoas disputavam espaços para comerem. Nos centros turísticos e no mercado de artesanato, era fácil você perceber os sotaques dos visitantes.

E aí fica a pergunta: João Pessoa tem carnaval? Tem, e não apenas prévias. As pessoas brincam como podem e quem nos procura como destino nesta época do ano já sabe o que quer: aqui temos uma excelente prévia de Carnaval e logo em seguida, praias e boas hospedarias para novos momentos de lazer.

E qual a resposta que encontramos aos investimentos feito? Que mais de 90% dos turistas pretendem voltar. E digo mais, não apenas no Carnaval do próximo ano, mas muitos voltarão para sentir João Pessoa no seu dia a dia e quem sabe aqui ficar.

João Pessoa, como a lógica manda, é o ponto de partida na maioria das vezes para aqueles que querem conhecer a Paraíba. A prova é tanta que tivemos repercussão semelhante de turistas lotando as praias, os bares, restaurantes e hospedarias em praticamente todas as cidades litorâneas, além de uma migração interna em direção a cidades turísticas como Areia, Bananeiras e até eventos religiosos como o que é realizado em Campina Grande.

Estamos preparados para lidar com o que vem por aí? João Pessoa está preparada para os novos tempos e a chegada do habitante “um milhão”?

A Covid-19 nos revelou que, entre as capitais brasileiras, João Pessoa não só se preocupou com a saúde de sua população, como acolheu bem aqueles que aqui desembarcaram para esse período de retiro forçado. A parceria do Estado x Prefeitura serviu de modelo para o Brasil e a população hoje colhe frutos da forma como foi gerido as prioridades nesse período de pandemia.

E o “pós” não poderia ser melhor. Turistas se tornarão novos habitantes, pois procuram o nosso estado para investir em qualidade de vida, trazer seus negócios ou novos empreendimentos, bem como cuidar dos seus familiares em uma região que cuida, acolhe e que se mostra um ambiente de investimentos como poucos lugares oferecem.

O Governo do Estado tem investido pesado também em direção as cidades fora do eixo da capital e os números do desenvolvimento estão chegando. Nós temos as melhores estradas que cortam o estado, encurtando distâncias das pequenas cidades para as grandes.

O comércio cresce, gera renda que faz a roda da economia circular de forma mais rápida. Os números mostraram que este foi o melhor Carnaval de todos os tempos. Hotéis, bares, restaurantes e o comércio em geral devem comemorar. Mas o Carnaval foi apenas um bom começo e mais coisas boas vem aí.

Outros eventos virão. Mas o maior evento que está sendo posto na mesa, agora, é a discussão do novo Plano Diretor de João Pessoa, que visa tornar a nossa capital uma das mais avançadas do país, através do equilíbrio entre o homem, a natureza e o progresso, permitindo que essa harmonia faça com que a nossa cidade continue tão bela e atrativa para pessoas que aqui moram e aqueles que nos escolham.

Viva João Pessoa, viva a Paraíba.

MUDANÇA DE HÁBITOS

# Rotina organizada otimiza trabalho

*Ter mais controle sobre os afazeres pode evitar efeitos colaterais comuns como a ansiedade e a procrastinação*

Jayanne Rodrigues  
*Agência Estado*

Com o recuo da pandemia, muitas empresas passaram a experimentar diferentes modelos de trabalho, a exemplo do trio: híbrido, presencial e remoto. Neste contexto, conciliar mais de uma rotina ao longo da semana exige atenção redobrada para quem está em busca de uma vida organizada. Antes de aderir a planilhas e aplicativos de organização, é necessário unir autoconhecimento à uma boa rodada de testes para entender o que funciona na realidade de cada pessoa, sugerem especialistas.

“Primeiro, vamos desenhar a rotina. Depois, entender o cotidiano, construir o tempo e, em seguida, montar o dia a dia de acordo com as necessidades do sujeito”, orienta a Consultora em Organização Fernanda Negrão. Mas esse quebra-cabeça só pode ser montado após a pessoa ter “entendimento sobre as coisas que precisam ser feitas diariamente”, diz.

Para conseguir localizar as atividades diárias, vale anotar no papel ou escrever em um documento virtual todas as tarefas, sejam elas do âmbito profissional ou do pessoal. Esse movimento de ter um controle maior sobre afazeres pode evitar efeitos colaterais comuns da falta de organização, como a ansiedade e a procrastinação. Por outro lado, nem tudo vai ser concluído de uma única vez. “Há coisas que não vão ser resolvidas agora”, explica Fernanda. É neste momento que entra a importância de

“**Primeiro, vamos desenhar a rotina. Depois, entender o cotidiano, construir o tempo e, em seguida, montar o dia a dia**

Fernanda Negrão

selecionar o grau de prioridade. Para analisar a urgência de cada demanda, é essencial ser real e ter consciência do tempo disponível, afirma a consultora organizacional. “Querer e fazer são coisas diferentes. Cada pessoa tem de se adaptar a sua realidade”, comenta. Uma pessoa que teve filho recentemente, por exemplo, não vai conseguir seguir a rotina anterior ao nascimento do bebê. Driblar a culpabilização é uma virada de chave para manter organização dentro e fora de casa. “Eu brinco com meus alunos, se o objetivo é seu, crie regras fáceis”, resume. Essa descomplicação deve ser ampliada para dentro dos escritórios pelos líderes.



Foto: Freepik

Antes de aderir a planilhas e aplicativos de organização, é necessário entender o que funciona para cada pessoa

## Tamanho e tempo destinado às atividades devem ser monitorados contra sobrecarga

Foi esse estalo a partir de experiências próprias ao liderar equipes, que a Consultora de Estratégia, Manuela Barem, começou a compartilhar dicas para gestores otimizarem a comunicação com seus respectivos times. Os cursos para novos chefes e sobre rotina de trabalho surgiram no auge da pandemia enquanto ela conversava com amigos e escutava alunos de uma oficina que ministrava de conteúdo digital. “O atual perfil de trabalho (on-line) divide muito a nossa atenção. Isso deixa as pessoas com a sensação de que

nada é suficiente”, contextualiza. Essa autossabotagem também dificulta o trabalho de quem está na ponta: os chefes, diz ela, acrescentando que a base de uma equipe organizada é a confiança mútua entre colaboradores e gestores. Mas como construir essa segurança através de uma tela? Para Barem, a resposta está na comunicação, com ações simples. “Descreva muito, seja específico para ajudar a entender o que é prioridade naquele dia, naquela semana. Acompanhe os trabalhos para identificar dificuldades, defi-

na o que é mais urgente”, orienta. Isso inclui minuciar o tamanho da atividade e descobrir o tempo que vai levar. O que torna viável medir a produção e preservar o funcionário de uma possível sobrecarga. Como consequência, gestores evitam o ‘retrabalho’, problema presente em muitas equipes que não estão alinhadas a uma rotina. Barem aposta, assim como Fernanda, em uma estrutura organizacional para equilibrar atividades do cotidiano. “É um componente da vida profissional que precisa ser levado a sério”, defende.

## Atividade remota permanece em alta e cuidados são necessários

Agência Estado

O número de pessoas trabalhando de forma remota vem crescendo a cada ano, desde o início da pandemia de Covid-19, em 2020. De acordo com um levantamento realizado pela empresa de benefícios corporativos e soluções para RH Caju, o número de profissionais que recebem auxílio *homeoffice* cresceu 169% no Brasil, entre novembro de 2021 e novembro de 2022. Segundo o estudo, a quantidade de pessoas recebendo o benefício saltou de 13 mil para 35 mil. Com isso, a liderança remota tem sido cada vez mais recorrente dentro da prática do *homeoffice* no país e, ao mesmo tempo, um grande desafio no pós-pandemia. Para o Founder da Ic Educ e Palestrante, Claudio Zanutim, o papel principal da liderança é ensinar e inspirar as pessoas para que elas alcancem os resultados e o sucesso que são significativos para elas, colocando gente certa no lugar certo e fazendo o trabalho de forma correta e efetiva. “Com o trabalho remoto, a forma, a comunicação e o cuidado com os times ganharam mais significância e importância e outras competências

dos líderes tiveram e tem que ser desenvolvidas e trabalhadas”, salienta. Segundo Zanutim, esse cenário de pandemia e das pessoas terem que trabalhar de casa foi realmente muito desafiador para as lideranças, visto que muitos optaram por uma vida sem trânsito e com menos estresse. O Founder da Ic Educ ressalta que atualmente é necessário considerar os impactos sociais, emocionais e culturais do pós-pandemia. “Não podemos, como líderes, negligenciar o poder e as grandes proporções impactantes que a pandemia deixou”, diz. “Afinal, antes não tínhamos experiência em liderar em uma pandemia, agora, não temos experiência em liderar em pós-pandemia. Estamos todos aprendendo juntos”, disse, acrescentando que este é um tempo de cocriação e colaboração. Zanutim cita que outro ponto importante é o trabalho híbrido, onde neste caso o líder tem que ser participativo, presente e trabalhar a boa comunicação de forma muito profunda e extremamente assertiva. “Além do mais deve manter os alinhamentos versus autonomia e responsabilidades”, pontua. “Também é preciso saber escolher o time certo, pois muitas pessoas não sabem trabalhar de forma totalmente distribuída, comprometendo prazos de entregas, relacionamentos com os outros integrantes do time e no desenvolvimento pessoal”, afirma. Alguns métodos para que esse trabalho remoto aconteça de forma eficiente e que mantenha os colaboradores engajados, segundo Zanutim, é promover encontros mensais, criar conexões através de eventos sociais virtuais e cafés virtuais. “Promover uma conexão interpessoal que tem o poder de alimentar a amizade e manter a cultura da equipe, mesmo a distância”, destaca.

## Dicas de Rotina de Trabalho

-Confira sugestões selecionadas pelos especialistas:

■ No escritório:

Tempo de deslocamento. Calcular o período que é gasto de casa a empresa para criar uma rotina específica para os dias de trabalho presencial. Saber o que vai ser executado. Segundo Fernanda, é bom exercitar a seguinte frase: “estou indo para o escritório para...”. O macete pode ajudar na hora de relembrar os compromissos. Cronograma. Prepare sua ida ao escritório no dia anterior: planejar os itens necessários (carregador, lanche, etc).

■ Em casa:

Reproduzir horários do trabalho presencial. Se no escritório é aconselhado seguir uma tabela de horários, a indicação é fazer o mesmo durante o home office. Vale fazer uma marcação visual em casa para que o horário estabelecido seja respeitado. Ter um espaço separado. Isso ajuda a reduzir as distrações naturais. Caso não seja viável, é orientado criar um ritual antes ou após o horário de trabalho. Por exemplo, levar o cachorro para passear depois do expediente.

■ Dicas bônus

Experimente plataformas de organização para auxiliar o processo de rotina de trabalho. Google Agenda, Trello, Notion e Slack estão entre os aplicativos citados pelas entrevistadas para esta reportagem. Vale ressaltar que cada serviço tem uma proposta diferente.

■ Liderança remota tem sido cada vez mais recorrente na prática do *homeoffice* e, ao mesmo tempo, um desafio

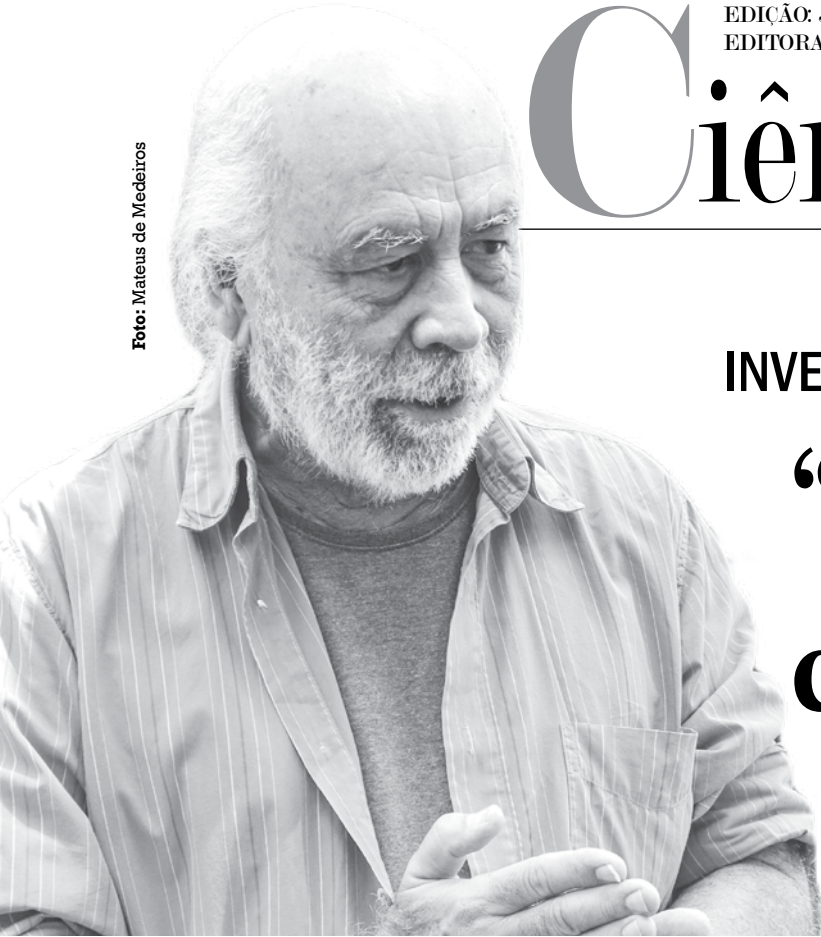


Foto: Mateus de Medeiros

## INVESTIMENTOS

# “Política de desenvolvimento científico é feita com gente”

*Secretário Executivo de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Rubens Freire avalia que é preciso continuar investindo em bolsas de pós-graduação e regulamentar leis*

Freire defende a criação de ambientes próprios para o desenvolvimento

Márcia Dementshuk e Renato Félix  
Assessoria Seties

Com a criação da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, que tem Claudio Furtado como secretário, ela passa a contar com duas executivas: a Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e a Secretaria Executiva de Inovação. A primeira é comandada pelo professor Rubens Freire, que nos últimos anos esteve à frente da Executiva de Ciência e Tecnologia, ligada então à então Secretaria de Educação e da Ciência e Tecnologia. O secretário executivo fala nesta entrevista sobre inovação e da relação da Paraíba com a ciência e do planejamento de ações para a nova secretaria executiva.

## Entrevista

■ *A própria criação da nova Secretaria de Estado é uma demonstração da importância que ciência e tecnologia ganhou no governo. Como avançar a partir daí?*

Eu imagino que devemos tratar de algumas dimensões para a institucionalização de um procedimento mais consistente da política estadual da ciência, tecnologia e inovação. São necessárias, em primeiro lugar, normas, leis. Já temos um marco legal – precisamos, então, do ponto de vista da lei, regulamentar. Dentro desse contexto, dois aspectos se destacam. Um é retornar as atividades do Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia. Segundo, a regulamentação do fundo estadual voltado para essa finalidade, que é o Paraíba Inova. Seria o ordenamento jurídico necessário para ir consolidando.

■ *E quais as iniciativas que o senhor acha necessárias, a partir daí?*

Eu sempre defendo que o fundamental numa política de desenvolvimento científico, técnico e tecnológico é feito com gente. Para isso, vamos precisar de programas consistentes de bolsas de pós-graduação, para apoiar programas de pós-graduação que o Governo ache estratégico para a Paraíba. E criar ambientes próprios para o desenvolvimento científico e técnico.

■ *Em sua visão, o que é mais importante: lançar novas políticas ou fortalecer o que está em andamento?*

As instituições demandam insumos, dinheiro e suporte pessoal. O governo provê em medida instituindo programas consistentes de apoio, como os programas de apoio à publicações em revistas científicas especializadas de alto nível; apoio à realização de eventos internacionais, eventos científicos internacionais; programas de intercâmbio, a construção de ambientes internacionais de interação de pesquisadores. Esses programas foram instituídos nos últimos três anos, são políticas recentes no estado. Há a necessidade do estabelecimento de forma dura-

doura dessas políticas iniciadas e que necessitam ser consolidadas, com garantias de que elas permaneçam.

■ *As políticas públicas em C, T & I na Paraíba estão fortalecidas?*

A história da institucionalização de políticas públicas para a ciência e tecnologia na Paraíba é recente. Nesse sentido, a instituição mais antiga é a UEPB, (estadualizada em 1987); a Fapesq foi fundada em 1992. Essas duas instituições foram extremamente frágeis durante 20 anos. Nos últimos anos é que ganharam mais corpo. Portanto, precisamos consolidar essas instituições por meio da legislação, recurso pessoal e investimento. No caso das políticas que caracterizam o bem-estar social (previdência, assistência e saúde), no Brasil, as mesmas são razoavelmente antigas para a dimensão da história do Brasil. As de ciência e tecnologia são recentes.

■ *Como se pode incentivar a origem de processos inovadores?*

Pela criação de ambientes onde possa haver desenvolvimento científico, tecnológico, inovador, como o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. No programa de governo há o plano de criar outros ambientes semelhantes no interior da



Foto: Mateus de Medeiros

Ao lado do secretário Cláudio Furtado: Paraíba intensifica política de incentivo a Ciência e Tecnologia

## Para avançar

**Secretário destaca importância de retomar atividades do Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia e regulamentar o fundo Paraíba Inovar**

Paraíba. Outro exemplo é apoio a projetos de alto nível científico como o radiotelescópio BINGO. Mas é a comunidade científica e a sociedade que devem demandar projetos de pesquisa a serem apoiados pelo governo.

■ *Os recursos do fundo ParaíbaInova serão compostos?*

Como é um fundo estatal, espera-se que boa parte dos recursos aplicados sejam recursos gerenciados pelo Estado, como ocorre normalmente em processos desse tipo. E isso precisa ser regulamentado na Paraíba. Nesse processo de regulamentação



Foto: Renato Félix

Rubens Freire com o adido científico da embaixada da Itália, Fabio Naro

you prevê doações, parcela de tributos sobre heranças, parcela de isenções fiscais e assim por diante. A responsabilidade do Estado deve ser definida nesses casos. Estabelecendo-se a lei, a execução é obrigatória.

■ *Caso haja demora na institucionalização do Fundo, há prejuízo para as políticas públicas de inovação?*

As políticas de ciência, tecnologia e inovação podem ocorrer a partir de várias repartições públicas. A UEPB realiza essa política com recursos do Tesouro do Estado, entre outros. Os recursos podem ser alocados em diversas “categorias”, por assim dizer. Em um fundo, no orçamento da UEPB, da Secretaria, desde que a alocação do recurso seja clara quanto à sua finalidade.

■ *E como melhorar o que está em andamento?*

A UEPB goza de autonomia administrativa, financeira e de suas atribuições e finalidades. A Secretaria que vai tratar de Ensino Superior tem que ter uma visão do Ensino Superior na Paraíba, analisar como esse ensino

pode contribuir para o desenvolvimento da Paraíba e o que as instituições demandam de um governo.

■ *De que forma o conhecimento científico poderá influenciar de maneira positiva a sociedade?*

O Estado da Paraíba é um dos estados com o maior número de doutores por habitantes. Mas esse fato não foi devido a ações incentivadoras do Governo do Estado. Se não estabelecermos que felicidade queremos ter, não saberemos como atingi-la. O conhecimento científico e técnico influencia no desenvolvimento industrial. E a Secretaria irá focar esse ponto dentro de um concerto de governo. O conhecimento perpassa tudo. Hoje, na Paraíba, temos um conhecimento científico em potencial empacotado nas instituições de pesquisa suficiente para mudar o perfil econômico e socioeconômico local. Por isso, é fundamental programas de formação de pessoal, apoio à programas de pós-graduação, laboratórios, centros de pesquisas, estratégicos para o governo. E a sociedade deve pressionar para definir as prioridades.



Foto: Mateus de Medeiros

“Instituições demandam insumos, dinheiro e suporte pessoal”, avalia

PROTEÇÃO

# Recuperação de cobertura vegetal

*Ações de mitigação dos danos ao meio ambiente associadas à distribuição de mudas nativas melhoram áreas verdes*

Nalim Tavares  
Especial para A União

Quando falamos de equilíbrio ambiental, a cobertura vegetal é um dos principais tópicos a ser levado em conta. A vegetação nativa de um lugar é responsável por proteger o solo de processos erosivos, por auxiliar na manutenção das condições climáticas e pela conservação dos ciclos hidrológicos e sua capacidade de prover pessoas, animais e plantas. Por isso, a reposição florestal é fundamental não só para a permanência e perpetuação de biomas, mas para o bem-estar da vida na Terra.

Na Paraíba, o licenciamento ambiental — procedimento administrativo que autoriza a localização, instalação, ampliação e a operação de empreendimentos e atividades utilizadoras de recursos ambientais — é efetivado pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), que estabelece as condições, restrições e medidas de controle que deverão ser obedecidas por um empreendedor, pessoa física ou jurídica, para instalar um negócio potencialmente poluidor ou que, sob qualquer forma, possa causar degradação ambiental.

Segundo o técnico da Divisão de Florestas da Sudema, Rubens Bruno de Oliveira, “a recuperação das áreas degradadas é realizada pelas empresas ou pessoas físicas que ocasionaram o dano, requisitaram o uso alternativo do solo de grandes áreas e precisam fazer a compensação ambiental do volume lenhoso que é suprimido nas áreas de vegetação nativa, conforme a lei em vigor. Isso pode ser realizado através da execução de um Plano de Recuperação de Áreas Degradadas.”

Um Plano de Recuperação ou Recomposição de Área Degradada (Prada), é um documento organizado a fim de reunir informações sobre a degradação ou alteração do ambiente afetado, com o objetivo de informar os métodos, técnicas e mecanismos que serão empregados para recuperar e recompor as áreas alteradas, além de orientar a execução e o acompanhamento da recuperação ambiental. A restituição das florestas e o restabelecimento e perpetuação de espécies nativas vai muito além de restituir matéria-prima, e auxilia, também, a manter e melhorar a saúde da fauna, proporcionando um maior equilíbrio ambiental.



Foto: Dayse Euzébio/ Secom/JP

Áreas degradadas devem ser recuperadas com o plantio de mudas nativas. Muitas dessas espécies são reproduzidas e doadas pelo Viveiro Florestal

## Sudema atua na recuperação de nascentes de rios

Atualmente, o estado da Paraíba incentiva o plantio de árvores através do programa Nascente Viva, criado pela Sudema e pela Secretaria de Infraestrutura dos Recursos Hídricos (Seirhma-PB). De acordo com Rubens de Oliveira, o objetivo do projeto é “promover a recuperação das nascentes e das matas ciliares do alto e médio curso do Rio Paraíba, além de proporcionar ações de mobilização social, sensibilização e educação ambiental junto

aos proprietários de terras, lideranças comunitárias e moradores dos municípios beneficiados.”

Quando foi lançado, em março de 2022, o projeto se propôs a atuar na recuperação de 202 nascentes, totalizando uma área de 633,15 hectares e mais de 334 km ao longo do Rio Paraíba. Um total de 24 municípios seriam diretamente beneficiados, segundo a Sudema. Na ocasião do lançamento, o superintendente da autarquia, Marcelo Cavalcanti,

disse que o Nascente Viva também levaria “segurança hídrica e abastecimento de água” para a população, uma vez que as árvores ajudam a melhorar a qualidade e o equilíbrio térmico da água, e auxiliam no abastecimento das bacias hidrográficas através do processo de precipitação.

As espécies mais indicadas para recuperar áreas degradadas são as nativas de cada bioma. No caso da Paraíba, vegetação típica da Caatinga e da Mata Atlân-

tica, além de espécies frutíferas. Segundo Rubens de Oliveira, “só não podem ser utilizadas as espécies exóticas. É importante frisar que, para uma melhor reposição, se faz necessário a utilização de várias espécies, divididas entre os grupos: pioneiras, secundárias e clímax.”

As espécies pioneiras são as responsáveis por preparar o ambiente para o desenvolvimento de árvores mais fortes e duradouras. Elas podem se de-

envolver em locais com poucos nutrientes ou água, e costumam produzir um alto número de sementes, abrindo espaço para as espécies secundárias, que constituem o estágio intermediário da sucessão vegetal, desenvolvendo-se após o estabelecimento do grupo pioneiro. Por fim, as espécies categorizadas como clímax, de grande porte e maior tempo de vida, surgem quando a comunidade vegetal atinge o equilíbrio ecológico.

## Viveiro Florestal doa mudas para moradores

Em João Pessoa, a Secretaria de Meio Ambiente (Semam) possui um espaço chamado Viveiro Florestal de Plantas Nativas, utilizado para produzir mudas destinadas a recuperar e preservar as áreas verdes da cidade. No ano passado, 17 mil mudas foram plantadas e distribuídas.

“No Viveiro Florestal, são produzidas as mudas de árvores nativas, utilizadas no plantio urbano, em áreas públicas como canteiros de ruas e avenidas, praças e parques, escolas públicas e Centros de Refe-

rência em Educação Infantil (Creis), além dos condomínios entregues à população pela prefeitura e na recuperação de áreas degradadas”, explica a assessoria de comunicação da secretaria. “A produção de mudas é feita a partir de sementes selecionadas pelos viveiristas, e a coleta das sementes é feita em árvores consideradas matrizes, em várias cidades da Paraíba. As sementes são coletadas, selecionadas e beneficiadas, até se transformarem em pequenas mudas.”

Os técnicos do viveiro

trabalham com espécies da Mata Atlântica, que é o principal bioma presente em João Pessoa. Entre as espécies produzidas, estão os ipês rosa, amarelo, branco e roxo, sibipiruna, pau-brasil, pau-formiga, jacarandá, castanheira do Maranhão, castanha do Pará, ipêzinho de jardim, guapuruvu, bariguda, craibeira e chichá.

O Viveiro funciona de segunda a sexta, das 8h às 16h, na Rua Embaixador Sérgio Vieira de Melo, no Valentina Figueiredo. O espaço é aberto para visitação, e cada pessoa pode pegar até duas mu-

das de árvores nativas para plantar. Ainda, para preservar e ampliar o patrimônio ambiental da cidade, os técnicos da Divisão de Arborização e Reflorestamento da Semam estão realizando um cadastro ambiental dentro do programa Agora Tem Trabalho, que vem calçando as ruas da capital.

“Os educadores ambientais da Semam percorrem as ruas dos bairros e, de casa em casa, conversam com moradores, fazendo um levantamento para que, na frente de cada casa, seja plantada uma árvore. Os educadores

fazem um levantamento de dados, com nome, endereço completo e qual espécie é da preferência do morador”, explica a assessoria da Semam. “Com base nos dados é elaborado um plano de ação, para que sejam disponibilizadas mudas no Viveiro Florestal. As mudas são direcionadas para o plantio nos bairros cadastrados. Já foram cadastrados moradores do Valentina Figueiredo, Mumbaba, Praia do Seixas, Planalto Boa Esperança, Bairro das Indústrias, Gramame e Distrito Industrial”, finaliza.

Programa  
Nascente Viva da  
Sudema objetiva  
recuperar 202 nascentes  
de rios e impactar  
24 municípios  
paraibanos



# Raposa e Galo duelam no Amigão

Clássico dos desesperados por uma vaga nas semifinais do Paraibano agita torcedores em Campina Grande

Fabiano Sousa  
fabianogool@gmail.com

Campinense e Treze entram em campo hoje, a partir das 19h, no Estádio Amigão, em Campina Grande, para mais um duelo no “Clássico dos Maiorais” em partida atrasada e válida pela 7ª rodada do Campeonato Paraibano, num confronto rodeado de pressão para as duas equipes em mais uma “briga” entre Galo e Raposa.

Os dois clubes de Campina Grande vivem momentos de decisões na reta final da primeira fase do Certame Estadual. Apenas um ponto separa as duas equipes, tendo o Treze 11 pontos e o Campinense 10, mas com somente uma equipe dentro da zona de classificação à próxima fase, porém ambas correndo o risco de chegarem fora do G4, na última rodada classificatória para as semifinais.

O vencedor do 418º confronto dará um passo importante rumo à classificação e ainda vai complicar a vida do rival perdedor. Em caso de vitória, o Galo chega aos 14 pontos e na última rodada, contra a Queimadense, em Campi-

“

É um jogo importante para as nossas pretensões. Trabalhamos todas as questões táticas, físicas e psicológicas de nossos atletas

Willian de Mattia

na Grande, vai depender apenas de suas forças, já que Nacional e Botafogo, adversários diretos por um das três vagas se enfrentam também na última rodada.

“É um jogo importante para as nossas pretensões dentro do campeonato. Trabalhamos todas as questões táticas,

físicas e psicológicas de nossos atletas para esse confronto. A competição tem se mostrado equilibrada, com seis equipes com potencial para conquistar o título. Cada detalhe é importante e é preciso estar atento para minimizar erros que possam comprometer na partida contra o rival”, pontuou o treinador Willian de Mattia.

O Campinense tem em 2023, o jogo mais importante da temporada até aqui. A partida vai além de três pontos e vale a sobrevivência da Raposa quando o assunto é o calendário esportivo de 2024. O clube ocupa apenas a 6ª colocação com 10 pontos e se perder para o rival pode selar a desclassificação do Paraibano de 2023, dessa forma, o rubro-negro vivenciaria o cenário do rival nas últimas duas temporadas, ficando de fora das disputas das principais competições regionais e nacionais da próxima temporada.

Sabendo da importância da partida, a diretoria rubro-negra acredita na força de superação do grupo para buscar a classificação na reta final desta primeira fase e quer contar também com o apoio da torcida, já que o clube vai jogar a

partida como mandante.

“A responsabilidade aumenta para a sequência da competição, temos seis pontos em disputa para brigar pela classificação. O clássico envolve muitas situações futuras para o clube, vamos em busca da vitória para chegar mais tranquilo na última rodada contra o Auto Esporte”, disse Rômulo Farias, diretor de futebol.

A diretoria do clube realiza a venda dos ingressos para o “Clássico dos Maiorais” com os valores na arquibancada principal/sombra - Torcida do Campinense: R\$30,00 (inteira) e R\$15,00 (meia); Arquibancada geral/sol - Torcida visitante: R\$30,00 (inteira) e R\$15,00 (meia); Cadeiras - setor misto: R\$60,00 (inteira) e R\$ 30,00 (meia). Os bilhetes podem ser adquiridos pela internet através do site futebolcard.com.br.

No mais tradicional clássico do interior do Brasil, Treze e Campinense querem cada qual fazer jus a fábula “O Galo e a Raposa”. Com o Treze (Galo) fazendo defesa à sua classificação e o Campinense (Raposa) tentando dar o golpe, para evitar que o Galo voe alto.

A princípio, o duelo de hoje

contaria apenas com a presença da torcida mandante, como forma de combater o confronto entre torcidas e manter a segurança do torcedor nas arquibancadas. No entanto, uma decisão tomada pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB), órgãos representantes do Estado e dirigentes de Campinense e Treze, permitiu a presença das torcidas dos dois clubes.

As torcidas ficarão em lados opostos do Estádio Amigão, com a torcida do Campinense, mandante da partida, ocupando toda a arquibancada sombra/principal, enquanto que a do Treze ficará do lado sol/geral.

## Estatística

### Treze x Campinense

- 417 Jogos
- 141 Vitórias - Treze
- 112 Vitórias - Campinense
- 164 Empates
- 501 Gols - Treze
- 453 Gols - Campinense
- 16 Títulos PB
- 22 Títulos PB

Raposa x Galo, um clássico que consegue parar a cidade de Campina Grande, principalmente hoje, quando o resultado pode complicar o perdedor



AGRONEGÓCIO NO FUTEBOL

# Clubes e Confederação viram vitrine

*Locomotiva da economia brasileira fomenta também o futebol nacional e incentiva diversos times e torneios*

Agência Estado

Com uma quantia de US\$ 159 bilhões (R\$ 821 bilhões) em exportações no último ano, de acordo com o Ministério da Agricultura e Pecuária, o agronegócio tem sido a locomotiva da economia brasileira. No âmbito esportivo, o segmento, que emprega mais de 19 milhões de pessoas, fomenta o futebol nacional e incentiva diversos times e torneios.

Poucos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro não possuem parceria com empresas que tenham ligação com o agro. Todos os times considerados grandes apresentam contratos com companhias voltadas para o ramo, além do próprio torneio, que é patrocinado pela GIROAgro.

“O agronegócio no Brasil é um dos segmentos econômicos de maior evolução e capacidade de gerar riquezas, ajudando a reduzir as disparidades sociais. É o motor do Brasil e uma das grandes paixões nacionais, como também é o futebol. Somos uma das poucas empresas do setor que é 100% nacional e conectar a nossa marca com o futebol brasileiro tem tudo a ver com a nossa essência e com as nossas origens”, afirma Leonardo Sodré, CEO da GIROAgro.

Em vários locais do país, o desenvolvimento do futebol passa pelo incentivo recebido do agronegócio. De acordo com o último levantamento publicado pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o Mato Grosso obteve o segundo melhor lugar do ranking em geração de empre-

gos do setor agropecuário de 2022. O Cuiabá, único representante do estado na primeira divisão, exibe no uniforme de jogo o apoio da Agro Amazônia.

“O futebol tem recebido cada vez mais patrocínios de empresas ligadas ao agronegócio, e o Cuiabá está inserido nisso porque faz parte de um importante estado desse segmento. Para o Dourado contratar reforços tem sido fundamental os acordos que realizamos durante anos com o ramo. A Agro Amazônia, que é um dos nossos patrocinadores, é uma empresa que vem crescendo muito nos últimos anos e tem condições de investir no esporte. Para o Cuiabá esse crescimento do investimento do agro no futebol é muito bom”, diz Cristiano Dresch, vice-presidente do Cuiabá.

No mesmo sentido, Fábio Pizzamiglio, presidente do Juventude, comenta sobre a importância do agronegócio na história recente do clube. O mandatário fala ainda sobre os acordos realizados pelos times de cidades que possuem o agro como fonte de riqueza e desenvolvimento. “O agro brasileiro vem crescendo muito acima da maioria dos setores da economia, e isso obviamente é refletido nas ações de marketing. O futebol surfa nessa onda nos últimos anos, através de grandes patrocínios da área. No caso do Juventude, especificamente, um dos poucos grandes clubes que se localiza no interior do Brasil, em uma região que tem vínculo com a agricultura, recebemos apoio de grandes marcas de insumos para o agro, como, por exemplo, a

“  
**O futebol tem recebido cada vez mais patrocínios de empresas ligadas ao agronegócio, e o Cuiabá está inserido nesse segmento**

Cristiano Dresch

New Holland”, afirmou.

O Athletic Club, SAF de São João del-Rei (MG) que disputará a Copa do Brasil e a Série D do Brasileiro, é outra agremiação que faz parte dessa lista. Hoje, o time tem a empresa Alexandre Tratores, da concessionária Stara (linha brasileira de máquinas agrícolas) como patrocinadora. A marca conta com exposição no uniforme, no backdrop de entrevistas e nas placas de publicidade



Foto: Divulgação/Cuiabá

Cristiano Dresch diz que o Cuiabá exibe na sua camisa o apoio da Agro Amazônia

“Minas Gerais é um estado muito forte no agro. Acreditado que é essencial firmar parcerias com empresas desse tipo, porque todos nós temos o objetivo de fortalecer a nossa região, cada um em sua área de atuação. Quando nos unimos, colaboramos para o crescimento da economia local, seja por meio do agro ou por meio do esporte”, afirma Marcelo Leal, diretor executivo do Athletic

Em 2022, o agronegócio re-

presentou 47,6% do valor total exportado pelo Brasil e conta com projeção da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) de crescimento de até 2,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Dentro do âmbito futebolístico, 85% dos clubes do Brasileirão contam com o apoio do ramo.

Renê Salviano, CEO da Heatmap, empresa especializada em marketing esportivo e que intermediou o contrato entre a CBF e a GIROA-

gro, explica sobre a relação do agro com o futebol nacional: “É muito importante que nós, brasileiros, entendamos a importância do agro para o país, que pode ser considerado como um verdadeiro motor da economia. Aqui na agência estamos estudando muito este segmento e estamos apaixonados com o que temos aprendido. Acredito que ainda crescerá muito esta dobradinha do agro com o futebol”.

## FUTEBOL DE CEGOS

# Federação divulga países que vão participar da Copa do Mundo

A IBSA (sigla em inglês para Federação Internacional de Esportes para Cegos) divulgou os 16 países que vão disputar a Copa do Mundo 2023 de futebol de cegos, torneio que estará integrado dentro da programação dos Jogos Mundiais, em Birmingham, na Inglaterra. O Brasil, maior campeão da história com cinco títulos (2018, 2014, 2010, 2000 e 1998) e atual tricampeão consecutivo, buscará o hexa contra: Alemanha, Argentina, China, Colômbia, Espanha, França, Grã-Bretanha, Irã, Itália, Japão, Mali, Marrocos, México, Tailândia e Turquia. A competição acontecerá de 12 a 25 de agosto.

Além do sexto troféu, a Seleção Brasileira lutará pela classificação para os Jogos Paralímpicos de Paris 2024. Os três primeiros colocados da Copa do Mundo estarão automaticamente garantidos na Paralimpíada francesa. O país é, até hoje, o único ganhador de todas as edições – o futebol de cegos foi inserido na grade a partir de Atenas 2004. Outra possibilidade de obter vaga em Paris será via Jogos Parapan-Americanos, que serão disputados em novembro, no Chile. Nes-



Foto: Reprodução/twitter/CFB

No futebol de cegos, o Brasil é o maior campeão da história, com cinco títulos e, agora, busca o hexa em competição que será disputada na Inglaterra

te caso, apenas o campeão garante lugar.

A IBSA não deu maiores detalhes sobre o formato da Copa do Mundo, mas ele deverá seguir o modelo da edição de 2018, realizada em Madri, quando também foi jogada por 16 seleções divididas em quatro grupos de qua-

tro times cada. Os dois melhores de cada chave avançam às quartas de final. Naquela ocasião, o Brasil foi campeão com 100% de aproveitamento. Na fase de grupos, ganhou de Mali (6 a 1), Costa Rica (14 a 1) e Inglaterra (3 a 0). Nas quartas, despachou a Colômbia por 3 a 0. Depois, bateu a Chi-

na na semifinal (1 a 0). O título veio sobre a maior rival, a Argentina, com o placar de 2 a 0 na decisão.

O evento na Inglaterra acontecerá dentro da programação dos Jogos Mundiais, que reunirão, além do futebol de cegos, powerlifting, judô, goalball, xadrez, boli-

che, tiro, tiro com arco, shodown, críquete e tênis. A expectativa é de haver mais de mil atletas de 70 nações diferentes reunidos no campus da Universidade de Birmingham. A última edição foi realizada em 2015, em Seul, na Coreia do Sul, mas sem que houvesse a Copa do Mun-

do de futebol paralelamente. Além dos Jogos Mundiais e do Parapan, a temporada reserva à vitoriosa equipe brasileira a disputa do Grand Prix da IBSA, em São Paulo, em maio. O torneio acontecerá pela quinta vez na história, sendo a primeira na América do Sul.

BRASIL

# Debinha vira a nova líder da Seleção

Atacante, que joga no Kansas City dos Estados Unidos, assume o lugar de Marta, que está em final de carreira

Agência Estado

Foto: Lucas Figueiredo/CBF

A cinco meses do início da Copa do Mundo de Futebol Feminina, o Brasil passa por uma transição de gerações de talentos. Aos 37 anos, Marta está ciente de que sua trajetória na Seleção Brasileira está perto do fim e aproveita para indicar o caminho das pedras para sua sucessora. Debinha já provou que pode assumir o papel de líder da equipe dentro e fora de campo.

Aos 31 anos, Debinha não é nenhuma novata, mas passa por seu melhor momento na carreira. Jogadora do Kansas City Current, dos Estados Unidos, ela figurou entre as 14 indicadas da Fifa ao prêmio de melhor jogadora do mundo, mas ficou fora da lista de finalistas, que incluiu Beth Mead (Inglaterra/Arsenal), Alex Morgan (EUA/San Diego Wave) e Alexia Putellas (Espanha/Barcelona).

A SheBelieves Cup, torneio amistoso em que o Brasil encerrou sua participação na última quarta-feira ao perder de 2 a 1 para os EUA é mais um passo nesta transição. A técnica Pia Sundhage trouxe Marta para o grupo justamente para dividir sua experiência. Ela foi utilizada no decorrer dos jogos. Debinha foi titular e marcou o gol no triunfo diante das japonesas, com passe da companheira e eterna camisa 10.

“É sempre sobre a hora certa de trazer as jogadoras para o jogo e na segunda vez que a Marta toca na bola ela tem o um contra um. Eu fiquei impressionada com o fato de ela não estar jogando e ainda assim ganhar o um contra um pelo lado esquerdo, isso é altíssimo nível considerando que ela não está atuando”, destacou Pia, após o triunfo diante do Japão. “E nossa querida Debinha, ela aparece e traz as jogadoras para o jogo.”

Debinha não é importante para o futuro da seleção apenas pela parte técnica. No vestiário, ela é considerada uma liderança para o grupo. Tem voz ativa e o respeito das companheiras.

Carreira

Débora Cristiane de Oliveira nasceu em Brazópolis, município de Minas Gerais que conta com menos de 15 mil habitantes, segundo o último censo. Aos 15 anos, iniciou sua carreira no futebol profissional, contratada pelo Lorena. Seis anos depois, e passando por clubes do futebol brasileiro como Portuguesa e Saad, se transferiu para a Liga Norueguesa - uma das mais fortes do mundo.

No país nórdico, Debinha defendeu o Avaldsnes IL por três temporadas. Conseguiu se firmar como uma das principais artilheiras da competição, mas em 2014 retornou ao Brasil, por um curto período, para defender o São José na Copa Libertadores Feminina. Campeã continental, retornou à Noruega em janeiro de 2015.



Debinha foi um dos destaques da Seleção Brasileira no Torneio SheBelieves, disputado esta semana, e passa a ser esperança do Brasil na Copa do Mundo deste ano

Nesse meio tempo, a atacante crescia como uma opção para a seleção brasileira. Em 2011, Debinha recebeu sua primeira oportunidade para defender o Brasil nos Jogos Pan-Americanos, realizados em Guadalajara, no México.

Após deixar a Noruega, Debinha teve uma breve passagem, entre 2016 e 2017, pelo futebol chinês. Seria somente nos Estados Unidos, a partir de 2017, que a atacante iria brilhar no cenário mundial. Ao assinar com o North Carolina Courage, ela passou a atuar também como meia e se transformou em uma peça indispensável do esquema da equipe.

Em seu primeiro ano, disputou todas as partidas da National Women's Soccer League (NWSL). Em suas seis temporadas, conquistou seis títulos nos Estados Unidos, mas não teve seu contrato renovado para 2023. A partir deste ano, ela defenderá o Kansas City Current, também da NWSL.

Copa

Neste ano, Debinha disputará sua segunda Copa do Mundo com a Seleção Brasileira. Na França, em 2019, pouco conseguiu ajudar a equipe e terminou a competição sem marcar um gol sequer. Neste ano, mais madura e como uma das indicadas ao prêmio de melhor do mundo, terá na Austrália e Nova Zelândia a chance de brilhar pelo Brasil.

No último ano, Debinha foi decisiva na conquista da Copa América de 2022. Com cinco gols marcados - incluindo do título, na final contra a Colômbia -, mostrou o porquê de Pia considerá-la como uma dos pilares da renovação da Seleção.

## Pia Sundhage destaca a importância do trabalho em grupo para a equipe crescer

Bicampeã olímpica, a técnica Pia Sundhage tem propriedade para falar e projetar as necessidades da Seleção Feminina para a Copa do Mundo FIFA 2023. Um dos pontos levantados pela treinadora ao final da SheBelieves Cup foi a importância do trabalho em grupo para que a equipe possa poder surpreender no torneio que será disputado na Austrália e Nova Zelândia em julho.

“Nós temos um longo caminho a percorrer. Para vencer jogos, primeiro, você precisa criar chances. Nós criamos chances. E você não pode sofrer gols bobos. Hoje, o grande aprendizado, é que temos de trabalhar juntas. Juntas na marcação e também no ataque. Isso não é para uma ou dois jogadores que vão mudar o jogo. Tem de ser o time todo. O nível que

jogamos contra uma das melhores equipes do mundo, na Copa do Mundo, os EUA, mostra que nós temos ainda um longo caminho a percorrer”, definiu.

O jogo contra os Estados Unidos na última quarta-feira foi o 51º de Pia Sundhage no comando técnico brasileiro - ela fez 50 contra o Canadá -. São 31 vitórias, 11 empates e 9 derrotas. Antes da Copa do

Mundo FIFA 2023, a Seleção Brasileira enfrenta a Inglaterra, pela Finalíssima, torneio que coloca frente a frente as campeãs da Copa América e da Europa. O jogo será disputado em Wembley, em Londres, no dia 6. Já a estreia no Mundial na Austrália e Nova Zelândia vai ser no dia 24 de julho, partida contra o Panamá, que conquistou a sua classificação para o torneio.

Foto: Thais Magalhães/CBF



Pia Sundhage ao lado de Marta na comemoração dos 50 jogos pela Seleção na partida contra o Canadá durante o SheBelieves

CORINTHIANS

# Fausto espera ser titular no clássico

*Jogador argentino, ainda desambientado no Brasil, está confiante em começar o jogo contra o Santos, na Vila Belmiro*

Agência Estado

Na expectativa de voltar ao time titular do Corinthians no clássico contra o Santos, neste domingo, às 16h, na Vila Belmiro, o argentino Fausto Vera revelou que ainda busca adaptação ao Brasil. Contratado em julho de 2022 pra sua primeira aventura longe de casa, o volante revelou que ainda se sente sozinho em solo verde e amarela e que busca refúgio em séries de tvê e no mate. Fausto chegou ao clube com o Brasileiro de 2022 rolando e foi

logo se firmando entre os titulares, ainda sob o comando de Vitor Pereira, jogando uma sequência de jogos. Neste ano, sob a direção de Fernando Lázaro, também largou como titular, mas um entorse no tornozelo na estreia contra o Red Bull Bragantino o deixou fora por algumas rodadas. Ele retornou na reserva, mas tem tudo para ser novidade na Vila Belmiro. Apesar de já se passarem oito meses da chegada ao Corinthians, Fausto não esconde que ainda não está totalmente adaptado. “Na Ar-

gentina, sempre ficava mais com a minha família e entre amigos. Por estar em outro país, fico um pouco mais sozinho, mas é questão de se acostumar”, disse às mídias oficiais do Corinthians. “Aqui em São Paulo saio bastante para jantar e fico com a minha família. Quando estou sozinho, gosto de treinar pela manhã e, à tarde, sigo trabalhando também mais um pouco na academia. Depois gosto de descansar em casa, assisto séries e tomo um mate”, revelou sua rotina. O Corinthians

não conta com compatriotas de Fausto, o que dificulta sua ambientação. Os gringos do elenco são os paraguaios Romero e Balbuena e o colombiano Cantillo. Mesmo se sentindo sozinho em alguns momentos, ele festeja sua fase da carreira. “O Corinthians é meu segundo clube na carreira e estou muito contente aqui. Ano passado foi bem lindo, tive situações bem marcantes para minha carreira futebolística, então fico muito contente em estar aqui”, enfatizou.



Foto: Rodrigo Coca/Agência Corinthians

O técnico do Corinthians, Fernando Lázaro, observa treinamento coletivo visando a disputa do clássico deste domingo contra o Santos

AUTO ESPORTE

# Dirigente assume a culpa por novo rebaixamento

Fabiano Sousa  
fabianogool@gmail.com

Antes da disputa do Campeonato Paraibano, a diretoria do Auto Esporte já traçava os planos da equipe na competição. O objetivo seria manter o clube na elite do futebol paraibano durante os nove jogos disputados na primeira fase, mas bastaram oito jogos para o planejamento ir por água abaixo e o alvirrubro somar mais um triste capítulo na sua história. O novo desafio passa a ser a reformulação do clube para 2024. O clube, detentor de seis títulos estaduais, é dono de uma campanha melancólica na disputa do atual Certame Estadual. O Clube do Povo sempre figurou na parte de baixo da tabela desde o início da competição, somou apenas dois pontos dos 24 disputados até agora, totalizando um retrospecto de dois empates e seis derrotas. Campanha que custou o quarto rebaixamento do alvirrubro após a derrota para o Serra Branca por 3 a 2, no meio de semana. “Antes de qualquer coisa é necessário pedir desculpas ao torcedor. Toda a campanha foi aquém do trabalho planejado desde 2022 com a aposta na base, no profissionalismo do treinador Reginaldo Sousa, até a chegada de Douglas Andrade para essa reta final. Apesar de toda crise financeira enfrentada, assumo a responsabilidade, pois fui eu quem projetou toda a formação do elenco e comissão técnica para a disputa da competição”, comentou o vice-presidente, Joacil Júnior. O clube agora cumpre apenas tabela na última rodada do torneio estadual e se despede da 1ª Divisão contra o Campinense, em João Pessoa, com a partida ainda sem definição de data e horário pela Federação Paraibana de Futebol. Sacramentado mais um rebaixamento, o clube agora já traça os planos para o futuro de olho no retorno à elite do futebol paraibano. “Além de dirigente, sou um torcedor apaixonado do clube. Caso a diretoria não pretenda continuar com o meu trabalho, vou compreender da melhor forma. Não me omito da responsabilidade pelo fracasso, da mesma forma que estarei à disposição para buscar dias melhores para o clube. A nova batalha já começa a partir de agora, moveremos situações para trazer o Auto de volta ao lugar que ele merece”, finalizou Joacil.



Foto: Reprodução/Instagram

A derrota de 3 a 2 para o Serra Branca, na última quinta-feira, decretou o quarto rebaixamento do Auto Esporte no Paraibano

## Títulos

Time alvirrubro detém seis conquistas estaduais e a última aconteceu no ano de 1992

## Jogos de hoje

- ALAGOANO

16h

Murici x CRB

Coruripe x CSA

Cruzeiro x ASA

Desportivo x CSE
- BAIANO

16h

Vitória x Barcelona

Jacuiense x Juazeirense

Itabuna x Bahia

Atlético x Doce Mel

Bahia de Feira x Jacobinense
- BRASILIENSE

15h

Real Brasília x Brasiliense

15h30

Brasília x Gama

15h45

Samambaia x Ceilândia
- CARIOCA

15h30

Bangu x Volta Redonda
- PAULISTA

16h

Santos x Corinthians

18h30

Palmeiras x Ferroviária

20h40

Portuguesa x São Bento
- CATARINENSE

17h

Chapecoense x Atlético

19h

Hercílio Luz x Joinville

Brusque x Camboriú
- MINEIRO

16h

Ipatinga x Pouso Alegre
- PARAENSE

9h45

Itupiranga x Águia de Marabá

17h

Remo x Cametá
- PARANAENSE

16h

Operário x Coritiba

Londrina x Athletico

Cascavel x Foz do Iguaçu

Cianorte x Aruko

Azuriz x Rio Branco-PR

Maringá x São Joseense
- PARAIBANO

19h

Campinense x Treze
- PERNAMBUCANO

15h

Belo Jardim x Central

16h

Caruaru City x Sport

16h30

Afogados x Maguary
- POTIGUAR

16h

Santa Cruz x América
- SERGIPANO

15h15

América x Atlético

16h

Sergipe x Itabaiana

# Uma fonte de expressão campinense

Jornal O Rebate foi criado na década de 1930 pelos jornalistas Luiz Gil, Pedro D’Aragão e Eurípedes Oliveira

Hilton Gouvêa  
araujogouvea74@gmail.com

O escritor e poeta paraibano Rau Ferreira mais uma vez nos premia com as histórias de destacados jornalistas de Campina Grande que criaram o periódico O Rebate, um dos jornais mais duradouros da história campinense. De acordo com Rau, esse jornal surgiu em 4 de outubro de 1932 pelas mãos de Luiz Gil, Pedro D’Aragão e Eurípedes Oliveira, “jornalistas renomados da terrinha campinense” e permaneceu ativo até a década de 1960.

“Em discurso de Afrânio Aragão (filho de Pedro D’Aragão), perante a Academia Paraibana de Letras, está escrito que ‘O Rebate circulou ininterruptamente por mais de 20 anos, até que, após a morte do professor Luiz Gil, papai resolveu tomar a decisão de encerrar essa atividade jornalística’”, destaca Rau Ferreira.

Naquele pronunciamento, Afrânio Aragão acrescentou: “O Rebate foi um centro não somente de formação, mas de meio de expressão de ideias e posições políticas de dezenas de campinenses e paraibanos de destaque, como Abel Correia, Adauto Rocha, Antônio Mangabeira, Carlos Agra, Cristino Pimentel, Egídio Lima, Elísio Nepomuceno, Elpídio de Almeida, Epaminondas Câmara, Epitácio Soares, Eurípedes de Oliveira, Evaldo Cruz, Everaldo Luna, Félix Araújo, Gilberto Leite, Hortêncio Ribeiro, José Leite Sobrinho, José Lopes de Andrade, Lino Gomes, Luiz Gil de Figueiredo, Mauro Luna, Nilo Tavares, Osmário Lacet, Pedro D’Aragão, Otávio Amorim, Severino Procópio e William Tejo”.

Em O Rebate também chegaram a atuar Wallace Figueiredo (filho do professor Gil) e Gonzaga Rodrigues (‘Notas do meu lugar: Crônicas’, 1978). “Nas edições às quais tivemos acesso, fornecidas em arquivo digital pelo ilustre pesquisador Jônatas Pereira, e também pelo adido cultural Walter Tavares”, destaca Rau Ferreira, “pode-se ver a variedade de anúncios promovida por aquele jornal”.

E ele dá alguns exemplos. Está registrado nas páginas do periódico: “Escritório de Engenharia de Austro França Costa, na Rua Rui Barbosa, 136; a Indústria de Laticínios Vitória, na Rua 13 de Maio, 327; a Farmácia Confiança, na Praça Epitácio Pessoa; e da Sucata Campinense, na Rua Presidente João Pessoa, 336”.

“O Rebate foi um centro não somente de formação, mas de meio de expressão de ideias e posições políticas de dezenas de paraibanos

Afrânio Aragão



Ilustração: Tônio



Foto: Reprodução

O Rebate é um dos periódicos mais duradouros da história da comunicação e do jornalismo de Campina Grande; ele surgiu em 4 de outubro de 1932, circulou ininterruptamente e permaneceu ativo até a década de 1960

## Escritor, poeta e professor

Luiz Gil é patrono da Associação Campinense de Imprensa (ACI), professor, escritor, jornalista e poeta (‘Raízes ibéricas, moursas e judaicas do Nordeste’, 2002). Nasceu em Santa Luzia, interior paraibano, em 17 de setembro de 1895. E teria chegado na cidade de Esperança por volta dos anos de 1930, nomeado que fora como adjunto da Cadeira de Ensino do Sexo Masculino, em maio de 1931.

Ainda nessa mesma década, organizou o Bloco Coronel nas Ondas, ao lado de personalidades como Silvino Olavo, Teotônio Costa, Manuel Rodrigues, Teotônio Rocha e Juvino Brandão. Há notícias de que tenha atuado no jornal O Tempo, órgão dirigido por José de Andrade, com gerência de Teófilo Almeida. Essa experiência talvez tenha ajudado a fundar, em Campina Grande, o semanário O Rebate. Também em Campina, onde se radicou após deixar Esperança, participou da Sociedade Beneficente dos Artistas, exerceu o magistério e se tornou conhecido como orador e poeta.

Pedro D’Aragão nasceu em 1º de julho de 1900, em São José do Egito, em Pernambuco. Era filho de André Alvinho Correia de Aragão e Alexandrina Maria do Espírito Santo. Sua mãe era doméstica e deficiente, o genitor era funileiro. Residiu em Umbuzeiro, na Paraíba, onde conheceu Umbelina, de cujo consórcio resultou sete filhos. Radicou-se em Campina Grande, onde começou a fabricar malas para vender nas feiras.

Trabalhou no recenseamento de 1940, foi funcionário da prefeitura e também professor de música. Dedicando-se ao comércio, quando instalou a Livraria Modelo, primeiro estabelecimento a vender, também, instrumentos musicais no chamado Compartimento da Borborema.

Como sindicalista, atuou em várias associações, sendo vice-presidente da Federação do Comércio Varejista, presidente do Conselho do Sesc e Senac na Paraíba e cofundador do Sindicato do Comércio Atacadista da Paraíba. Como jornalista, participou não apenas em O Rebate, mas também em A Metralha, que circulava nas festividades de Natal e Ano Novo em Campina Grande, ao lado do professor Luiz Gil e dos jornalistas Nilo Tavares e Epitácio Soares.

Nesses anais consultados por Rau, pouco se encontrou sobre Eurípedes de Oliveira, a não ser que foi jornalista e construtor de açudes.

Foi ex-aluno do atuante advogado Clementino Procópio, que livrou da cadeia a mulher que matou Serrote, um ex-cangaceiro de Antônio Silvino que, fora da cadeia, extorquia, sob ameaças, alguns comerciantes de Campina Grande.

## História

**Luiz Gil, nascido em Santa Luzia, é o patrono da Associação Campinense de Imprensa**

Manuel Tavares

Um homem obcecado pela política e admirador do jornalismo



O jornalista Manuel Tavares Cavalcanti escreveu em A União, O Combate, A Notícia e em O Norte

Hilton Gouvêa  
araujogouvêa74@gmail.com

Homem obcecado pela política e admirador do jornalismo, Manuel Tavares Cavalcanti, ao escrever sobre a instauração da República no Brasil, 21 anos depois do acontecido, simplesmente comentou: “Agora eu acredito que o país aderiu todo de uma vez ao novo regime”. Ele foi feliz e infeliz na política: depois de deputado estadual, foi eleito deputado federal por duas vezes, nos períodos de 1909 a 1911 e de 1921 a 1929, concorreu a uma vaga ao Senado Federal em 1930, pela chapa da Aliança Liberal, mas não assumiu o cargo por não ter seu diploma reconhecido pela Comissão de Verificação de Poderes.

O jornalista Manuel Tavares Cavalcanti, que escreveu “artigos excelentes” em A União, O Combate, A Notícia e em O Norte, nasceu na cidade brejeira de Alagoa Nova, na zona canavieira da Paraíba, em 16 de agosto de 1881, sete anos antes da abolição da escravidura no Brasil oito antes da Proclamação da República.

Era filho de João Tavares de Melo Cavalcanti e de Maria das Neves Pereira de Araújo Tavares Cavalcanti. Formou-se na Faculdade de Direito de Recife, em dezembro de 1901, e passou a advogar em seu estado natal. Em 1904 foi nomeado professor da Escola Normal da Paraíba e do Liceu Paraibano e, em 1906, delegado fiscal do governo junto ao Colégio Diocesano. Em 1907 foi eleito deputado estadual na Paraíba e, em 1909, deputado federal.

Ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, até o ano de 1911, e, durante esse mandato, fez parte da Comissão de Instrução Pública. No governo de Francisco Camilo de Holanda, na Paraíba, no período de 1916 a 1920, foi nomeado chefe de Polícia do Estado. Em 1921 voltou a ser eleito deputado federal. Foi reeleito nos pleitos de 1924 e 1927, exercendo o mandato até dezembro de 1929.

Em 1930 concorreu a uma vaga ao Senado Federal na chapa da Aliança Liberal, que tinha como candidato a presidente da República o gaúcho Getúlio Vargas e a vice o presidente da Paraíba João Pessoa, seu aliado político. Apesar de eleito, não tomou posse, pois não teve seu diploma reconhecido pela Comissão de Verificação de Poderes. Em seu lugar, foi diplomado José Gaudêncio de Queiroz.

Manuel Tavares foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) e membro Academia Paraibana de Letras (APL). No Rio de Janeiro, exerceu os cargos de escrivão do juízo de menores, primeiro inventariante judicial e professor de Direito Romano na Universidade Católica. Ainda como jornalista, colaborou com a revista paraibana Era Nova e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Morreu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 1º de abril de 1950.



Foto: Domínio Público

O apelo em socorro ao IHGP

O jornalista Irineu Jofilly e outros de igual quilate classificaram como ilustre o também jornalista Manuel Tavares Cavalcanti que, “em estratégica reunião” dos integrantes do IHGP, em 1905, fez o seguinte comentário: “Ao aproximar-se, no ano passado a data de nossa independência política, surgiu em alguns espíritos dotados de alto civismo e de grande iniciativa, a ideia de comemorá-la dignamente”.

Ele se referia ao “estado de penúria” em que se encontrava o IHGP, que “apesar de ter-se enviado ofício ao governo estadual solicitando que a entidade ocupasse o primeiro andar do Tribunal de Justiça do Estado, nenhuma providência foi tomada”. Em 1914, Manoel Tavares Cavalcanti renovou igual pedido ao governador Flávio Maroja e o IHGP ainda permaneceu sem sede própria.

Em 1930, Manuel Tavares concorreu a uma vaga ao Senado Federal na chapa da Aliança Liberal, que tinha como candidato a presidente da República Getúlio Vargas (na foto) e a vice, o paraibano João Pessoa

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Fazer comunicação pública não é agradar ao gestor de ocasião

Quem é da área de comunicação e atua em órgãos públicos sabe como é difícil, e por vezes desgastante, fazer um trabalho eficiente sem esbarrar no ego e nas vontades (assim mesmo, no plural) de determinados chefes. Sim, muitas pessoas ignoram, mas fazer comunicação pública não é, em hipótese alguma, agradar ao gestor de ocasião.

Para o pesquisador Jorge Duarte, comunicação pública é aquela voltada para o cidadão. “Em grande medida tal comunicação é responsabilidade do setor público. Mas a comunicação pública vai além do estado e seus órgãos institucionais, administrativos, e inclui toda comunicação que busca alcançar uma pessoa na sua perspectiva de cidadã”.

O conceito acima integra o Guia de Comunicação Pública, elaborado pela Associação Brasileira de Comunicação Pública (ABCP) e disponível gratuitamente na internet. Conforme o manual, “a comunicação pública diz respeito a dar acesso, agir com transparência, dar informação. Significa também estimular a participação social das pessoas naquilo que lhes diz respeito”.

Em outubro de 2021, aliás, a ABCP, já havia lançado os ‘12 Princípios da Comunicação Pública’, definidos após consulta aberta ao público. Para que a comunicação pública ocorra, precisa ser pensada



Foto: Gerd Altmann/Pixabay

e executada na perspectiva do cidadão e envolvendo questões coletivas.

Conforme estabelecido pela ABCP, são estes os 12 postulados da comunicação pública: 1. Garantir o acesso amplo à informação; 2. Fomentar o diálogo; 3. Estimular a participação; 4. Promover os direitos e a democracia; 5. Combater a desinformação; 6. Ouvir a sociedade; 7. Focar no cidadão; 8. Ser inclusiva e plural; 9. Tratar a comunicação como política de estado; 10. Garantir a impessoalidade; 11.

Pautar-se pela ética; e 12. Atuar com eficácia.

Ao ler em detalhes os princípios, identifique questões que percebo como caras e essenciais para a prática diária de comunicadores, como: linguagem simples, diálogo, participação/cidadania ativa, justiça, equidade, ética, combate à desinformação, controle social, atendimento às demandas/interesses do cidadão, qualidade da interlocução e indicadores de eficácia.

E os profissionais responsáveis por dar

“cara e voz” à comunicação pública, como jornalistas, publicitários, relações públicas, técnicos e operadores de televisão, rádio, fotógrafos, videomakers e designers, precisam estar atentos a tudo isso! Afinal, são esses profissionais que trabalham para fazer a ligação entre as demandas dos cidadãos e as responsabilidades do estado.

Sobre a atuação profissional na área de comunicação pública, inclusive, a ABCP tem como uma de suas bandeiras a criação da carreira de gestor em comunicação pública. “O comunicador público, além de dominar técnicas e habilidades específicas – jornalismo, publicidade, relações públicas, vídeo, cinema etc. –, precisa de ampla base de conhecimentos, o que inclui noções jurídicas e compreensão da constituição do estado brasileiro e suas características”, defende a entidade.

Para a Associação Brasileira de Comunicação Pública, a existência de uma carreira permite a profissionalização dessa atividade nas instituições públicas, visto que a comunicação pública, em suas diversas dimensões, precisa de especialistas capacitados para elaborar estratégias e ações na interface dos cidadãos com o estado. Como consequência, haverá a consolidação de uma cultura centrada no cidadão e não nas autoridades (e suas vontades infinitas...).

Tocando em Frente

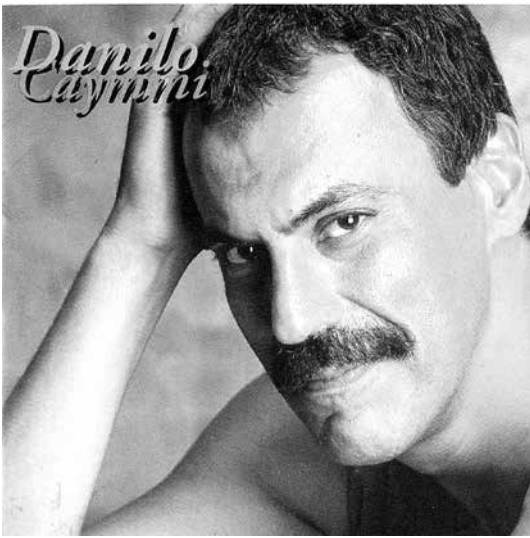


O som que vem da Bahia – A saga Caymmi continua – Conclusão

Danilo (Cândido Tostes) Caymmi (Rio, 1948) – flautista, violonista, cantor, compositor e arranjador musical. O mais novo da prole de Caymmi e Stella, é pai da cantora e advogada Juliana (Terra Borba) Caymmi, filha de Ana Terra; outra artista, no caso, Alice (Malagutti) Caymmi, é fruto do relacionamento de Danilo com a também cantora Simone (Malagutti) Caymmi.

A estreia dele como profissional da música se deu em 1964, como flautista, no álbum ‘Caymmi visita Tom’, do pai, Dorival Caymmi. Como compositor, estreou em 1967, com a sua criação ‘De brincadeira’ (em parceria com Edmundo Souto), gravada por Mário Castro-Neves, porém o grande sucesso veio, em 1968, com ‘Andança’ (parceria com Edmundo Souto e Paulinho Tapajós), que obteve o terceiro lugar no III FIC (Festival Internacional da Canção), da TV Globo, na interpretação de Beth Carvalho, com backing vocal do então já consagrado grupo Golden Boys, que transitou entre o rock da Jovem Guarda e a MPB.

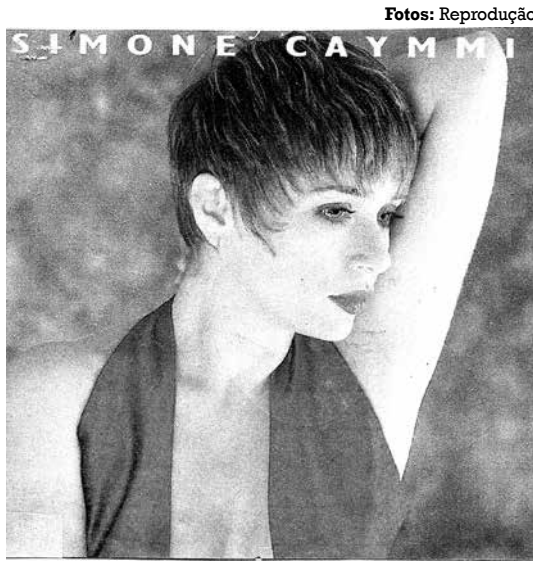
Em 1969, em parceria com Gutemberg Guarabyra, outro baiano, e Renato Correia, dos Golden Boys, Danilo vence o Festival



de Juiz de Fora-MG, com a música ‘Casaco marrom’, que obteve enorme sucesso popular na voz de Evinha, que havia integrado (1961/1967) o Trio Esperança.

Por volta de 1983, Danilo foi integrante da Banda Nova, que servia de apoio às apresentações de Tom Jobim.

Danilo esteve sempre presente, participando de alguns álbuns que a família gravava, como ‘Caymmi’s grandes amigos’



Fotos: Reprodução

(1986), ‘Família Caymmi: Dori, Nana, Danilo e Caymmi – Ao Vivo’ (1987), ‘Família Caymmi em Montreux’ (1992), ‘Para Caymmi, de Nana, Dori e Danilo’ (2004), ‘Falando de Amor – Família Caymmi & Jobim’ (2005); álbum que faz parte de sua discografia é também ‘Beto Guedes, Danilo Caymmi, Novelli e Toninho Horta’ (1973); em solo, destaques para as criações de ‘Nada a perder’ (da novela ‘Pátria Minha’, de 1994) ‘Eu, você, nós dois’

(1998), além de trilhas sonoras, como em ‘O patriota’ – com Manu Lâter (2004).

Participou também de eventos e festivais, como o Fire Festival da Itália (2001), em companhia de Marcos Valle, Wanda Sá e Roberto Menescal; apresentou-se igualmente com esses dois últimos em Estocolmo (Suécia), Helsinki (Finlândia) e Moscou (Rússia), em 2002.

Como instrumentista, acompanhou shows de Chico Buarque, Simone, Gonzaguinha, Milton Nascimento e, obviamente, dos irmãos Nana e Dori.

Composições dele tiveram como intérpretes Elis Regina, Gal Costa, Beth Carvalho, Joyce, Luiz Eca, Evinha, MPB-4, Aláide Costa e Fagner, entre outros.

• • •

Simone (Malaguti) Caymmi (Rio, 1958) – cantora, casou-se com Danilo Caymmi, em 1979. Fez parte da Banda Nova, que participava dos shows de Tom Jobim, tendo atuado nos álbuns ‘Passarim’, ‘Família Jobim’, ‘Antônio Brasileiro’ e ‘Tom Jobim: inédito’. Iniciou a carreira solo em 1955, quando lançou o álbum ‘Simplesmente Caymmi – Simone Caymmi’.

GUERRA DE TROIA

Presente grego nunca teria sido um cavalo

Arqueólogo diz que objeto era um barco e foi erro na tradução da história

Da Redação

Não há evidências de que o chamado Cavalo de Troia tenha sido mesmo um cavalo de madeira. Há outras teorias que tentam explicar a história mitológica em que os gregos utilizaram um estratagema decisivo para conquistar a cidade fortificada pelos troianos.

Tomado pelos troianos como um símbolo da sua vitória, o Cavalo de Troia foi carregado para dentro das muralhas, sem saberem que no seu interior estava escondido o inimigo. À noite, os guerreiros saíram do cavalo, dominaram as sentinelas e possibilitaram a entrada do exército grego, levando a cidade à ruína.

É uma história inspiradora, mas até hoje não há evidências históricas de que o Cavalo de Troia existiu ou que os eventos descritos na história realmente aconteceram. É possível que a história seja to-

talmente fictícia ou uma combinação de diferentes eventos históricos e lendas.

Quanto à representação do cavalo, não é totalmente claro se ele era realmente um cavalo ou apenas um termo usado para descrever uma grande estrutura de madeira que os gregos construíram para enganar os troianos.

De acordo com o registrado pelo jornalista Daniel Costa, no Portal Zap, alguns estudiosos do assunto acreditam que o termo “cavalo” pode ter sido usado como uma metáfora ou código para os guerreiros gregos escondidos dentro da estrutura de madeira, em vez de uma descrição literal do presente oferecido aos troianos.

Segundo o Hurriyet Daily News (jornal diário publicado em inglês mais antigo da Turquia - fundado em março de 1961), o arqueólogo naval italiano Francesco Tiboni argumentou que o Cavalo de

Troia era, na realidade, um barco, mas foi repercutido ao longo da história como um cavalo graças a um problema na tradução do grego antigo.

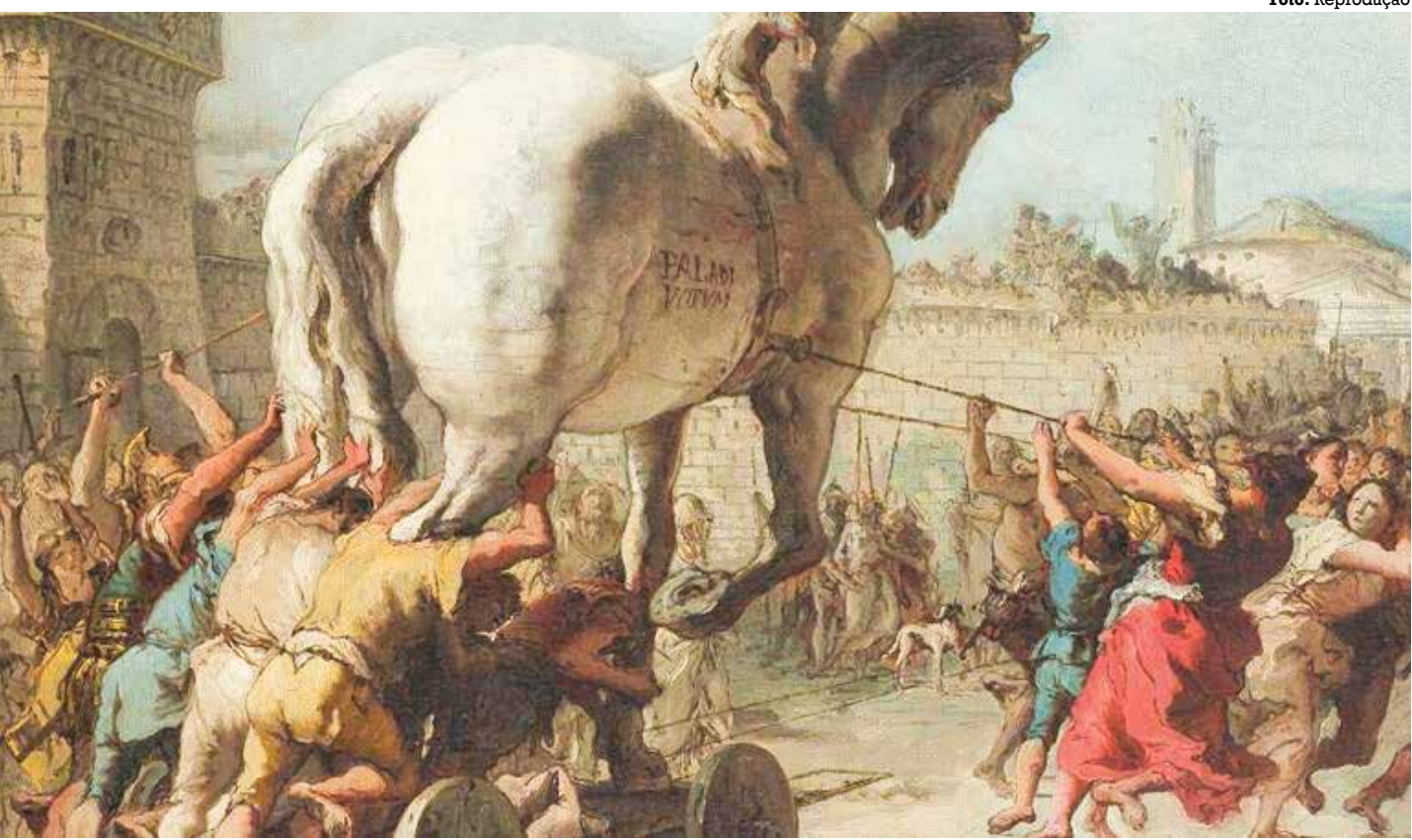
Outra explicação popular é de que o chamado Cavalo de Troia seria, na realidade, um aríete (máquina de guerra com que se derrubavam as muralhas ou as portas das cidades sitiadas) coberto de peles de cavalo.

“O cavalo de madeira é uma fábula imaginativa, talvez inspirada na forma como as antigas máquinas de cerco eram revestidas com peles de cavalo húmidas para impedir que fossem incendiadas”, disse o especialista Armand D’Angour, citado pela Universidade de Oxford.

A Guerra de Troia, de acordo com a mitologia grega, foi um grande conflito bélico entre os aqueus das cidades-estados da Grécia e Troia, possivelmente ocorrendo entre 1.300 a.C. e 1.200 a.C., no fim

da Idade do Bronze no Mediterrâneo. Segundo a lenda, a guerra teria se originado a partir de uma disputa entre as deusas Hera, Atena e Afrodite, após Éris, a deusa da discórdia, dar a elas o pomo de ouro, também conhecido como “Pomo da Discórdia”, marcado para “a mais bela”.

Zeus mandou as deusas para Páris, que julgou Afrodite como a mais bela. Em troca, Afrodite fez Helena, a mais bonita de todas as mulheres e esposa do rei grego Menelau, se apaixonar por Páris, que então a levou para Troia. Agamênon, rei de Micenas e irmão de Menelau, reuniu os aqueus (gregos), liderou uma expedição contra Troia e cercou a cidade por 10 anos, como uma represália pelo insulto de Páris. Após a morte de muitos heróis, incluindo Aquiles e Ájax (entre os gregos) e Heitor e Páris (entre os troianos), a cidade caiu após a introdução do Cavalo de Troia.



‘Procissão do Cavalo de Troia’, de Giovanni Domenico Tiepolo, é uma apresentação artística da luta entre gregos e troianos

Tiras

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!



# Sapo-cururu, o maior do mundo

Após um sapo-cururu de 2,7 quilos ser encontrado em uma trilha do Parque Nacional Conway, na Austrália, novas discussões surgiram sobre a espécie de anfíbio. Será que ela realmente consiste em espécimes com dimensões assustadoras?

# Fogueira para retirar veneno

No oeste da Colômbia, índios Choco costumavam colocar o sapo-cururu em tubos de bambu posicionados sobre uma fogueira a céu aberto. O aumento da temperatura permitia que o veneno dos animais fosse removido sem afetar o manipulador, para ser armazenado em uma garrafa e posteriormente utilizado para banhar pontas de flechas e dardos de zarabatana.

# Fêmeas são maiores que os machos

Normalmente, a média de comprimento do sapo-cururu atinge de 10 a 15 centímetros de comprimento e pesa cerca de três quilos. No entanto, a história já registrou indivíduos bem maiores que sobreviveram a condições adversas na natureza e desenvolveram dimensões surpreendentes. Em relação ao gênero, os répteis são dimórficos, com as fêmeas sendo maiores que os machos.

# Indivíduos canibais por essência

Em um único ciclo reprodutivo, fêmeas dos anfíbios podem gerar entre oito a 30 mil ovos, que eclodem em girinos por um período estendido de quatro a oito semanas. Esse estágio evolutivo do sapo resulta em indivíduos canibais por essência, que se alimentam de ovos e “primos” de outros sapos em um processo exclusivo da espécie. Qualquer ser vivo que tente se alimentar dessas criaturas estará digerindo substâncias altamente venenosas.

# Alucinógenos como drogas psicodélicas

Quando ameaçados, os sapos-cururus secretam substâncias químicas, incluindo O-metil-bufotenina, capaz de gerar efeitos alucinógenos. Esse composto está relacionado à categoria de drogas psicodélicas e causa um intenso êxtase no corpo humano, resultando em impactos ainda mais severos de acordo com a intensidade do contato. Estudos apontam que músculos enfraquecidos, vômitos recorrentes, convulsões e parada cardíaca são apenas algumas das consequências dessa ingestão.

# Presente para o príncipe inglês

Na década de 1980, quando o então príncipe Charles (hoje rei da Inglaterra) estava há pouco tempo casado com Diana Spencer, o membro da realeza foi presenteado com um artefato de sapo-cururu. Porém, a lembrança não consistiu em um animal vivo, mas sim em um livro encadernado com peles do anfíbio. A obra foi cedida pelo Departamento de Defesa da Austrália e todas as medidas foram revistas para que o produto não apresentasse nenhum resquício de veneno.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - listas do tigre; 2 - bigode do tigre; 3 - clava; 4 - tanga; 5 - rabo do filho-  
6 - pedras e esquerda; 7 - fumaça; 8 - rachadura na pedra; e 9 - lava.